



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Fabíola Nascimento Camilo

**As práticas de lazer em uma favela carioca: reflexões sobre
essencialismos, heterogeneidade e marcas de identificação social**

Rio de Janeiro
2011

Fabíola Nascimento Camilo

**As práticas de lazer em uma favela carioca: reflexões sobre essencialismos,
heterogeneidade e marcas de identificação social**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sandra Maria Corrêa de Sá Carneiro

Coorientadora: Prof.^a Dra. Márcia da Silva Pereira Leite

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

C183 Camilo, Fabíola Nascimento.

As práticas de lazer em uma favela carioca: reflexões sobre essencialismos, heterogeneidade e marcas de identificação social / Fabíola Nascimento Camilo. – 2011. 162 f.

Orientador: Sandra Maria Corrêa de Sá Carneiro.

Coorientador: Márcia da Silva Pereira Leite.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Bibliografia.

1. Lazer – Aspectos sociais – Teses. 2. Lazer – Rocinha (Rio de Janeiro, RJ) – Teses. I. Carneiro, Sandra de Sá. II. Leite, Márcia Pereira. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDU 379.8:333.326

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fabíola Nascimento Camilo

**As práticas de lazer em uma favela carioca: reflexões sobre essencialismos,
heterogeneidade e marcas de identificação social**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 22 de setembro de 2011.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Sandra Maria Corrêa de Sá Carneiro (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Marcia da Silva Pereira Leite (Coorientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Bianca Stella Pinheiro de Freire Medeiros
Fundação Getúlio Vargas

Prof.^a Dra. Neiva Vieira da Cunha
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Rio de Janeiro

2011

Aos meus irmãos caçulas Lucas e Matheus, à minha família e ao Pré-vestibular Comunitário da Rocinha pelo incentivo à transformação pessoal e coletiva.

AGRADECIMENTOS

A produção desta dissertação é um momento muito especial de realização pessoal, mas não sei se teria chegado até aqui sem o apoio de tantas pessoas que fazem parte ou passaram pela minha vida. Todos contribuíram de alguma maneira neste processo de produção que, apesar de ser individual e solitário no momento de sua escrita, também é um trabalho coletivo, pois envolve muitas pessoas neste processo. Muitos participaram diretamente e indiretamente da confecção deste trabalho, e todos me incentivaram com palavras e ações de apoio ou me escutaram nos momentos de angústia. Portanto, chegou o momento de reconhecer a importância desse coletivo e agradecer a todos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e ao corpo de funcionários de sua secretaria pela generosa atenção aos meus pedidos;

Agradeço a CAPES pelo financiamento a mim concedido através de uma bolsa de estudos ao longo do mestrado;

Agradeço a todos os professores e professoras do PPCIS pela contribuição com a minha formação acadêmica durante o curso de mestrado, principalmente à professora Rosane Prado;

Meu agradecimento especial à minha orientadora, professora Sandra Sá Carneiro, que me acompanha desde o meu primeiro trabalho de monografia até a produção da presente dissertação. Inspiro-me no seu exemplo de professora dedicada, profissional, qualificada academicamente e principalmente humana e carinhosa. Durante os nossos encontros no período de mestrado não tive somente orientações acadêmicas, mas orientações para a vida. Obrigada pelo carinho e pelo incentivo;

Agradeço à minha coorientadora, professora Márcia Pereira Leite, pelos momentos de troca acadêmica e reflexão, bem como às suas aulas extremamente enriquecedoras, que me inspiraram a pensar criticamente sobre as questões desenvolvidas nesta pesquisa;

Agradeço aos membros da banca examinadora por suas considerações ao meu trabalho e pelo compartilhamento de conhecimento;

Agradeço a todos os professores e amigos do Pré-vestibular Comunitário da Rocinha, que marcaram o início da minha jornada acadêmica em 1998, quando

passsei a acreditar na ação transformadora dos movimentos sociais e a lutar por mudanças pessoais e coletivas. Através do trabalho voluntário e da militância destas pessoas em prol da educação, consegui ingressar na universidade pública, um sonho vivido ainda por poucos da minha origem social popular. A todos vocês os meus sinceros agradecimentos;

Meus agradecimentos e meu carinho eu ofereço aos meus amigos queridos, verdadeiros “anjos” em minha vida com os quais compartilho alegrias, angústias, conhecimento e amor. Gostaria de expressar o meu sentimento de profunda gratidão a vocês;

Com alguns desses amigos, tenho dívidas sentimentais impagáveis por todo apoio emocional e material que sempre me ofereceram, em especial: Jaque, Gracinha, Adriana, Sueli, Priscila, Xaolim, Fábio, Bapt, Alexandre Peres, Carlos Eduardo, Monique, Liza, Andréia Gomes, Renato Emerson, Paula, Ester, Débora, Bianca, Isabel, Mônica, Leonardo, Marina, Nélia Regina, os amigos do curso de inglês, e aqueles que eu não citei por aqui, eu vou deixar a dívida rolar;

Agradeço o acompanhamento atencioso e amoroso neste momento final de produção, que foi muito desafiador, a Claudia Miranda, Marcinha, Andréia Carvalho e Alexandre;

Agradeço também a Josefina Neves Mello, pela revisão textual, pela atualização ortográfica do português e pelas traduções;

Agradeço a todas as pessoas que participaram desta pesquisa e me concederam entrevistas, e ao profissional de designer Claudio Mendes pelo tratamento visual do mapa presente neste trabalho. Também agradeço aos novos amigos que fiz e às amigas que fortaleci ao longo das noites de diversão na Rocinha, integrada ao meu trabalho de campo;

E com toda a emoção de ser parte de uma família paraibana muito batalhadora e maravilhosa, agradeço aos meus irmãos caçulas pelos momentos em que penso neles e me convenço de que sempre tenho que seguir em frente e, em especial, ao meu pai e à minha mãe pelo incentivo e crédito depositados em mim, que foi o primeiro passo para eu prosseguir com meus estudos;

Muito obrigada do fundo do meu coração!

RESUMO

CAMILO, Fabíola Nascimento. **As práticas de lazer em uma favela carioca:** reflexões sobre essencialismos, heterogeneidade e marcas de identificação social, 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

A presente dissertação tem a Rocinha como território de referência, favela que está localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, e analisa a dinâmica e as práticas de lazer de seus moradores. O trabalho de campo foi prioritariamente desenvolvido em um espaço de lazer específico – uma casa de show localizada na subida da favela, próxima ao bairro de São Conrado. Na construção do objeto da pesquisa foram levantadas questões sobre a heterogeneidade das práticas de lazer, a sociabilidade entre os jovens, o funk como o principal estilo musical oferecido para este público específico e as imagens e representações das favelas no Rio de Janeiro. Também busca-se compreender como nos momentos de diversão são reconhecidas as marcas sociais que identificam os “de dentro” e os “de fora” da Rocinha. Os dados foram coletados através de entrevistas, realizadas com frequentadores e moradores, e da observação participante. Esta abordagem a partir das práticas de lazer visa oferecer uma nova chave analítica para compreender a vida social nas favelas, questionando as perspectivas estereotipadas e estigmatizadas que as classificam como territórios da pobreza e da violência.

Palavras-chave: Essencialização. Estigma. Favela. Lazer.

ABSTRACT

CAMILO, Fabíola Nascimento. **The leisure practices in a Rio slum**: reflections on essentialism, heterogeneity and social identification marks. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

This study is focused in the analysis about the leisure practices of the *Rocinha* community inhabitants, located in Rio de Janeiro. The field observations were they developed essentially in a specific leisure space: a nightclub located in the community ascent, next to the neighbourhood called São Conrado. Along the research there were some crucial cultural issues raised, such as the heterogeneity of leisure practices, youth sociability, the music genre called funk as the main music style offered and consumed by that public and the discussion about the images and representations of the Rio de Janeiro's slum. We also tried to comprehend the identifications, made by the inhabitants, to distinguish the people from "inside" and people from "outside". The data was collected using interviews with the nightclub regulars and/or inhabitants, besides the participant observation. The approach which the underlines of the leisure practices of community inhabitants aims to offer a new analytical frame to understand the social living in slum, questioning the stereotypes and stigmas that classify these spaces as poor and violent territories.

Keywords: Essentialism. Leisure. Slum. Stigma.

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Vista da encenação do espetáculo “Via Sacra da Rocinha”, em 2010, no pátio da Igreja N. S. da Boa Viagem	63
Imagem 2: Vista da Festa Junina da Igreja N. S. da Boa Viagem, em 2010	63
Figura 1: Panfleto publicitário do show de Claudia Leite distribuído na Rocinha .	66
Figura 2: Panfleto de divulgação do show do grupo “O Rappa”	69
Imagem 3: Vista do show do grupo “O Rappa”, onde foi realizada a gravação do DVD	69
Imagem 4: Vista da praça localizada na entrada da Rua do Canal recém-construída pelo PAC/Rocinha	72
Imagem 5: Vista de uma atividade de forró realizada ao ar livre, em frente a um bar na entrada da Rua do Canal, num dia de domingo	72
Figura 3: Panfleto de divulgação da inauguração do Complexo Esportivo da Rocinha	75
Imagem 6: Vista geral do show de Beto Barbosa no “Emoções”	110
Figura 4: Filipeta de divulgação do baile funk do Clube Emoções	118
Imagem 7: Foto do baile funk do “Emoções” com a equipe de som.....	162

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A ESSENCIALIZAÇÃO DO LAZER NA FAVELA	17
1.1	Reflexões sobre a construção dos argumentos essencializadores da “favela”	20
1.2	Algumas críticas a respeito da essencialização das práticas de lazer nas favelas	33
2	UM “ROLÉ” PELA FAVELA EM BUSCA DE DIVERSÃO	50
2.1	O lazer e suas práticas na favela: em busca de caminhos metodológicos	50
2.2	Um “rolé” pela Rocinha a partir de suas práticas de lazer	57
3	UM ESTUDO DE CASO EM UMA CASA DE SHOW NA ROCINHA	90
3.1	Uma casa de show para diversão e estudo: a relevância relações no campo	90
3.2	“Emoções” no campo: notas históricas sobre suas atividades de lazer	99
3.2.1	<u>O Forró do “Emoções” da Rocinha</u>	99
3.2.2	<u>O baile funk do “Emoções” da Rocinha e demais atividades</u>	111
4	OS “DE FORA” E OS “DE DENTRO”: IDENTIFICAÇÃO SOCIAL EM ESPAÇOS COMPARTILHADOS DE LAZER	122
4.1	Diferenças entre os “de fora” pelo olhar de quem é “de dentro”	127
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
	REFERÊNCIAS	153
	ANEXO A – Mapa da Mancha de lazer no território da Rocinha	157
	ANEXOS B – Panfletos de eventos culturais, festas e shows	158
	ANEXOS C – Foto de uma atividade de lazer	162

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a pesquisa que resultou nesta dissertação, admito que me senti desafiada para realizar mais um trabalho de interpretação, debate e reflexão sobre a Rocinha, tendo em vista o apelo midiático e o grande número de trabalhos acadêmicos já realizadas sobre aquela comunidade.

O presente estudo tem como foco as práticas de lazer dos moradores da Rocinha. Através delas busca-se compreender como são engendradas as relações sociais no exercício dessas práticas e de como elas podem expressar experiências e dinâmicas de segregação. Visa-se ainda discutir e elaborar algumas reflexões sobre a construção dos estigmas e preconceitos que, muitas vezes, recaem sobre seus moradores, ao ser sustentados pela construção de imaginários sociais estereotipados e pela posição desigual que as favelas ocupam em sua inserção no espaço urbano, principalmente nas grandes cidades.

Tematizar o lazer enquanto fenômeno social é uma tentativa de explorar uma chave analítica considerada ainda pouco recorrente nos estudos sobre as favelas, visto que neles ainda predominam as temáticas a respeito da violência e da pobreza.

A Rocinha é o território de referência da pesquisa, e o trabalho de campo foi prioritariamente desenvolvido em um espaço de lazer específico, isto é, numa casa de show localizada na subida da favela, próximo ao bairro de São Conrado. Na construção do objeto da pesquisa foram levantadas questões sobre a dinâmica do lazer, sociabilidade entre os jovens, o funk como a principal modalidade de música oferecida para este público específico, as imagens e representações das favelas no Rio de Janeiro, entre outros. Os dados foram coletados através de entrevistas, realizadas com frequentadores e moradores, e da observação participante.

A composição deste trabalho envolve um duplo posicionamento da pesquisadora com as questões aqui tratadas. Por um lado, o próprio histórico e vivência pessoal, enquanto moradora do local há mais de vinte anos, o que converge e aproxima sujeito e objeto de pesquisa, uma vez que muitas práticas de lazer que ocorrem no local são compartilhadas. E é importante levar em conta outras experiências sociais que, como moradora e pesquisadora, eu experimento nesse contexto.

Por outro lado, a condição de pesquisadora no campo das ciências sociais me obriga a um *distanciamento* daquilo que a princípio me é *familiar* (VELHO, 1978). Ao

mesmo tempo é uma oportunidade de relativizar o familiar “conhecido” e elaborar reflexões baseadas na dimensão empírica do objeto, atrelando questões teóricas e metodológicas, propostas por uma “pesquisadora nativa”.

Lancei-me “ao campo” e encarei incertezas, curiosidades, descobertas e desafios durante todo o trabalho de campo, o que me levou a pensar e refletir a partir de um *olhar socioantropológico*, estimulado pela *imaginação sociológica* (MILLS, 1975), que tem como referência o meu próprio território de moradia e as relações sociais nele engendradas.

Recorro a Becker (1993) para argumentar que a neutralidade científica é uma premissa que não se realiza plenamente na pesquisa social. Portanto, permanece vigorosa a preocupação de que o *bias* (viés do autor) seja de certa maneira amenizado pelos dados apresentados na pesquisa. Abre-se um campo de possibilidades para que tais dados possam ser reinterpretados, questionados, complementados, aprofundados, e levem até mesmo a novas conclusões, formuladas a qualquer momento por outros pesquisadores ou pelos leitores.

Conhecida popularmente como uma das maiores favelas da América Latina, a Rocinha é um enclave social localizado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, entre os bairros da Gávea e de São Conrado, área composta por segmentos sociais de alto poder econômico. De certa forma, ela expressa as contradições e desigualdades sociais, no que tange à ocupação do espaço urbano, a distinção entre classes sociais e as concepções simbólicas que, grosso modo, constroem o imaginário social sobre as favelas. Além disso, pode servir para reforçar discursos baseados em relações de oposição, principalmente aqueles que se referem à oposição entre a pobreza e a riqueza e as belezas naturais da “cidade maravilhosa”, ou entre a “favela” e o “asfalto”.

Ela, no entanto, não deve ser vista como uma espécie de síntese do que poderia ser “a favela”, ou o modelo típico de como se apresentam as desigualdades sociais no contexto da cidade. As particularidades locais indicam uma pluralidade de situações e contextos sociais e econômicos, aos quais um único exemplo não contemplaria.

A visibilidade desse território, além dos aspectos relacionados à sua localização e dimensão geográfica, também sofre a influência dos episódios de conflito violento e intervenção policial, que talvez não passem despercebidos. O histórico de mobilização social, a organização política dos seus moradores por

melhorias nas condições de vida, as inúmeras ações governamentais voltadas para a tentativa de urbanização dessa favela, além das visitas de autoridades e celebridades, podem indicar que entre as favelas cariocas existem distinções, no que se refere à sua visibilidade, no contexto da cidade, do país e do mundo.

Por Decreto-Lei¹ assinado pelo prefeito César Maia, através do programa favela-bairro, foi criado o bairro da Rocinha, delimitando suas dimensões territoriais. Nessa dimensão há 24 subáreas, ou seja, subdivisões internas identificadas por nomes específicos, como Cachopa, Cidade Nova, Rua 1, Rua 2, Roupa Suja, etc.

Quando se chega ao local pela Estrada Lagoa-Barra, que permite o acesso pela parte baixa, ou pela Estrada da Gávea, que é uma via que corta todo o território da Rocinha por dentro e viabiliza o acesso tanto pela parte alta quanto pela parte baixa, chama atenção as numerosas casas. Além disso, também nos impressiona os aspectos da sua dinâmica social ligados ao comércio popular, à intensa circulação de pessoas, acentuada pelo sobe e desce dos moto-táxis, os diversos tipos de serviços existentes no local e uma população estimada em mais de 100 mil habitantes², com grande influência nordestina na sua composição.

Tais elementos podem ser considerados atrativos para matérias jornalísticas e inspiram questões de estudo para pesquisadores acadêmicos das diversas áreas do conhecimento. Mas não somente para estes.

Há pelo menos dez anos, é intensa a circulação de estrangeiros (os “gringos”, na terminologia nativa), nos passeios turísticos pela Rocinha, realizados por várias agências de turismo ou guias locais (FREIRE-MEDEIROS, 2009). Recentemente, este fluxo turístico também tem se dirigido para outras favelas da zona sul carioca, as que foram contempladas pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), desenvolvido pelo governo federal, nas quais foram instaladas as Unidades de

¹ Decreto-Lei n.º 1995, de 18 de junho de 1993. Secretaria Municipal de Urbanismo, Rio de Janeiro (RJ). Disponível em: <<http://portal.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas>>

² Os dados mais recentes sobre o número de habitantes da Rocinha encontram-se no documento do “Censo Domiciliar: Complexo da Rocinha 2009”, realizado entre julho de 2008 e maio de 2009, coordenado pela Secretaria de Estado da Casa Civil do Rio de Janeiro, feito pela EGP-Rio. Este censo indica que a Rocinha tem aproximadamente 100.818 habitantes. Este número foi considerado um aumento significativo da população se for comparado ao censo do IBGE de 2000, que contabilizou aproximadamente 56 mil habitantes. Outras fontes além das governamentais, tais como as associações de moradores existentes na Rocinha divulgam que o número da população total é de aproximadamente 150 a 200 mil moradores.

Polícia Pacificadora (UPP), implantadas pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, a partir do ano de 2009³.

Sem dúvida, no bojo das principais discussões e debates públicos, que envolvem atores governamentais e sociedade, sobre as questões urbanas da cidade do Rio de Janeiro, os temas “violência urbana” e “habitação” são considerados urgentes. Eles atravessam e podem interferir no agravamento de outras questões sociais, principalmente quando se referem às favelas.

São inúmeros os aspectos sociais que podem ser levantados como sendo questões de pesquisa sobre favelas. O fenômeno do lazer, e mais especificamente, o “como” se desenvolvem as práticas de lazer e quais são os sentidos atribuídos pelos indivíduos a tais práticas, tem o intuito de buscar entender como as pessoas vivem o seu cotidiano, como se relacionam e estabelecem contatos interpessoais, a partir da circulação na favela ou por outros espaços da cidade. As práticas de lazer devem, portanto, ser consideradas como mais uma das dimensões da vida social.

Outra questão importante é partir do pressuposto de que as favelas estão, sim, inseridas no cenário urbano. No entanto, essa inserção desigual na cidade (re)força a perspectiva da segregação espacial, com características sociais implicadas à pobreza e à violência, mas tratadas de maneira essencialista. Diante desse quadro social, os estigmas e preconceitos sobre os moradores de favela são aprofundados.

Neste sentido, as favelas devem ser compreendidas como territórios constituídos por pessoas que compartilham influências e referências culturais diversas, difusas e híbridas. As sociabilidades que se desenvolvem neste local estão imersas e mescladas às dinâmicas sociais, que promovem a interpenetração de valores, formas distintas de viver e de consumir no meio urbano, múltiplas formas de interação nos espaços públicos e privados da cidade, além de distintas maneiras de reconhecimento de “si próprio” e do “outro”.

Essas trocas e experiências sociais fazem parte de um processo que os moradores de favela constituem simbolicamente no seu espaço de moradia, produzindo o cotidiano da vida social. Lembrando que podem ocorrer variações de

³ Segundo reportagem publicada no dia 09/10/2009, no caderno Rio Show, do jornal O Globo, intitulada “Cidade unida: *Paintball*, restaurante japonês, *jam sessions* e outros programas que levam o asfalto até a favela”, a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) tem promovido o aumento de visitantes em determinadas favelas.

sentidos ou, até mesmo, reprodução e incorporação do imaginário social predominante sobre as favelas, também, por parte de seus moradores.

Trabalhar com uma lente de aumento sobre as práticas sociais de lazer significa enfatizar esta dimensão da vida social; entretanto, vale lembrar que a construção de análises, que busquem compreender as relações sociais, especialmente as práticas sociais de lazer entre os indivíduos, pode ser avaliada por um ângulo um tanto quanto desprestigiado ou visto como menos importante. Não se trata de ignorar as análises até então produzidas sobre as favelas, especialmente sobre a Rocinha, dentre as quais as principais abordagens versam sobre as situações de violência, pobreza, “falta” de recursos, direitos de cidadania, questão ambiental ou problemas de saúde pública, que afetam seus moradores. Sem dúvida, tais assuntos são cruciais para todos os indivíduos, moradores ou não das favelas, e para a compreensão dos problemas urbanos da cidade do Rio de Janeiro.

Contudo, o foco das análises desta dissertação recai nas práticas de lazer observadas na Rocinha e o que elas significam para seus moradores, no sentido de representar formas de estabelecer relações sociais e *contatos mistos* “dentro” ou “fora” da favela (GOFFMAN, 1982). Por outro lado, busca-se identificar se os estigmas e preconceitos que recaem sobre os moradores de favelas se sustentam nesses momentos de diversão. Estas questões orientaram este trabalho de pesquisa e fundamentam as reflexões aqui apresentadas.

Dentre as muitas perguntas que tangenciam o foco deste trabalho e que ajudaram a levantar questões e hipóteses sobre o tema da pesquisa aqui proposto, destacam-se: “Que relações sociais são engendradas a partir das práticas de lazer dos moradores da Rocinha?”; “Que tipos de prática existem neste território?”; “Que tipos de contatos e encontros são realizados nos momentos de diversão?”; “Se existem práticas de lazer mais e menos difundidas pela Rocinha, quais são as justificativas para isso?”; “O lazer é considerado uma dimensão importante da vida para essas pessoas?”.

Mesmo que todas estas perguntas não possam ser respondidas de maneira definitiva em função da complexidade das relações que representam e nas quais estão envolvidos os sujeitos investigados, e ainda pelas dimensões circunscritas a este trabalho, pode-se afirmar que elas despertam a curiosidade e estimulam a busca de entendimento do fenômeno do lazer e suas práticas, enquanto dimensão “relevante” da vida social.

Considerando as questões de âmbito geral de nossa sociedade, tal problematização leva em conta as desigualdades e os conflitos sociais, que também atravessam as diversas práticas de lazer e os indivíduos que as praticam. Assim, as discussões propostas na presente dissertação estão organizadas em três capítulos, com assuntos específicos, mas não estanques, e que se complementam durante o desenvolvimento do trabalho.

No capítulo primeiro, é proposta uma reflexão crítica a respeito das abordagens teóricas, consideradas de cunho essencializador, na medida em que elas tentam definir “a favela” através de um processo de produção de conhecimento baseado na identificação de características comuns e generalizantes para esses territórios plurais. Aponta-se que tais perspectivas promovem análises reducionistas a respeito da complexidade das relações sociais e das características socioeconômicas, culturais e políticas, desenvolvidas nos contextos diferenciados das favelas.

Além disso, são discutidas a permanência de imaginários sociais, fundamentados em estigmas e estereótipos, construídos historicamente por discursos elaborados a partir de referências de padrões sociais dominantes, sobre a vida social nas favelas. As análises demonstraram que tais imaginários ainda estão vigentes no senso comum.

Em relação à dinâmica do lazer, foi questionada a tendência essencializadora que tenta definir elementos de identificação e características essenciais às atividades de lazer desenvolvidas na “favela”, o “funk” e o estilo de vida da “juventude de favela”, reforçando estigmas e estereótipos que repercutem na criminalização das práticas de lazer nesses territórios.

No capítulo segundo, é apresentado o processo de pesquisa que resultou na produção de uma *mancha*⁴ de lazer na Rocinha. Este dado teve como objetivo salientar a variedade de espaços públicos e privados destinados ou usados para o lazer, e serviu como ponto de partida para esta pesquisa. Este procedimento ofereceu um panorama geral das práticas e das atividades de lazer local, e ainda buscou mostrar a heterogeneidade social a partir da dinâmica social do lazer.

A *mancha* de lazer foi construída a partir da observação e de informações levantadas junto aos moradores sobre as suas práticas sociais voltadas para a

⁴ A arte da *mancha* de lazer foi editada sobre imagem do Google Mapas (Anexo A).

diversão. Partindo do pressuposto de que a dinâmica do lazer na Rocinha é influenciada por múltiplas referências culturais e aspectos sociais, sem ignorar o papel da indústria cultural de entretenimento responsável pela massificação de seus produtos culturais, foi possível realizar um mapeamento que expressa essa mancha de lazer.

No capítulo terceiro, foi elaborado um breve histórico em que se apresentam dados etnográficos para descrever as principais atividades de lazer desenvolvidas em uma casa de show, local onde foi realizado o estudo de caso. Buscou-se compreender o seu processo de criação, a sua forma de organização e as fases de desenvolvimento de suas atividades, considerando a influência dos estilos musicais mais significativos no que tange à constituição da dinâmica de lazer na Rocinha, isto é, o forró e o funk.

Reconhecendo o fato de a casa de show objeto do estudo ser considerada uma das principais opções de lazer para boa parte dos jovens moradores da Rocinha, foram realizadas entrevistas com os frequentadores locais e examinadas as relações engendradas nos momentos de diversão daquele espaço.

No capítulo quarto, foram feitas as análises de alguns dos aspectos referentes às preferências pelo baile funk da referida casa de show e, ainda, as formas de reconhecimento e identificação social dos “de fora” pelos “de dentro”. Tais categorias nativas são usadas para classificar os frequentadores “de fora” e acionam elementos de identificação baseados em marcas de distinção social, que podem ser observadas nas maneiras de se vestir, de falar, dançar e de se comportar nas atividades de diversão. Também, fiz algumas reflexões a respeito da possibilidade de contatos sociais mistos, engendrados naquele espaço de lazer, e sobre a movimentação e a circulação dos “de fora” pelo território da Rocinha.

As considerações finais apresentam certas colocações para serem discutidas as ambiguidades, os conflitos e as experiências sociais que perpassam as práticas de lazer através de suas atividades. Vale dizer que o estudo leva em conta toda a complexidade que envolve uma discussão dessa natureza. Portanto, sem a pretensão de esgotar o assunto, posso afirmar que a dimensão social do lazer é relevante para o desenvolvimento de estudos que busquem compreender os efeitos sociais produzidos pelo contexto desigual e pela segregação socioespacial na cidade do Rio de Janeiro e em nossa sociedade.

1 A ESSENCIALIZAÇÃO DO LAZER NA FAVELA

As favelas cariocas costumam estar em evidência no debate público e nas discussões acadêmicas quando são analisadas enquanto tal, ou seja, como territórios privilegiados de estudo sobre as desigualdades sociais produzidas em nossa sociedade.

Predominantemente, destacam-se as análises e os estudos sobre a precariedade dos serviços públicos e da infraestrutura, assim como questões sociais vinculadas a pobreza, violência urbana, ação coletiva, cultura popular, dentre outros temas ligados aos direitos civis, políticos e sociais desses cidadãos.

Partindo desta constatação, minha dissertação apresenta uma reflexão crítica a respeito das tendências essencialistas presentes nas análises sobre as favelas. Observa-se que, desde as primeiras décadas do século XX, o desenvolvimento da produção de conhecimento científico – sobre questões sociais presentes nas favelas que afetam os seus moradores – focaliza quase exclusivamente os impactos na organização urbana na cidade. Porém, também é possível identificar tentativas de elaboração de uma suposta definição para “a favela”.

As abordagens construídas pelos discursos acadêmicos, pelas agências governamentais, ou por diversos atores sociais (organizações não governamentais e outros), criaram representações sociais influenciadas por muitas ideias e teorias. Em muitos casos buscava-se caracterizar a favela a partir de seus aspectos físicos, salientando a precariedade da infraestrutura das residências e dos serviços de saneamento básico, além de elementos do perfil geográfico e argumentações baseadas no estilo de vida e na sociabilidade desenvolvida nesses territórios.

Muitos destes argumentos se reportam às ideias de higienização (sanitaristas), civilização e limpeza moral, de ordenamento social e urbano, seguindo a perspectiva de segmentação da cidade com a expulsão dos pobres do centro. Estes pressupostos marcaram as políticas públicas de reforma urbana e embelezamento da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, dentre as quais a Reforma Pereira Passos (1903-1906) e a modernização do Porto do Rio de Janeiro, implementada, na mesma época, pelo governo federal, durante a gestão de Rodrigues Alves. (AZEVEDO, 1985)

Ao longo do século XX houve o desenvolvimento de diversas políticas públicas de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, que afetaram direta ou

indiretamente as favelas, mas a execução dos vários projetos governamentais, na maioria dos casos, são medidas consideradas malsucedidas, com raras exceções, como afirma Burgos (2004). No momento deste estudo, projetos elaborados pelos governos federal e do estado encontram-se em curso na cidade do Rio de Janeiro, os quais revelam práticas e formas de identificação dos territórios de moradia popular, especialmente as favelas, muito próximas das bases citadas.

Uma das políticas do governo do Estado do Rio de Janeiro em evidência, no que tange às favelas, são as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), criadas no primeiro mandato do governador Sergio Cabral (2009). Basicamente essa política atua, através da ocupação militar do território das favelas, “expulsando” os membros das facções criminosas e estabelecendo a “paz”. Posteriormente, a ação é complementada pela implementação de serviços públicos do Estado e a manutenção da presença atuante do aparato policial.

Tal medida, aparentemente, tenta combinar primordialmente as demandas de segurança pública, e agregar à sua execução ações no campo social. Porém, algumas avaliações preliminares realizadas por especialistas em violência urbana fazem críticas que se referem ao aumento do controle da vida cotidiana dos moradores dessas favelas por parte da polícia, o que reforça a ideia da necessidade de moralização das pessoas. Além disso, estaria em curso um processo de *policialização* (SILVA, 2010) das demandas sociais, na medida em que as reivindicações dos moradores são direcionadas aos responsáveis das UPP no local, ou seja, aos membros da força policial do Estado. As análises de Silva (2010) salientam o receio de que tal situação possa enfraquecer a organização de movimentos de ação coletiva nessas favelas.

Outra política pública de âmbito federal que tem contemplado as favelas cariocas, além de outras regiões do país, é o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), implementado durante o último mandato no presidente Lula. Tal política realiza obras de saneamento básico (melhoramentos nas redes de água e esgoto) e habitação popular, articuladas com ações de desenvolvimento social. São construídos equipamentos sociais nas localidades atendidas pelo programa, tais como bibliotecas públicas, escolas, creches, centros culturais, dentre outros.

Algumas análises sobre as recentes políticas públicas para os moradores de favela discutem que, no plano ideológico, a influência dos imaginários construídos social e historicamente contribui para estereotipar as favelas. O processo de

estigmatização das favelas já se prolonga por mais de um século e ainda se refere de forma pejorativa aos padrões de consumo e hábitos de sua população, o que tende a desvalorizar seu capital cultural e educacional, e a criminalizar seus moradores, indiscriminadamente, pelo fato de eles conviverem com a violência em seus locais de moradia.

Geralmente os projetos de urbanização de favelas continuam sendo elaborados por grandes escritórios especializados de engenharia e arquitetura, os quais em muitos casos estão ligados aos interesses de segmentos políticos estabelecidos. Na maioria das vezes não é feita uma consulta ampliada entre os moradores das favelas, que serão afetadas por projetos ou políticas públicas, nem a realização de estudos mais aprofundados para identificar as precariedades das condições materiais em que vivem essas pessoas. Nesse sentido, ainda é pouco o esforço feito por parte dos órgãos governamentais para tentar compreender as sociabilidades e a complexidade das relações sociais desenvolvidas nas favelas, e as particularidades que também existem nesses territórios. Há o desprestígio das formas de viver, e o “desconhecimento” de suas práticas cotidianas.

As diferenças entre as favelas, que estão distribuídas pelas várias regiões do Estado do Rio de Janeiro, bem como sua heterogeneidade interna, é um dado ainda pouco explorado na elaboração das políticas públicas governamentais. Costumam propor um “pacote básico” que vem “pronto” para atender às demandas sociais e estruturais de seus moradores. Portanto, com o intuito de mergulhar no cotidiano de uma favela carioca e buscar compreender a diversidade e a heterogeneidade da vida social nesse território, foi o lazer enquanto fenômeno social que despertou meu interesse analítico, na medida em que ele se configura como uma dimensão pouco recorrente nas análises acadêmicas sobre as favelas. Durante a pesquisa de campo realizada na Rocinha foram identificados diferentes espaços de lazer⁵ e suas atividades. A partir desse levantamento, tracei um mapa que considere uma *mancha de lazer*, que pode ser compreendida como a área do território que concentra boa parte dos *equipamentos* destinados ao divertimento das pessoas

⁵ Neste trabalho chamarei de espaços de lazer os espaços públicos ou privados que são *usados* pelos moradores da Rocinha para se divertir. Portanto, nesta categoria estão compreendidos desde espaços públicos como praças, quadras de esportes a céu aberto, praias, ruas, garagens de ônibus vazias, pátios de escolas públicas, equipamentos destinados a atividades esportivas, etc.; até espaços particulares, tais como bares, restaurantes, lajes de residências, *Lan house*, casa de show, *shopping center*, boates em localidades próximas da Rocinha, dentre outros.

através do oferecimento, direta ou indiretamente, de atividades de lazer. (MAGNANI, 2002)

Tal *mancha de lazer* indica o caráter heterogêneo da dinâmica de lazer na Rocinha. Ela se concentra num trecho da Estrada da Gávea, principal rua que atravessa a Rocinha por dentro, ligando a Gávea ao bairro de São Conrado.

A sistematização desses espaços foi importante para levantar e identificar as práticas de lazer dos moradores, como também conhecer os locais onde elas se realizam na Rocinha. Além disso, nessa parte da pesquisa foi possível construir questões preliminares sobre a diversidade de tais práticas, uma vez que existem diversas opções de lazer nessa favela, ou em outros espaços localizados nos bairros próximos, e em outras partes da cidade que também costumam ser frequentadas pelos moradores da Rocinha, de acordo com os relatos obtidos durante a pesquisa de campo.

Cabe ressaltar que a análise das práticas de lazer como dimensão da vida social, integrada a todas as demais atividades, foi uma alternativa analítica escolhida pela pouca ressonância nas análises sobre as favelas; isto, se for comparada aos temas mais tradicionais das ciências sociais (trabalho, movimentos sociais, violência urbana, etc.). Foi interessante observar como as disputas entre os grupos sociais dominantes e os subalternizados, ou seja, a dimensão do conflito social estabelecido em nossa sociedade, também, se expressa através das dinâmicas do lazer.

1.1 Reflexões sobre a construção dos argumentos essencializadores da “favela”

Antes de iniciar a reflexão de como as práticas de lazer são afetadas pelos processos de essencialização, cabe ressaltar o processo pelo qual a produção de conhecimento científico sobre “a favela” compartilha abordagens as quais podemos considerar portadoras de tendências essencialistas ao longo do seu desenvolvimento.

A compreensão do processo de construção de um pensamento social sobre “a favela” também pode ser comparada às premissas da corrente de pensamento conhecida como Orientalismo (SAID, 2007). Esta corrente produziu conhecimentos e representações sociais do Oriente, a partir de um pensamento hegemônico Ocidental, buscando definir o Oriente como o “Outro”, a partir do estabelecimento de

relações de oposição entre Ocidente e Oriente. Ao mesmo tempo, enquanto se buscava definir o Oriente, tal produção de conhecimento hegemônico também interferiu no próprio processo de autoconstrução social do Ocidente.

Os aspectos culturais, os estilos de vida e as formas de organização social, escolhidos pelos pesquisadores especializados no Oriente para descrevê-lo, são utilizados para definir o Oriente e identificar as sociedades orientais. A observação geralmente ressalta as excentricidades e o exotismo dos costumes, do modo de vida e do comportamento dos indivíduos destas sociedades.

Said (2007), em suas colocações, chama atenção sobre que os riscos dessa tendência é incorrer em generalizações e essencialismos, desconsiderando ou tratando de maneira superficial o processo histórico, os elementos culturais e a constituição social das nações orientais. O autor aponta ainda, que este não é um procedimento “ingênuo”, baseado em uma perspectiva apolítica de produção intelectual. Ele afirma a importância da influência de interesses ligados à conjuntura política, econômica e de valorização cultural do Ocidente em relação ao Oriente, como uma forma de permanência do pensamento colonial.

Considerando as críticas ao orientalismo feitas por Said, e fazendo uma leitura paralela para pensar as favelas cariocas, pode-se dizer que o processo de definição dos territórios das favelas, às quais se atribuíram definições pautadas em características referentes à desorganização, informalidade e ilegalidade de seus territórios, foi realizada em oposição à ideia de cidade formal, legal e organizada.

De maneira similar, Valladares (2005) em “A invenção da favela” apresenta as abordagens acadêmicas sobre “a favela”, que resultaram nas várias formas de representá-la. A autora percorre o período das décadas iniciais do século XX⁶ até o início do século XXI e demonstra que o processo de construção da argumentação e das teorias sobre a favela é marcado pela estigmatização dos pobres e da pobreza.

No campo das Ciências Sociais, essa mesma autora, com base em um levantamento da produção dos trabalhos acadêmicos feitos a partir da década de 1970 nas universidades brasileiras, indica três questões a serem consideradas no percurso da representação social da favela construída pelo conhecimento científico deste campo:

- a) o reconhecimento da favela como um tema que as ciências sociais devem estudar;
- b) as tentativas para conceituar esse objeto a partir das

⁶ Para saber mais: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Favelas_na_cidade_do_Rio_de_Janeiro>

teorizações da pobreza urbana e do debate sobre a moradia popular; e c) a consolidação e generalização de dogmas, resultantes especialmente de estudos e conclusões de pesquisas universitárias (VALLADARES, 2005, p.119).

Ao tratar dessa última questão, a autora aponta os dogmas recorrentes sobre a favela e de como eles foram compartilhados pela maioria dos pesquisadores em seus trabalhos acadêmicos. O primeiro dogma estaria ligado à concepção da favela como “específica” e “singular”, no sentido de que neste local se desenvolve uma dinâmica social diferenciada de outros espaços na cidade. Tal perspectiva é identificada quando são enfatizadas as questões sobre a irregularidade das habitações e a ilegalidade da ocupação do território. Dentre as áreas de conhecimento que se debruçam sobre tais questões encontram-se tanto a perspectiva jurídica como também aquela relacionada à racionalidade, que orienta áreas como as de geografia, urbanismo, arquitetura e órgãos de governo. Tais áreas se preocupam com a instauração da ordem, quando se avaliam as condições socioeconômicas e as características populacionais das favelas, e seus impactos.

A autora afirma que muitos trabalhos acadêmicos fazem referência a “uma cultura da favela” de maneira reducionista e enviesada. Isto promoveria uma demarcação enfática da identidade desses espaços, na medida em que “a favela condicionaria o comportamento de seus habitantes, em uma reativação do postulado higienista ou ecologista da determinação do comportamento humano pelo meio” (VALLADARES, 2005, p.150).

O segundo dogma está vinculado à ideia de que a favela é o território dos pobres e, conseqüentemente, da pobreza. Como há uma associação direta entre as características dos moradores de favela com a pobreza, este espaço também passa a ter esta característica como fundamental. As teorias do início do século sobre a marginalidade social e da favela como solução para a habitação popular reforçam esta concepção.

Além disso, existe a aceitação por parte de muitos pesquisadores de que a favela é o campo privilegiado para o estudo dos problemas e das desigualdades sociais resultantes da pobreza, muitas vezes, priorizando questões que enfatizam o espaço físico frente à complexidade das relações sociais. A autora argumenta que o termo “favelado” traz uma carga simbólica pejorativa, na qual se concentra uma série de aspectos e características que mantêm o processo de estigmatização da favela e do seu habitante.

Silva (2002) também chama atenção para a categoria do “favelado” ao analisar que, apesar das lutas políticas e reivindicações dos movimentos sociais urbanos, propondo uma pauta de demandas visando melhores condições de vida nas favelas, essa organização ainda não foi suficiente para garantir um padrão de integração social urbano da favela à cidade de forma não subalternizada. A categoria social de “favelado”, segundo o autor, surge como a expressão de um processo de constituição social, pautado na subordinação e por um grande diferencial de poder destes em relação a outros estratos sociais.

A observação feita por Valladares sobre o terceiro dogma diz respeito à utilização da favela como categoria de análise científica ou política. Neste caso, a autora recomenda cautela, pois “ainda que todos reconheçam tratar-se de uma realidade múltipla, todos se deixam levar pelo hábito de reduzir um universo plural a uma categoria única” (VALLADARES, 2005, p.151).

Além das reflexões indicadas por esta autora é importante considerar como se deu a ocupação desigual do território da cidade por classes sociais distintas. Como surgiram e são aplicadas as concepções de ordem urbana, legalidade e moralização da vida, ao longo do processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro? De que maneira as ações governamentais e sociais voltadas para as favelas e seus moradores vêm sendo realizadas?

É comum que os moradores de favela sejam identificados através de relações de oposição às ideias e às experiências sociais ligadas à ordem urbana e social, configurando-se no “Outro” da cidade. Este “Outro” encarna o mal, o perigo, o comportamento violento, o crime, a promiscuidade, a indolência e outras características de contaminação social, atreladas à pobreza e ao território das favelas. Para Valladares, a produção dos dogmas citados está relacionada a períodos históricos e conjunturas sociais, econômicas e políticas diferenciadas, a partir das quais se tentou produzir definições, ou melhor, *inventar* o que é “a favela”.

Uma das conexões possíveis entre esta visão e as reflexões de Edward Said é que a construção de definições tem a ver com a produção de discursos, que expressam as relações de poder existentes em uma mesma sociedade, como no caso da sociedade brasileira, ou em sociedades distintas, especialmente se analisarmos as relações de poder entre sociedades do Oriente e do Ocidente.

Contudo, tais relações de disputa de poder também se desenvolvem entre grupos sociais no interior de uma mesma sociedade. Fazendo uma aproximação

com o contexto brasileiro, em especial com a cidade do Rio de Janeiro, a produção de discursos e representações sociais sobre determinados territórios de moradia popular, onde se destacam as favelas, expressa a segregação e a presença de segmentos sociais distintos. Ao longo da história da ocupação dos territórios da cidade, os conflitos e as disputas sociais e políticas por moradia e por direitos de cidadania dos moradores de favela indicam um contexto marcado pelas desigualdades.

A partir da década de 1990, a discussão que passa a predominar sobre as favelas é aquela que ressalta a violência e a exclusão social como elementos característicos desse território. As análises sobre a violência urbana também têm a tendência de considerar as favelas como protagonistas neste processo. As favelas seriam exemplos da exclusão social moderna pela condição de pobreza em que vive a sua população, reforçando o estigma de que este seria um ambiente promissor para o envolvimento de jovens e de organizações sociais locais com o crime. Portanto, partindo de uma visão estereotipada e essencialista sobre as favelas, são construídos e sustentados discursos recorrentes, tanto no senso comum como no âmbito das autoridades políticas e órgãos governamentais.

Tal questão se torna ainda mais grave quando algumas autoridades governamentais compartilham tais visões preconceituosas e ainda as expressam publicamente. Nos trechos a seguir, referentes a épocas históricas distintas, pode-se perceber essa estereotipização:

Desprovidas de qualquer espécie de policiamento, construídas livremente de latas e frangalhos em terrenos gratuitos do Patrimônio Nacional, libertadas de todos os impostos, alheias a toda ação fiscal, são excelente estímulo à indolência, atraente chamariz de vagabundos, reduto de capoeiras, valhaoito de larapios que levavam a insegurança e a intranqüilidade aos quatro cantos da cidade pela multiplicação dos assaltos e furtos (PIMENTA, 1926, p.7-8 *apud* VALLADARES, 2005, p.42)⁷.

O governador Sérgio Cabral Filho (PMDB), 44 anos, propõe a legalização do aborto como forma de conter a violência no Rio de Janeiro... "Tem tudo a ver com violência. Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal", declarou.⁸ (Portal G1 de Notícias, acesso em: 31/01/2010)

⁷ Trecho do livro "A invenção da favela" (VALLADARES, 2005, p.42), em que a autora refere aos textos escritos por Augusto de Mattos Pimenta, membro do Rotary Club e conhecido como médico sanitário, engenheiro e jornalista, além de ter sido membro importante da área de negócios do Rio de Janeiro no início do século XX.

⁸ Reportagem intitulada *Cabral defende aborto contra violência no Rio de Janeiro*, publicada online no dia 24 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL155710->

Nessas duas declarações percebe-se a via preconceituosa de seus autores. Diante disso, proponho estabelecer uma aproximação com duas concepções de discurso elaboradas por Bhabha (2003). O “discurso pedagógico” que, segundo o autor, seria aquele criado para alcançar um discurso homogeneizador, por exemplo, o discurso que sustenta a ideia de nação. Dessa forma, ele analisa o modo como se dá a construção desse discurso, considerando o campo de disputas e estratégias para formular um discurso integrador, mas que, ao mesmo tempo, oprime determinadas dissidências e diferenças, principalmente culturais, na formação de *uma* identidade para a nação. O jogo de forças para definir as características que devem ser reconhecidas como elemento de identificação dos indivíduos que compõem a nação tende a beneficiar geralmente a imposição das características dos grupos dominantes.

Em contraposição ao discurso pedagógico está o “discurso performático”, que seria construído a partir das experiências e *performances* dos indivíduos no contexto social e cultural do qual fazem parte. Através disso, seriam levados em conta os aspectos ligados às diferenças e particularidades dos diversos grupos sociais, que coexistem em um mesmo local ou território, promovendo a valorização das particularidades de cada grupo.

Fazendo uma releitura dessa argumentação para analisar a formulação dos discursos que tentam definir “a favela”, posso dizer que existe a produção de um discurso pedagógico e homogeneizador sobre ela. No entanto, o discurso pedagógico busca definir “a favela” por aquilo que caracteriza o “outro” indesejado na cidade, reforçando uma perspectiva de menos integração e, sim, de mais segregação ou exclusão.

Na tentativa de se definir “a favela” através do discurso pedagógico nota-se a importância do papel dos representantes do Estado como difusores das principais características de identificação dessa população e seu território de moradia, conforme foi observado na citação supra. Sugiro que tais características, tratadas como específicas, de forma que estejam presentes em todas as favelas, tendem a essencializar e tornar comum um leque reducionista de elementos que não dão conta das dinâmicas sociais das diferentes favelas do Rio de Janeiro.

As principais argumentações essencialistas sobre as favelas reportam-se a esses territórios como *lócus* privilegiado para o desenvolvimento e estabelecimento de atividades criminosas e do comportamento considerado desviante, tanto do ponto de vista legal quanto racional. Classificam-nas como território da pobreza e da violência, utilizando definições que fazem referência à oposição entre “favela” e “asfalto”, baseada em relações de oposição que salientam respectivamente o aspecto da desordem e da ordem urbana, desconsiderando a heterogeneidade de ordem cultural, social e estrutural.

Por sua vez, o discurso performático estaria baseado na experiência das minorias e nas diferenças culturais, que emergem, alteram, ressignificam e constituem identidades contextuais e situacionais no *entre-lugar*, entre o eu e o nós, onde se manifesta o heterogêneo da nação, segundo Bhabha (2003).

Mais uma vez, trazendo essa reflexão para analisar as favelas, em primeiro lugar friso que não estamos falando de minorias, pois, apesar das imprecisões dos dados estatísticos sobre a quantidade de seus moradores, o número de favelas varia de 700 a 1.000, segundo fontes governamentais, como o Instituto Pereira Passos (IPP), além das informações divulgadas pela mídia.

Em relação à produção de discursos sobre as favelas, os seus próprios moradores podem formular diversos discursos. Eles podem ser considerados performáticos na medida em que dependem da situação social de referência (por exemplo, quando um morador de favela está concorrendo a uma vaga de emprego ou é abordado por policiais); bem como varia, de acordo com contexto social, no qual se constrói determinado discurso, que pode ser semelhante ou bem diferente do contexto social de produção do discurso de moradores de outras favelas cariocas. Além disso, também podem ocorrer reproduções e apropriações dos discursos pedagógicos difundidos sobre as favelas correntes no senso comum.

A título de exemplo, pode-se dizer que os moradores da Rocinha usam as suas experiências cotidianas para formular discursos performáticos, abrindo um campo de possibilidades para negociar inclusive a sua identidade social e cultural vinculada à favela.

Para compreender a construção desses discursos performáticos em relação às favelas devem ser levados em conta alguns aspectos, tais como o modo de lidar com a história de vida e as relações de convivência estabelecidas nesses territórios; os conflitos e as maneiras criadas para encarar o preconceito; o reforço interno ou

externo de alguns estereótipos, que reproduzem um discurso predominante de desqualificação das favelas; a criação de estratégias de reivindicações sociais e políticas de acordo com este contexto particular; e ainda a exposição à repressão violenta no local, feita pela polícia ou por outros sujeitos sociais.

Tudo isto envolve os moradores em experiências múltiplas, contextuais e situacionais que influenciam o campo das relações sociais cotidianas e a elaboração de concepções de mundo.

A perspectiva de Bhabha (2003) sobre a construção de discursos a partir de contextos particulares, exaltando a diversidade e o aspecto situacional, além das experiências sociais dos indivíduos, contribui para esboçar críticas sobre a tendência essencializadora, que pretende criar um discurso definidor sobre o que é “a favela”.

Outras abordagens teóricas nos oferecem novas perspectivas e possibilidades de estudo sobre as populações e os territórios, que são afetados pela segregação socioespacial. Dentre elas, o pensamento desenvolvido por Das e Poole (2008) que, a partir do conceito de *margem*, aponta para as dificuldades que as *margens* encontram para usufruir um modelo formal de democracia e cidadania universal. Por outro lado, as autoras reconhecem que o próprio Estado é o responsável pela produção de suas “margens”, e também que ele, Estado, se constitui através delas.

Elas argumentam que Estado e margem não estão em oposição binária, pois ambos são constituídos de práticas sociais e locais, estando aí conjugados aspectos do *legal* e *extralegal*. As relações entre margem e Estado são inevitáveis, porém não estão definidas *a priori*, mas deve-se sempre levar em conta o contexto social das experiências práticas na localidade e com os indivíduos. Existe uma negociação constante entre Estado e suas margens, e ambos estão presentes um no outro.

Apropriando o conceito de margem para refletir sobre as favelas, pode-se compartilhar a ideia da argumentação desenvolvida pelas autoras de que, tanto o Estado quanto a sociedade civil compartilham a noção de que as favelas podem ser consideradas *territórios de exceção* (DAS e POOLE, 2008). Neles se desenvolvem diferentes modalidades de ação sobre a sua população, promovendo a solidificação dos estigmas e preconceitos sobre as formas de viver desses indivíduos, que geralmente são criminalizados de forma indiscriminada.

Tais questões nos levam a buscar compreender os motivos pelos quais as favelas cariocas costumam ser vistas como primado da ilegalidade, tanto pelo

Estado como por muitos segmentos da sociedade, que compactuam com as ações extremamente violentas de repressão nesses territórios. Tal fato é considerado legítimo, uma vez que em tais *territórios de exceção*, como podem ser reconhecidas as favelas, supostamente vigoraria apenas a desordem. Dessa forma, somente o Estado teria condições de restabelecer a ordem, mesmo que para isso o uso da força seja feito de forma desmedida.

As autoras afirmam que, apesar dos impactos dessa forma de classificação, sobretudo quando delas resultam ações repressoras por parte do Estado, as margens *não são inertes*. Por isso, é necessário procurar compreender como essas pessoas se sentem e experimentam esse tipo de relação diferenciada, bem como elas se organizam ou agem para que suas demandas sociais sejam atendidas, numa tentativa de compartilharem os direitos de cidadania universal.

Estes pressupostos convergem para a análise de que nas margens do Estado também se produz, reproduz e são inventadas práticas sociais e formas de viver que estão imbricadas por relações legal e extralegal. Porém, o Estado também as compartilha, principalmente através das modalidades de relação estabelecidas com as suas margens, seja através de políticas públicas ou pela ação direta dos seus agentes institucionais de repressão, principalmente a polícia. Portanto, tanto as definições e os significados atribuídos ao Estado e às margens são difusos e fazem parte de um processo contínuo de produção de relações e de construções sociais.

Este aporte teórico também pode ser incluído em análises mais aprofundadas do ponto de vista antropológico, com o intuito de investigar os significados das relações entre Estado e favela, levando em conta tanto as particularidades locais das favelas como as várias relações desenvolvidas com o Estado a partir do cotidiano.

Outra matriz teórica que pretende compreender os impactos sociais da identificação de grupos sociais como *populações* foi desenvolvida por Chatterjee⁹ (2004); tal conceito serve para pensar sobre o modo como os moradores das favelas têm sido tratados, ou seja, de forma diferenciada devido a um processo de identificação social.

⁹ As reflexões de Chatterjee (2004) são muito instrutivas para conhecermos um pouco da dinâmica política e social do desenvolvimento da política democrática moderna em suas dimensões abstrata e prática. O autor relata a experiência política de parte da Índia, e analisa o modelo político da democracia moderna, no que tange a seus princípios abstratos de soberania popular e cidadania universal e, no campo da prática, analisa como isto se realiza, ou não.

Segundo este autor, a *sociedade política* é formada por *populações*, que são grupos sociais identificados e classificados pelo aparato das *tecnologias do governamental*, que realizam um processo classificatório, através de pesquisas, estudos estatísticos (demográficos, sanitários, criminológicos, etc.), de identificação e reconhecimento de diferenças culturais, feitas pelo próprio governo, o qual define “rótulos” para cada grupo populacional.

A partir desta classificação acontece a gestão de tais populações de forma específica através de relações políticas, que não têm somente o Estado como interlocutor, pois também se incluem aí as organizações não governamentais e os organismos internacionais. As populações passam a ser disputadas por estes interlocutores no que tange à realização de políticas sociais específicas e particulares.

Por outro lado, os indivíduos que podem ser beneficiados também tentam manipular tais classificações e identificações sociais para usufruir de algum tipo de benefício social ou melhoria nas suas condições de vida. Porém, o formato de tais políticas não garante o reconhecimento dessa *população*, enquanto cidadão “universal”, e mantém uma relação política pautada na diferença de tratamento, inclusive distinto do modelo de relação estabelecida com a sociedade civil¹⁰.

Uma vez mais, faço aproximações entre o conceito de *população* para analisar os moradores de favela, visto que atualmente pode-se considerar que a *população* das favelas tem sido contemplada por políticas e projetos específicos implementados ou pelo próprio governo ou por organizações não governamentais.

Os jovens favelados são o público privilegiado destas ações. Eles são tratados como população na medida em que lhes são atribuídas características específicas associadas à criminalidade, à indisciplina e à violência, sejam pelo fato de serem vítimas ou autores. No imaginário social, construído a partir de estigmas e estereótipos que recaem sobre esses jovens, eles representam o “perigo” para as pessoas que vivem na cidade.

Os jovens pobres das favelas e das áreas periféricas da cidade são, na maioria das vezes, rotulados como “problema”. Portanto, criam-se medidas específicas para a contenção desse “problema”, principalmente através de políticas

¹⁰ A sociedade civil, formada por uma elite, no caso indiano, é portadora de propriedade e participa do processo político formal em sua relação com o Estado, além de gozar de liberdade e da condição de cidadão, prevista na democracia, segundo afirma Chatterjee (2004).

de inserção no mercado de trabalho via cursos profissionalizantes, e de projetos esportivos, dentre cujos objetivos está a tentativa de inculcar valores morais considerados apropriados para o convívio em sociedade, com o claro objetivo de disciplinar o comportamento desses jovens.

A concepção de cidadania universal é uma construção abstrata e almejada, mas, na prática, são esperadas concessões feitas à diversidade, ou seja, devem ser observadas as diferenças entre contextos socioculturais e entre os próprios indivíduos em relação a seus pertencimentos sociais e identitários. No entanto, cabe ressaltar a importância do reconhecimento das diferenças como algo relevante e necessário para a formulação de políticas públicas e ao atendimento de demandas específicas. Mas, ao mesmo tempo, deve-se estar atento e avaliar como os processos de identificação podem estar fundamentados por essencialismos e estereótipos, que reforçam estigmas sobre os indivíduos e se expandem, não só para as relações institucionais com o Estado, como também para toda a sociedade. Esta questão parece ser fundamental para entender as relações desenvolvidas com as juventudes nas favelas cariocas.

Os discursos que tentam chegar mais próximo de uma definição para “a favela” estão embasados por caracterizações que remetem desde à “falta” de infraestrutura e ordenamento urbano neste território – sendo que hoje em dia as questões ambientais são cada vez mais enfatizadas – até as dinâmicas sociais ligadas às rotinas cotidianas e às práticas sociais diversas.

Para a construção de discursos e imaginários sociais reúne-se um leque de argumentos que vão ser acionados de forma a essencializar diversos aspectos materiais e imateriais em relação às favelas, tais como: geográfico (características do território, ressaltando-se os morros); comportamental/moral (índole dos indivíduos); geracional (juventude); governamental (políticas e projetos sociais específicos); militar (guerra ao crime/tráfico de drogas); situação socioeconômica (pobreza/escolaridade); e sociabilidade (práticas sociais, em especial, neste caso, as práticas de lazer).

No campo da geografia existem perspectivas que parecem estar na contramão da tendência essencializadora. Uma delas reconhece a complexidade estrutural e as relações sociais desenvolvidas nas favelas, para além das justificativas que enfatizam as suas características geográficas e as dificuldades de enquadramento urbanístico formal e ordenado. Para Souza e Silva (2007), até

então, “o eixo paradigmático da representação desse espaço popular é a noção de *ausência*. A favela é definida pelo que ela *não é* ou pelo que [ela] *não tem*” (SOUZA e SILVA, 2007, p.211).

Além disso, o autor comenta que outro elemento presente é a homogeneização das favelas, geralmente associada às mesmas variáveis estruturais e sociais para caracterizá-las. O Plano Diretor da Cidade do Rio Janeiro de 1992 é usado pelo autor como exemplo para ilustrar que as descrições sobre as favelas não se afastam muito das concepções formuladas no início do século XX, em que o aspecto paisagístico e de infraestrutura são predominantes. Uma pequena alteração neste sentido foi a inclusão da variável “renda” como mais um elemento definidor, ou seja, seus moradores têm baixa renda.

Segundo esse autor, quando se busca definir as favelas pelo elemento paisagístico e ocorre uma mudança de *status*, quando uma favela passa a ser reconhecida como um bairro por meio de instrumentos burocráticos, nem os seus próprios moradores e muitos menos a população em geral reconhecem esta transformação. Esta situação acontece com as favelas que passaram por este processo: Complexo da Maré, Morro do Alemão, Jacarezinho e Rocinha.

Dessa forma, estaria configurada uma *crise de representação* em relação às favelas, na medida em que não se considera a historicidade e a espacialidade do processo de crescimento das favelas e não se consegue observar a “correspondência entre o objeto representado e a imagem hegemônica que dele se tem” (SOUZA e SILVA, 2007, p.215). Daí resulta o surgimento de representações estereotipadas das favelas, com base no *sociocentrismo*:

O sociocentrismo se materializa quando, a partir dos padrões de vida, valores e crenças de um determinado grupo social, consolida-se um conjunto de comparações com outros grupos, situados, em geral, em condições de inferioridade. Os discursos estabelecidos em relação aos espaços populares seguem esse padrão. Eles são definidos por suas ausências, devido ao fato de não serem reconhecidos como espaços legítimos (SILVA, 2005, p.215-6).

O sociocentrismo estaria assentado em duas perspectivas, uma *conservadora*, na qual os moradores de favela são vistos como criminosos em potencial ou coniventes com as práticas ilícitas. A outra é a *progressista*, que não representa grande avanço, uma vez que considera tais pessoas como vítimas passivas da realidade social à qual estão submetidas, estimulando ações paternalistas de cidadania, principalmente no que diz respeito aos direitos sociais.

O *individualismo* também seria a forma pela qual tais pessoas tentariam se “salvar” do processo de exclusão social. Isto serviria de justificativa para a utilização de meios ilícitos e para o desrespeito de certos direitos coletivos (como a tolerância diante do ‘gato’ de luz e água, e a apropriação do espaço público coletivo de maneira privada), individualizando o processo de resolução de problemas coletivos.

Por fim, o autor comenta que até mesmo as práticas sociais ligadas à diversão, ou seja, ao modo como os moradores de favela vivem a dimensão da vida composta por suas práticas de lazer é alvo de julgamentos baseados no sociocentrismo. Geralmente tais práticas são vistas como algo exclusivamente alienante, ridículo, bestial e fora dos padrões racionais de comportamento da vida urbana, ao contrário dos padrões sociais compartilhados no âmbito formal e racional dos espaços da cidade.

As diversas proposições aqui apresentadas tiveram a intenção de problematizar as principais argumentações que fundamentam a tendência essencializadora do processo de construção de uma suposta definição sobre “a favela”. Portanto, foram levantadas várias abordagens teóricas e possibilidades analíticas, que servem de base para questionar as perspectivas consideradas essencializadoras.

Das reflexões que podem ser feitas a partir disso, algumas indicam que os postulados utilizados para definir “a favela” estão entrelaçados às disputas em várias dimensões sociais. Uma delas é a disputa pela ocupação do território da cidade, que está relacionada ao processo histórico de constituição da cidade do Rio de Janeiro, com a valorização de certas regiões da cidade, determinando inclusive “os destinados” a morar em tais regiões, o que aponta para a perspectiva da segregação. Para alcançar esse objetivo são criados discursos baseados em estigmas e estereótipos, visando afastar, tanto física quanto socialmente, os moradores indesejados da cidade, dentre eles, os moradores das favelas.

Definir o que é “a favela”, quais suas características, como ela se constitui, que sociabilidades ela engendra, e como deve ser a relação do Estado com seus moradores, não pode ser feito com informações dadas *a priori* e de maneira definitiva. Uma das principais justificativas para isso é o fato de as favelas serem plurais e com dinâmicas sociais distintas entre si.

As colocações feitas até aqui chamam atenção para o fato de que os processos de construção de discursos são manipuláveis e manipulados, tanto pelos

agentes do governo como pelos moradores de favelas, tendo em vista os diversos interesses que estão em jogo. Esta questão é interessante para examinar como as disputas de poder, os conflitos, os pertencimentos e as experiências sociais e situacionais produzem discursos maleáveis, que são constantes somente até o momento em que servem para alcançar as demandas sociais ou questões ligadas a experiências situacionais por parte de seus moradores.

Essas construções discursivas sobre favelas talvez permitam ampliar sua visibilidade em relação às particularidades e às heterogeneidades das dinâmicas da vida social nas (e entre as) favelas. Porém, outra discussão relevante deve levar em conta quem tem mais condições e possibilidades para impor e propagar classificações sobre as favelas. A tendência essencializadora, nesse sentido, é mais enfatizada pelo discurso institucional, que está preocupado com a regulação e o ordenamento social. Mas isso não quer dizer que os discursos construídos pelos moradores nas próprias favelas estejam imunes a esta mesma essencialização. A questão a ser observada são os efeitos sociais do discurso essencializador e a “carga” de significado que ele carrega, a partir do segmento social ou instituição que o enuncia.

Tais definições de cunho essencializador, portanto, devem ser compreendidas como práticas discursivas construídas “dentro” e “fora” das favelas, mas que são influenciadas pelo jogo de forças sociais e disputas de poder, existentes em nossa sociedade.

1.2 Algumas críticas a respeito da essencialização das práticas de lazer nas favelas

À luz da discussão apresentada sobre a tendência essencializadora que busca definir “a favela” a partir de características comuns e singulares a todas elas de forma indiscriminada, apresento algumas críticas a este tipo de abordagem. Dentre as críticas ressaltadas foram levantadas a subestimação da pluralidade dos contextos, as dinâmicas sociais das favelas e a dificuldade de se perceber com nitidez as disputas e jogos de poder, envolvidos no processo de construção dos discursos sobre as favelas.

Partindo de tal discussão, proponho compreender como as práticas sociais do lazer são influenciadas pela tendência essencializadora no que tange às favelas, e

de como elas podem ser usadas para classificar e definir características essenciais, tanto de seu território quanto de seus moradores, na medida em que estes também são essencializados.

Enfatizo, primeiramente, o meu afastamento da perspectiva que considera o lazer e as práticas a ele ligadas como momentos irrefletidos, destinados à alienação ou à passividade dos indivíduos nos momentos de diversão, o que teria como função primordial amenizar as dificuldades do cotidiano. Não ignoro, no entanto, a discussão sobre a influência da produção da indústria cultural sobre o público consumidor de atividades diversas de entretenimento e lazer (ADORNO, 2002) e os contextos sociais diferenciados, econômica e culturalmente, que repercutem em formas de “consumir cultura” e de consumir lazer de maneiras distintas e desiguais.

As práticas de lazer devem ser analisadas como mais uma dimensão da vida social *em relação* a todas as outras e, portanto, não estaria submetida a nenhuma outra dimensão mais importante ou relevante. A classificação de *tempo livre* e *tempo de trabalho* ultrapassa a ideia de uma oposição simplificada entre estes dois “tempos”. Ela depende de como as atividades, nesses tempos, são reconhecidas pelos indivíduos como atividades de lazer ou de trabalho e, portanto, tais definições não estariam dadas pela sociedade, pois dependem de elaborações e compartilhamento de significados por parte dos indivíduos, em determinadas situações sociais e contextos. (ELIAS e DUNNING, 1991)

Segundo esses autores, as atividades de lazer podem acontecer no tempo livre, mas nem toda atividade desenvolvida no tempo livre pode ser considerada lazer. O tempo livre inclui também atividades que fazem parte da rotina de vida das pessoas (cuidar de crianças, da higiene pessoal, de atividades domésticas, tratar da saúde, resolver problemas burocráticos e particulares ligados à vida cotidiana, etc.), e que podem variar em relação à frequência e à estabilidade das rotinas realizadas no tempo livre de cada um.

Portanto, as atividades no tempo livre não podem estar associadas indiscriminadamente às atividades de lazer, pois muitas delas podem significar trabalho, mesmo que sejam diferentes do trabalho profissional, que seria caracterizado por uma rotina mais rígida e controlada. Por outro lado, no tempo livre, algumas atividades se tornam tão rotineiras que são cada vez menos agradáveis, o que poderia até mesmo aproximá-las das atividades de trabalho profissional.

Em relação às características distintivas das atividades de lazer, em uma passagem do livro “A busca da excitação”, encontrei essa reflexão:

Numa sociedade em que a maior parte das actividades está submetida à rotina, em ligação com uma interdependência forçada de grande número de pessoas, e com os tipos correspondentes de objectivos pessoais e impessoais que reclamam uma elevada subordinação às necessidades emocionais imediatas, em relação aos outros ou a um trabalho impessoal, as actividades de lazer proporcionam – dentro de certos limites – oportunidades para experiências emocionais que estão excluídas dos sectores altamente rotineiros da vida das pessoas. As actividades de lazer são uma categoria de actividades em que a restrição rotineira de emoções pode, até certo ponto, ser publicamente reduzida e com aprovação social, mais do que qualquer outra (ELIAS e DUNNING, 1991, p.150).

Segundo Bourdieu (2007), as práticas de lazer também são depositárias do *habitus*¹¹, que faz referência a um estilo de vida e gosto de classe, desenvolvidos pelos indivíduos ao longo de sua vida, relacionado ao posicionamento destes na estrutura social. Portanto, a distinção social também se estabelece pelos diferentes gostos de classe e estilo de vida, que remetem ao capital econômico e cultural, à escolarização, bem como à circulação e ao compartilhamento de espaços sociais, que consolidam o pertencimento de classe entre os indivíduos.

As práticas de lazer, portanto, reúnem indivíduos; mas, na medida em que os colocam em situações e experiências sociais diferenciadas, de acordo com os contextos e os espaços sociais de circulação, elas são reveladoras das diferenças. Por outro lado, elas são engendradas e estão imersas nos conflitos sociais presentes na nossa sociedade de maneira geral, sobretudo quando nos referimos às favelas, em função da segregação espacial, de sua inserção desigual frente à cidade e dos estereótipos e estigmas que recaem sobre seus moradores.

Geralmente, os moradores de favela são identificados através de relações de oposição às ideias e às experiências sociais ligadas à ordem urbana e social, configurando-se no “outro” da cidade. Este “outro” encarna o mal, o perigo, o comportamento violento, o crime, a promiscuidade, a ilegalidade, e outras características de contaminação social, que foram historicamente atreladas à pobreza e ao território das favelas.

Jovens, moradores de favela, atualmente formam o segmento mais afetado por tais estigmas e estereótipos. A respeito dos estilos de vida, a avaliação feita pela mídia, pelos agentes governamentais e suas instituições, e também por grande parte

¹¹ Para saber mais: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas (SP): Papirus, 1996.

da sociedade, geralmente contém um tom de reprovação, além de reconhecer este segmento de forma homogênea e, por vezes, até com argumentos criminalizantes.

Proliferam as visões preconceituosas, que expressam uma tendência essencializadora, quando determinadas características são atribuídas aos jovens moradores de favela, tais como a inconsequência, a falta de expectativa, o desinteresse pela educação e pelo trabalho, a iniciação sexual precoce atrelada aos laços de maternidade e paternidade assumidos na adolescência, os comportamentos impróprios, a indisciplina e a “atração pelo mundo do crime”.

Conseqüentemente, essas práticas cotidianas nas favelas ou nas periferias são criminalizadas, tendo em vista o próprio desenvolvimento delas nesses territórios, identificados pela pobreza e pela violência.

Uma das práticas de lazer que se desenvolve nas favelas cariocas e passa por um processo de estigmatização e criminalização é a preferência pelo *funk* e os seus bailes. Este estilo musical, por sua vez, também se expressa nos indivíduos pelo estilo *funkeiro*. Este estilo demonstra suas marcas sociais e culturais incorporadas ao vestuário, à dança, às gírias, ao local de frequentação dos bailes¹² e ao território de moradia. Porém, essa prática de lazer também contribui para tipificar e identificar, de maneira generalizada, os jovens moradores de favela.

Estabelecendo aproximações com o contexto de rejeição e de perseguição social que ocorreu com o samba e seus adeptos no início do século XX, o funk é um estilo musical que faz parte das manifestações culturais ligadas aos segmentos populares ou às classes subalternizadas de nossa sociedade, especificamente quando se enfatizam as manifestações culturais das favelas cariocas.

Remontar à história do funk carioca não é o objetivo deste trabalho, mas é importante lembrar que este estilo musical tem sua história específica e passou por várias fases, desde o seu surgimento em meados da década de 1970, no Rio de Janeiro, até os dias atuais. O funk se transformou em tema de pesquisa e passou a ser analisado a partir do conjunto de suas práticas e das dinâmicas sociais no qual está imerso. Atualmente existem inúmeras produções e abordagens acadêmicas sobre o funk, dentre as quais “O mundo funk carioca”, de Hermano Vianna (1988), livro considerado hoje uma obra de referência.

¹² Realizados em favelas em quadras poliesportivas, nas ruas, em casas de shows e espaços privados, ou em outros bairros em clubes, boates, etc.

Refletindo e atualizando a discussão sobre as dinâmicas sociais engendradas a partir dos bailes funk é importante frisar que, nos dias atuais, não mais caberia uma análise reducionista, na qual se faça uma associação direta de tal estilo musical com o crime, a violência e a pobreza.

Uma das marcas de conflito no histórico do funk são os discursos proferidos principalmente pelos representantes do governo, em especial a polícia, que resultou na criminalização deste estilo musical e dos funkeiros. A associação do funk ao “mundo do crime”, tido também como uma característica marcante do estilo de vida do bandido ou do traficante de drogas nas favelas, contribuiu para a produção de tal estigma. Instaurado o estigma, o preconceito naturalmente aparece.

As atividades de lazer dentro de uma favela fazem parte da sua dinâmica social, o que envolve o compartilhamento de diversas práticas sociais entre os seus moradores. Porém, rotular *funkeiros* de bandidos ou determinar a índole dos frequentadores e apreciadores do funk como suspeita ou violenta é submeter e avaliar uma maioria de indivíduos, a partir de argumentos que se referem a um grupo minoritário de dentro das favelas, ou seja, os integrantes das facções de tráficos de drogas.

Acusar os moradores de favelas de conivência e defesa das ações dos grupos armados locais pelo fato de compartilharem espaços sociais, dentre eles os espaços de lazer, significa perceber a complexa teia de relações sociais tecidas nas favelas de modo simplificado e superficial. Para aprofundar a discussão sobre as questões da rotina cotidiana nas favelas deve ser considerada a experiência social marcada pela contiguidade territorial entre moradores e grupos armados (SILVA, 2008). Além disso, não se pode desconsiderar a submissão dos moradores em relação ao poder das armas, e a imposição de algumas regras de convivência, que silenciam e coagem os moradores.

Também não é prudente afirmar que nas favelas tenha se consolidado, por completo, a naturalização da violência, pelo fato de, em certa medida, ser comum presenciar situações como, por exemplo, ver indivíduos portando armas nas ruas ou em espaços fechados. Esta situação não é tão naturalizada como se pensa em um primeiro momento. Em várias conversas com jovens moradores, frequentadores dos espaços de lazer da Rocinha, inclusive bailes funk, foram mencionados sentimentos de tensão e medo (até certo ponto considerados contornáveis) por eles terem de dividir espaços de lazer com pessoas armadas. Principalmente em função do medo

de uma operação policial inesperada, na qual pessoas que não tenham envolvimento com qualquer atividade considerada ilegal ou criminosa se tornem alvo da violência propriamente dita, como por exemplo, ser atingido por um tiro acidental.

Analisando essas questões, proponho que quando há suspeita e acusações direcionadas aos funkeiros e ao funk, e tais elementos são identificados *a priori*, ou seja, antes mesmo de ocorrerem situações que, de fato, representem algum tipo de envolvimento com atividades desordeiras e ilegais, está-se diante de uma situação de preconceito e, mais uma vez, de argumentos que tratam funk e funkeiros de maneira essencializada. Ao funk e às suas práticas são atribuídas características intrínsecas vinculadas à degradação, à indisciplina, à violência e à criminalidade de forma aleatória, indiscriminada e baseada em estigmas e estereótipos construídos socialmente sobre as favelas e que recaem sobre seus moradores. Dessa forma, até mesmo no momento da diversão, dentro do seu próprio local de moradia, na atividade mais popular entre os seus moradores, principalmente os jovens, os efeitos da criminalização e do preconceito quase acabam com a festa.

O funk é considerado uma manifestação cultural que nasceu dentro das favelas cariocas, espalhou-se pelo Rio de Janeiro, pelo país, e hoje é conhecida também em outros países. Mas os efeitos sociais da segregação espacial, da segmentação social e das disputas pela imposição dos padrões de civilidade a serem seguidos criam dificuldades e nem sempre conseguem — ou não se esforçam para — compreender as diferenças sociais e culturais dos contextos das favelas, assim como seus aspectos comuns, ultrapassando uma visão essencializada e estereotipada.

Outra forma de reconhecimento desta manifestação cultural realizada por determinados segmentos sociais, que se distinguem por seu capital cultural e escolar, valorizado pela sociedade é o exotismo. Ele pode servir como estímulo à curiosidade desses indivíduos para viver uma experiência exótica momentânea, muitas vezes pautada no deboche ou na excitação, ao entrar em contato com certas práticas sociais consideradas fora dos padrões aceitáveis pela perspectiva cultural dominante. Assim, isto ocorre, como afirma Bourdieu (2007), por não ser o *gosto de classe* e *estilo de vida* daqueles que detêm poderes em vários campos sociais, através do capital cultural e econômico dentro da estrutura social, o que estabelece a distinção entre as classes sociais.

Esta experiência pode ser vivida como uma forma de ultrapassar fronteiras sociais e morais, na medida em que momentaneamente alguns pudores podem ser suspensos. Também pode representar a passagem por uma experiência excitante, quando se ousa entrar em uma “zona proibida” da cidade, no caso de bailes funks que ocorrem em favelas.

A presença de estrangeiros, que são chamados de “gringos” pelos moradores, nos bailes funk que acontecem em uma casa de show local e na quadra da escola de samba Acadêmicos da Rocinha, talvez, seja um exemplo da experiência de contato com o exótico em escala internacional. Essa situação também pode ser compreendida como um dos momentos em que o próprio morador de favela também não é o único exótico em questão. Em alguns relatos colhidos ao longo da pesquisa, os entrevistados se referem aos “gringos” como pessoas que dançam de forma desengonçada e por isso são consideradas engraçadas. Também chamam atenção por serem “muito brancos” e por estarem vestidos no baile de forma diferente dos frequentadores locais, o que afirma que os “gringos” vão ao baile “mal-arrumados” e por usarem “chinelos Havaianas”.

O funk tem passado por muitas alterações ao longo de seu histórico e, portanto, ter uma visão essencializada desta manifestação é forçar o sufocamento das diferenças culturais e ignorar a dinâmica do desenvolvimento desta manifestação que indica permanências e alterações.

A título de exemplo, faço algumas colocações a respeito das questões de gênero, do *ethos guerreiro* e o da *masculinidade*, com o intuito de chamar atenção para os sentidos atribuídos às práticas sociais ligadas ao funk, por ser uma das práticas de lazer da geração juvenil atual, que apresenta diferenças em relação a um passado não tão distante.

Ainda é possível falar sobre a existência de um *ethos guerreiro e masculino* nos bailes funk, mas talvez em menor intensidade e com outros sentidos se comparado à época dos “bailes de briga” ou “bailes de corredor”¹³ disseminados

¹³ Estes bailes funk foram muito noticiados pela mídia jornalística e reprimidos pela polícia na década de 1990, em função dos seus episódios de violência envolvendo jovens. Tais bailes eram frequentados por jovens moradores de favelas ou da baixada fluminense, onde alguns jovens faziam parte de grupos, conhecidos como “galeras funk”, que possuíam os nomes de seus territórios de moradia. Nestes bailes específicos, as galeras oriundas de várias localidades entravam em confronto durante o baile, sendo “o ponto alto” da noite a “luta” entre as galeras rivais. Para tomar conhecimento de análises mais aprofundadas sobre as dinâmicas sociais engendradas por este tipo de baile funk sugiro consultar Cecchetto (1997).

pela cidade do Rio de Janeiro e outras regiões, na década de 1990, com diferenças em relação aos bailes de comunidade¹⁴, conforme discussão desenvolvida por Cecchetto (1997). O *ethos* guerreiro e a masculinidade foram analisados por esta autora como sentidos compartilhados pelos jovens nos “confrontos” entre as galeras funk, nos bailes de briga, como demonstração de coragem e virilidade, além de uma *disposição* para brigar.

Atualmente, pode-se dizer que as questões da masculinidade e do *ethos* guerreiro ganharam outras dimensões de discussão na medida em que podem ser analisadas pelas disputas nas relações afetivas entre os gêneros masculino e feminino, através das músicas cantadas no baile.

Nos bailes, é comum que as músicas ressaltem o discurso feminino sobre a traição, o namoro, o casamento e outros aspectos das relações afetivas, que demonstram as tensões e questões sobre a construção das relações de gênero e de sexualidade entre homens e mulheres na atualidade. Além disso, essa questão tornou-se relevante, pois a presença feminina, pelo crescimento do número de cantoras de funk, aumentou significativamente em relação à década de 1990.

No “Simpósio de Pesquisadores do Funk Carioca”¹⁵, as reflexões que tomaram conta dos debates ao longo do evento destrincharam o funk, enquanto manifestação cultural¹⁶ que se espalhou pela cidade do Rio de Janeiro, bem como pelo Brasil. O funk é um estilo musical que atualmente não é ouvido, tocado e dançado somente nos territórios das favelas cariocas. Além disso, o próprio estilo musical apresenta variações internas citadas por especialistas, apontando a diversidade de classificações e gêneros, tais como *funk de raiz*, *funk das antigas*,

¹⁴ Nos bailes de comunidade, ou seja, que acontecia dentro de favelas, não acontecia brigas entre galeras funk, devido à proibição dos organizadores dos bailes, que muitas vezes eram os integrantes das quadrilhas de tráfico de drogas.

¹⁵ Este simpósio foi realizado em maio de 2011, na Universidade Federal do Rio de Janeiro em parceria com o PPG em Psicologia/NUCC/Instituto de Psicologia e PPG Neolatinas/Faculdade de Letras. O evento contou com a participação e promoveu o debate entre pesquisadores especialistas no tema, a partir de diferentes focos de análises e áreas de conhecimento.

¹⁶ A Lei n.º 5.265/08, de autoria do deputado Álvaro Lins, criou regulamentações para a realização de bailes funk e festas *rave* (música eletrônica). Esta lei estabelecia exigências que na verdade impossibilitavam o seu cumprimento, especialmente no caso de bailes funk realizados em favelas, gerando o aumento da repressão por parte da polícia e a interrupção dos bailes funk em várias favelas cariocas. Tal fato, por outro lado, gerou uma mobilização em prol do reconhecimento do Funk como manifestação cultural. A partir disso, foi criada a Associação dos Profissionais e Amigos do Funk (APAFunk), que atuou durante todo o processo, e culminou em uma votação na Alerj, no dia 1º de setembro de 2009, quando foi criada a Lei n.º 1.671/08, de autoria dos deputados Marcelo Freixo (PSol) e Wagner Montes (PDT), reconhecendo o Funk como manifestação cultural. Também foi aprovada a Lei n.º 1.983/09, que revogou a lei de proibição da realização de bailes funk.

funk sensual, funk consciente, funk proibidão, funk gospel, funk melody, funk de boate, dentre outros.

No entanto, por conta dos objetivos e limites deste trabalho, não poderei descrever cada um desses gêneros, mas fica registrada a heterogeneidade do estilo musical do funk, em contraposição à tentativa de delimitação da categoria funk e suas práticas associadas ao lazer, enquanto uma definição essencializada e generalizada.

Portando, o que deve ser questionado e analisado diz respeito ao fato de o funk continuar sendo criminalizado, especialmente nos territórios das favelas. Em outros locais e espaços, como em boates da zona sul, em casas noturnas de show da região turística da Lapa, no centro da cidade do Rio de Janeiro, em alguns clubes do subúrbio, em “chopadas” universitárias, em programas de televisão, e até em festas em que o público não se reconhece como funkeiro, este estilo musical e sua dança estão presentes. A letra de uma música de funk intitulada “É som de preto”, dos MC’s Amilcka e Chocolate, de forma assertiva, expressa isto no refrão: “É som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado”.

Dentre as várias colocações que podem ser feitas sobre a tolerância do funk em outros espaços fora da favela, uma delas é o fato de o público frequentador se distinguir pelas características sociais, econômicas e culturais, que provavelmente não são compartilhadas e nem associadas diretamente ao estilo de vida dos moradores das favelas. Além disso, o funk tem uma capacidade de mutação considerável, vistas suas variações de gênero, já citadas, promovendo a circulação deste estilo musical por vários espaços sociais. Porém, a circulação dos funkeiros por outros espaços sociais e territórios da cidade precisa ser problematizada de outra forma. Nesse caso, deve-se levar em conta desde os estigmas que recaem sobre esses indivíduos, reforçando preconceitos, até os aspectos relacionados à sua condição econômica, interesses em outras atividades de lazer e pertencimento territorial, que influenciam sua movimentação pela cidade.

Os bailes funk em boates ou em festas temáticas específicas (ver Figura 1 dos Anexos), como, por exemplo, “Eu amo Baile Funk”, que acontece no Circo Voador, no Bairro da Lapa, e vende ingressos que custam em média entre R\$40 e R\$60,00 (quarenta/ sessenta reais), tem proximidades e diferenças em relação às músicas e a algumas características dos bailes funk em favelas.

Outras questões e discussões surgem na atualidade em relação ao funk e a sua expansão pelo Brasil, o que tem gerado debates importantes para compreensão dessa manifestação de um modo mais ampliado.

A historiadora Adriana Facina e MC Leonardo da Rocinha, que também é integrante da Associação dos Profissionais e Amigos do Funk (APAFUNK) e teve papel importante na mobilização dos funkeiros contra a criminalização e pelo reconhecimento do funk como manifestação cultural, apontam a complexidade das questões sociais, que emergem do funk, e estimulam um debate mais aprofundado sobre esta manifestação:

Apesar desse cenário, novos horizontes surgem no funk. Movimentos reivindicando leis que assegurem o funk como expressão cultural de caráter popular, impedindo sua criminalização; associações profissionais de MC e DJ buscando assegurar os direitos desses artistas; discussões sobre raízes que tornem o funk menos refém do mercado e mais autônomo nos seus circuitos de criação e divulgação musical; organização de rodas de funk que, à semelhança do samba, busquem unir gerações, criando espaços de trocas de experiências e de sociabilidade entre os artistas; criação de circuitos alternativos de festivais, sobretudo nas favelas, buscando estimular a criação musical e fortalecimento do diálogo com outras tradições musicais populares como o samba e o hip hop. Todas essas e muitas outras não mencionadas aqui são algumas das iniciativas que estão postas na cena funk e que apontam para um futuro no qual o potencial de comunicação popular do batidão possa se expressar livremente (FACINA e MC. LEONARDO, *Jornal Brasil de Fato*, 2009).

Além de concordar com as colocações dos autores, creio que a manifestação cultural do funk também pode ser manipulada de várias formas e por interesses diversos, que estão ligados ao mercado da indústria cultural, ao mercado turístico e também às dinâmicas de segregação na cidade, quando é criminalizado nas favelas. Isto indica que os discursos produzidos sobre esta manifestação cultural podem ser muito diversos e usar várias argumentações para a sua construção, contemplando as várias dimensões sociais do funk.

Enfatizando os aspectos microssociais e reconhecendo as vinculações com as questões macrossociais, é importante considerar o conjunto de práticas e contextos sociais de referência, os sujeitos que compartilham tais práticas, ou seja, examinar a dinâmica social e situacional em que se desenvolve tal manifestação, enquanto sendo também uma prática de lazer.

Durante a pesquisa realizada na Rocinha, foram identificados vários espaços de lazer públicos e privados, aqui traçados em uma *mancha* de lazer (MAGNANI, 2002), cuja descrição aparece no capítulo II com mais detalhes. O mapa (ANEXO A-01), com desenho feito pelo Alexandre, favorece a visualização da “mancha”. A partir

da construção da tal mancha e das entrevistas com os jovens moradores locais, pude perceber as diversas modalidades de diversão, compartilhadas na Rocinha, bem como identifiquei, também, preferências e predominâncias de certas práticas de lazer sobre outras.

No entanto, faço a ressalva de que, neste trabalho, apesar de considerar a importância do estilo musical funk nestes territórios e dos estudos já realizados sobre o tema, nesta análise o funk é compreendido como mais uma das práticas ligadas à dinâmica do lazer na favela. Digo isto porque percebo que, às vezes, o funk e suas manifestações são analisados de forma reducionista e essencializada como prática de lazer exclusiva e única dentro das favelas cariocas, sendo reforçado como elemento identificador estereotipado. Em relação aos argumentos essencialistas que tentam tipificar o funk, uma jovem moradora entrevistada, a Vanessa¹⁷, relatou uma de suas experiências pessoais ligadas à curiosidade de suas amigas de trabalho em visitar a Rocinha.

Pesquisadora: E ela pergunta daqui (da Rocinha)?

Vanessa: Doida para vir aqui. Ela disse que é doida para vir na Rocinha. Falei para ela que eu vou marcar para a gente vir aqui.

Pesquisadora: Mas para que ela quer vir aqui?

Vanessa: Para conhecer.

Pesquisadora: Mas para conhecer o quê?

Vanessa: O baile (funk). A maioria quando fala que quer vir aqui quer vir conhecer o baile.

Pesquisadora: Por que você acha isso, que eles querem conhecer o baile?

Vanessa: Não sei. Todo mundo. Tem uma menina lá na loja, que ela não mora em favela não, sabe. Ela é louca para ir na favela só para conhecer o baile. Ela morre de vontade de ir na favela só para conhecer o baile.

Pesquisadora: E o que você fala?

Vanessa: Falo que eu vou trazer ela.

Pesquisadora: Mas você já trouxe alguém?

Vanessa: Não, quer dizer, já. Não, mas só a minha amiga lá do Rio das Pedras mesmo, mas ela nunca tinha vindo também, não.

Pesquisadora: E o que ela achou?

Vanessa: Ela gostou. (Vanessa, 24 anos, vendedora)

No trecho da entrevista identificamos que uma das amigas de Vanessa era moradora de outra favela, chamada Rio das Pedras, onde, apesar da existência de

¹⁷ Para preservar o anonimato exigido pela norma de ética das pesquisas com pessoas, **são fictícios** todos os nomes dos entrevistados que aparecem no trabalho.

milícias¹⁸, acontece um baile funk muito conhecido, realizado na Casa de Show “Castelo das Pedras”. Para esta pessoa, a princípio, o baile funk e a favela não seriam totalmente desconhecidos, mas sua vinda à Rocinha poderia estar motivada pela curiosidade em perceber as diferenças e estabelecer possíveis comparações entre o seu lugar de moradia e a Rocinha, através do baile funk.

No caso das amigas da entrevistada que não são moradoras de favela, entre as suas motivações para conhecer a Rocinha, o baile funk aparece como a primeira opção. A própria entrevistada afirma que “*a maioria quando fala que quer vir aqui (Rocinha) quer vir conhecer o baile*”. Pode-se levantar a hipótese de que, dentre as pessoas que compõem o círculo de amizades juvenil da entrevistada, esta prática de lazer pode ser compartilhada, mas ao mesmo tempo percebe-se que tal prática aparece como característica marcante da favela.

Ao longo da pesquisa foi possível observar que, apesar da predominância à preferência do estilo musical funk dentre os entrevistados, o pagode e o forró também estão muito presentes no cotidiano dos moradores. O forró, inclusive, pode ser reconhecido como uma marca da presença nordestina na composição social dos moradores da Rocinha. Além disso, são realizadas festas *have* (de música eletrônica), festas para o público gay, micaretas de música baiana durante o carnaval e ensaios da escola de samba Acadêmicos da Rocinha, shows com artistas nacionais famosos de vários estilos musicais e até artistas internacionais; comemorações e outros eventos culturais diversos, como o Dia da Cultura na Rocinha, realizado no mês de julho, em 2011.

Observei que as práticas de lazer de seus moradores se distinguem, uma vez que existem diversas opções, tanto nessa favela como em outros espaços de lazer localizados nos bairros próximos, e na cidade de maneira geral. É importante ressaltar que as práticas sociais decorrentes das sociabilidades desenvolvidas nesse território, especialmente aquelas relacionadas às práticas de lazer, são constituídas de maneira híbrida, fluida e multifacetada em relação às dimensões cultural e social. Contribui para isto desde os aspectos da diversidade cultural local

¹⁸ Os grupos de milícia são, geralmente, identificados como grupos de pessoas formados por funcionários do Estado ligados à área de segurança pública, tais como policiais militares, que fazem “a segurança particular” em territórios populares, fora do horário regular de serviço e de sua função social delegada. Com o discurso da manutenção da “ordem” e “segurança”, os grupos de milícia exercem o domínio do local, bem como *administram* a venda de serviços, como sinal de TV a cabo, botijões de gás de cozinha e cobrança de taxas aos comerciantes locais, dentre outros.

até a divulgação de informações diversificadas pelos vários tipos de mídia de alcance global. Os meios de comunicação de massa divulgam e criam novas necessidades sociais, padrões estéticos e de consumo, como também de estilo de vida, baseados em modismos passageiros, utilizando referências de padrões sociais oriundos de grupos sociais distintos, com certa tendência a valorizar as referências socioculturais dominantes. Ocorre também um processo de massificação cultural que se apropria de elementos de manifestações culturais, que acabam transformadas e ressignificadas para atingir a um grande público, isto é, a massa. Com isso, é criado um caldo mesclado de referências culturais que influenciam as práticas sociais, dentre elas o lazer, que, de maneira geral, vai propagando diferentes estilos de vida para a sociedade. Portanto, a partir dessas influências, os moradores de favela engendram formas de reapropriação, criação, reinvenção e cópia de padrões sociais conformes às experiências sociais compartilhadas, tanto através dos veículos de comunicação quanto pela circulação “dentro” e “fora” do território das favelas.

Por isso, insisto na afirmação de que a preferência e a predominância de alguma atividade de lazer, a exemplo do funk, não justifica a tipificação de tal atividade como característica essencial e exclusiva da Rocinha, ou das favelas cariocas em geral. Questiono e me oponho a esta tendência essencializadora que pretende determinar e identificar certas atividades e formas de viver como sendo específicos das favelas.

Aproveitando o mote da discussão, faço uma breve reflexão a respeito da situação dos jovens moradores das favelas. Primeiramente, proponho pensar e reconhecer esses jovens a partir da categoria “juventudes” (NOVAES, 1997) em contraposição à categoria “*juventude* de favela”. A categoria “juventudes” pode nos ajudar na compreensão da pluralidade da constituição dos jovens em cada favela carioca, assim como contribui para elencar os traços que os aproximam e os distinguem em seu *habitat*, ou seja, dentro da favela.

Na Rocinha existem várias juventudes relacionadas a práticas sociais que influenciam o estilo de vida e a construção da concepção de mundo desses jovens. Encontramos jovens vinculados à religião (grupos de jovens católicos e evangélicos), a estilos musicais (rock, samba, pagode, funk, MPB), às artes plásticas, cênicas e dança (grupos de teatro, grupos de dança, jovens artesãos, etc.), aos movimentos sociais como, por exemplo, o Pré-Vestibular Comunitário da

Rocinha, jovens *universitários da favela* como indica Valladares (2009) e aos partidos políticos, para citar apenas alguns tipos juvenis de pertencimento social.

É importante frisar que o termo “jovem” também não deve estar restrito a definições cronológicas feitas de maneira rígida e arbitrária (NOVAES, 1997), pois é preciso considerar questões mais complexas para identificar os grupos de jovens em seus contextos sociais. Portanto, quando se parte da categoria *juventude* de favela, este grupo social sente os efeitos perversos do preconceito e de estereótipos que recaem sobre os moradores de favela de maneira geral, e, especificamente, quando são associados à imagem do funkeiro, de forma homogeneizante.

Os jovens moradores das favelas, atualmente, se transformaram no público priorizado e contemplado por projetos, políticas e ações sociais governamentais ou ligadas a alguma ONG, em várias áreas, tais como: saúde, educação, segurança, cultura e trabalho. Este grupo passou a preocupar grande parte da sociedade na medida em que é visto como aqueles que vivem em condições de “risco” e vulnerabilidade social, transformando-se em um potencial “problema”. Tal fato justifica a perspectiva de projetos que se aproximam de propostas “civilizadoras” e da “salvação” desses jovens de sua situação de barbárie e do “mundo do crime”, considerado praticamente inevitável, a que estariam expostos.

A condição de morador de favela representa mais um agravante quando associada ao fenótipo negro e ao sexo masculino, pois estas são marcas sociais, cuja carga simbólica foi historicamente construída a partir do preconceito racial, promovendo assim o processo de criminalização da população negra, que são em grande número moradores das favelas e de outras áreas periféricas da cidade. Com isso, este grupo social passa a ser entendido como “perigo iminente”, principalmente para os moradores da cidade.

Estatísticas de estudos e relatórios vinculados a instituições governamentais ou acadêmicas verificam concentração de altos índices de morte violenta entre a população na faixa etária entre 15-24 anos. Tais estudos indicam que a maioria é composta por pessoas do sexo masculino, negros, de baixa renda, e moradores das favelas ou da periferia das grandes metrópoles, como indica Ramos (2004):

As variáveis cor e idade, combinadas, também são um fator de risco para ser considerado suspeito pela polícia. Os jovens pobres, predominantemente negros, moradores de favelas e das periferias dos grandes centros são os suspeitos preferenciais da polícia. Pesquisa realizada pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, na cidade do Rio de Janeiro, revelou que 57,9% das pessoas paradas pela polícia

andando a pé na rua têm entre 15 a 29 anos. Por sua vez, considerando pessoas paradas em todas as abordagens policiais, os negros sofrem revista corporal em 55% das vezes em que são abordados, contra 32,6% das vezes quando os brancos são abordados (RAMOS, 2004, p.5).

Outro dado a ser ressaltado diz respeito à divulgação de imagens e notícias pelos meios de comunicação, e a avaliação que a sociedade faz delas. Pode-se sugerir que, de maneira geral, a sociedade se põe em estado de alerta, visto que os jovens com tais características são tanto as vítimas de violência ou do crime violento — independentemente de terem ou não vínculos com atividades ilegais —, quanto podem ser os autores da violência.

Segundo Castro (2004) a *errância* dos jovens pobres é vigiada e por vezes está fundada em estereótipos e preconceitos, que abrangem a sociedade de maneira geral, mas também são incorporados pela população pobre, principalmente quando se coloca que os jovens deveriam se preocupar, sobretudo, em estudar e trabalhar para mudar a sua situação social. Distintos segmentos sociais costumam compartilhar o discurso de que os jovens que ficam na “rua” durante seu tempo livre ou “não têm nada para fazer” ou, supostamente, estariam destinados a se envolver com algum tipo de atividade desviante.

No campo das políticas públicas de esporte e lazer voltadas para crianças e jovens pobres, moradores de favelas ou áreas periféricas da cidade, os projetos sociais associam diretamente a prática de esportes como uma das principais práticas de lazer. Para os elaboradores dessas políticas e para muitos familiares dos beneficiários dela, a prática de esportes seria uma das melhores alternativas para ocupar o tempo livre dos jovens¹⁹.

Para Zaluar (1994) é feita uma “mistura” de classificações entre as atividades de lazer e de esporte. Estas últimas, além de serem práticas para ocupação do tempo livre, em muitos casos geram expectativas para os pais e para os jovens que consideram o futebol como sendo uma opção de profissionalização. Isto, muitas vezes, gera conflitos entre os próprios jovens que participam dos projetos, seus familiares e os professores ou instrutores das atividades, em relação aos objetivos dos projetos e em face aos sentidos atribuídos por seus beneficiários.

¹⁹ A análise antropológica produzida por Alba Zaluar (1994) a respeito de algumas políticas sociais baseadas no desenvolvimento de projetos nas áreas de esporte, lazer e educação para o trabalho, na Cidade de Deus, é um estudo interessante para se perceber como alguns aspectos das políticas públicas voltadas para jovens pobres, nos anos de 1980, ainda permanecem vigentes na atualidade.

A prática de esportes é vista como uma boa opção para disciplinar, educar e reorientar os jovens para o caminho do “bem”, ou seja, para o trabalho. Portanto, Zaluar (1994) aponta que, por vezes, os pais tendem a criticar os projetos sociais que priorizam o aspecto lúdico e da brincadeira, sem a incorporação de alguma atividade profissionalizante, como cursos técnicos, que preparem os jovens para o mundo do trabalho.

A percepção do lazer como um direito do cidadão recebe, também, a influência dos contextos onde as pessoas vivem e das suas preocupações cotidianas. Zaluar aponta que a própria classificação de “classe trabalhadora” interfere na concepção de lazer das pessoas que necessitam trabalhar incessantemente, como único meio de sobrevivência e, por isso, tendem a valorizar seu tempo livre de forma diferenciada. As próprias condições de vida no local de moradia também interferem nas opções e práticas de lazer. Segundo Zaluar, na década de 1980, nos territórios de favelas estudados por ela, o esporte era prioridade e, por isso, as reivindicações de áreas de lazer incluíam, com frequência, uma quadra de esportes.

Em última análise, e promovendo uma aproximação com o pensamento de Elias e Dunning (1991), pode-se mencionar que as atividades esportivas são colocadas como uma forma de *controle da excitação*²⁰ do comportamento violento dos jovens moradores das favelas. Neste caso, a atividade esportiva seria colocada em oposição à atividade de lazer do baile funk, pois, de acordo com a visão pautada em estereótipos e na criminalização das práticas sociais ligadas ao funk, este teria como característica essencial a agressividade e a violência.

Portanto, políticas públicas e projetos sociais ligados às atividades esportivas com fins declarados de profissionalização e reforço das justificativas moralizantes ligadas à disciplina, aos “bons” valores e costumes, e ao desenvolvimento de condutas e comportamentos que afastem o suposto comportamento agressivo e

²⁰ O *controle da excitação* através da transformação de passatempos em desportos é analisado por Norbert Elias (“A busca da excitação”, 1992), como parte do desenvolvimento das sociedades industriais, sobretudo da sociedade inglesa, influenciada e concomitante com as transformações históricas dos aspectos sociais e políticos ao longo do tempo. O desporto é apontado como atividades que envolvem um conjunto de regras de *controle*, a serem seguidas por seus jogadores, visando principalmente à redução da violência física de um contra o outro. Em linhas gerais, a argumentação deste autor leva à compreensão de que o processo de civilização também tem relação com o controle da excitação, de forma que os impulsos de violência física seriam “controlados” e liberados através de tensões agradáveis contidas nas atividades de lazer e desporto. Desta forma, aprender a controlar os impulsos espontâneos também faria parte do processo de civilizar-se.

violento dos jovens moradores de favela, são muito bem-aceitos pela sociedade, principalmente por seus segmentos mais abastados.

As discussões levantadas neste capítulo tiveram por objetivo questionar a tendência essencializadora que tenta definir elementos de identificação e características essenciais à “favela”, ao “funk” e à “juventude de favela”, reforçando estigmas e estereótipos construídos socialmente ao longo do processo histórico de criminalização da pobreza, bem como dos territórios das favelas e de seus moradores.

Ressalto que as análises da favela precisam ser realizadas reconhecendo a diversidade cultural e social presente nesse território, bem como os vários interesses em luta no campo das formulações dos discursos a respeito de suas problemáticas sociais. Defendo a valorização da observação da dinâmica social entrelaçada à vida cotidiana e às práticas sociais desenvolvidas em tais contextos marcados pela desigualdade, levando em conta a perspectiva de análise situacional e performática que envolve vários sujeitos e instituições sociais.

No caso das *juventudes* das favelas existem engendramentos sociais diversos a partir das redes de relações locais e o envolvimento em situações sociais múltiplas. Por isso, não é apropriado encerrar a categoria “*juventude de favela*” para tentar definir um perfil social singular e característico deste grupo. Isto também serve para refletir sobre o funk, enquanto prática de lazer que, mesmo sendo predominante no território das favelas, não é capaz de sufocar as possibilidades de desenvolvimento de outras práticas de lazer nas favelas. Além disso, o próprio funk, atualmente, enquanto manifestação cultural, vem se diversificando e está presente em vários espaços sociais e de lazer na cidade do Rio de Janeiro.

2 UM “ROLÉ” PELA FAVELA EM BUSCA DE DIVERSÃO

2.1 O lazer e suas práticas na favela: em busca de caminhos teóricos e metodológicos

Os estudos sobre as favelas cariocas através de seus aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos, dentre outros, têm sido realizados por meio de trabalhos acadêmicos universitários, órgãos do governo, instituições particulares e pela sociedade civil organizada, principalmente por organizações não governamentais. Tais estudos remontam ao início do século XX, quando a favela passou a ser construída como objeto e categoria de análise. Atualmente, nota-se a proliferação de produções que versam sobre variados temas.

Em “Pensando as favelas do Rio de Janeiro, 1906-2000”, Valladares e Medeiros (2003) fazem um inventário dos estudos sobre as favelas, produzidos no século XX. Ao consultar este inventário é possível constatar a predominância de abordagens sobre alguns assuntos, dentre os quais, os mais recorrentes estão relacionados à remoção, execução de políticas públicas, avaliação de diversos programas governamentais, principalmente de urbanização de favelas, além das experiências dos conjuntos habitacionais e o mercado imobiliário. Há diversos trabalhos também sobre associativismo, participação popular, manifestações culturais, movimentos sociais, aspectos históricos e simbólicos da favela e, por fim, mais recentemente, sobre assuntos ligados à violência, criminalidade e segurança pública.

Na obra citada estão mencionadas apenas três referências (estudos) que têm o lazer como tema. Um deles é um dos clássicos da literatura acadêmica sobre as favelas, escrito por Zaluar (1985), intitulado “A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza”, que é mencionado duas vezes como referência sobre o assunto. O outro trabalho é um estudo de caso da favela do Catumbi, escrito por Santos (1981), cujo título “Pesquisa sobre uso do solo e lazer no Bairro do Catumbi”, que tem como objetivo compreender o que são as práticas de lazer na visão dos moradores dessa localidade, e a sua importância para a constituição do espaço social.

Apesar de o inventário se referir aos estudos produzidos até o ano 2000, encontrei apenas duas referências bibliográficas específicas sobre *funk*, dez a

respeito de *juventude/galera*, e dez sobre *escolas de samba*. No entanto, registra-se um número considerável de trabalhos ligados à *cultura popular* e à *vida cotidiana/cultura da favela*, mas que, diante do universo de mais de 600 trabalhos levantados pelas autoras, não representam uma quantidade expressiva.

A catalogação dos estudos por áreas geográficas pesquisadas, identificadas como favelas, revelou que até o ano 2000 havia 74 trabalhos escritos sobre a Rocinha, a que ocupa a primeira posição no “ranking” de favelas estudadas.

Após a leitura de todos os resumos do inventário a respeito dos estudos vinculados a esta favela, pude constatar que a maioria aborda assuntos, tais como os programas governamentais e as iniciativas locais na área de saúde, questões de infraestrutura habitacional e planejamento urbano, a organização de mulheres em prol de melhorias nas condições de vida, a participação popular e alguns estudos na área de educação. Também existem muitos estudos na área ambiental, enfocando principalmente a problemática do lixo e os programas governamentais que fazem avaliações de impactos, destinados exclusivamente para a Rocinha, mas que de maneira geral incluem outras favelas cariocas. Outro dado curioso é o número considerável de estudos estrangeiros, escritos em inglês ou francês sobre esta favela.

Os estudos que tratam a Rocinha pela perspectiva que considero mais próxima ao tema lazer fazem referência aos assuntos de cultura popular e cultura da favela. Para a elaboração desta pesquisa, destaco o livro “Varal de Lembranças”, de Segala e Silva (1983), e que foi escrito a partir de relatos de moradores antigos. Este trabalho reconstitui um pouco da história de consolidação da Rocinha em vários aspectos, desde a chegada dos primeiros moradores, a mobilização e as lutas por melhores condições de vida, a organização social e política, até os detalhes sobre a vida cotidiana no local, ao longo do tempo. Através dele, obtive informações de algumas práticas de lazer, dos tempos mais antigos.

Com o intuito de encontrar trabalhos acadêmicos sobre a Rocinha, sobretudo a respeito do tema “lazer”, fiz um levantamento dos estudos realizados sobre a Rocinha a partir de pesquisa para atualização bibliográfica no Portal Capes, na seção “Banco de Teses da Capes”. Nesse local, obtive informações de dissertações e teses produzidas entre 2000 e 2009. Não foi possível incluir o ano de 2010, pois no site estavam disponíveis para consulta apenas trabalhos produzidos até o ano 2009.

Nesse banco de dados fiz um levantamento pelo item *assunto*, escrevendo a palavra “Rocinha”. Com isso, tive acesso a uma listagem de trabalhos, cujas informações trazem o nome autor, a instituição de ensino, a área de concentração do estudo e um resumo do trabalho. Foram encontradas 30 dissertações e 8 teses, nas quais a Rocinha aparece como objeto de estudo principal ou é analisada em estudos comparativos.

Para minha surpresa encontrei apenas duas dissertações que têm como tema “lazer na Rocinha”. Uma delas, com o título “Espaço vivido favela: brincadeiras infantis nos espaços livres da Rocinha” (COELHO, 2004), foi defendida no Departamento de Pós-Graduação de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A outra dissertação intitulada “A (re)invenção da praça: a experiência da Rocinha e suas fronteiras” (KLINTOWITZ, 2008), foi defendida no Departamento de Pós-Graduação em Urbanismo da Pontifícia Universidade de Campinas, em Campinas (SP), e aborda o uso espacial e social da laje²¹ enquanto “praça”, na medida em que tal espaço é constantemente reinventado pelos moradores locais.

Na atualização bibliográfica do Banco de Teses da Capes, especialmente em relação aos estudos sobre a Rocinha, percebi que alguns temas de pesquisa começam a emergir e de certa forma são “novas” questões sociais, pelas quais as favelas podem ser investigadas. Dentre elas, destacam-se a inserção das novas tecnologias de comunicação e informação, o turismo de favela, o estudo sobre o padrão de beleza das mulheres, as novas formas de trabalho na favela a partir da profissão de moto-táxi e o acesso ao microcrédito. Dos temas considerados mais recorrentes e “tradicionais” sobre as favelas, os aqui citados continuam sendo os predominantes entre os trabalhos acadêmicos, disponibilizados no Banco de Teses da Capes.

Durante a pesquisa tomei conhecimento sobre diversas bibliografias e diferentes abordagens sobre o tema lazer e suas práticas. Muitas delas ajudaram a compor as presentes análises desta dissertação. Outras, no entanto, foram

²¹ A laje é uma superfície de concreto que corresponde ao teto de uma residência. Nas favelas, as lajes das residências têm variados usos sociais. Elas servem como área para lavar e secar roupas, mas o uso social para realizar atividades de lazer é muito significativo. Na laje as crianças brincam e soltam pipa; também, ali, são realizadas festas de aniversários, churrascos comemorativos e outras atividades. Na Rocinha, assim como em outras favelas cariocas, a laje tem alto valor monetário, pois devido à escassez de terrenos para a construção de novas casas, na maioria das favelas da zona sul, a laje passou a ser vendida como “terreno” de construção. Além disso, em muitos casos a laje é um dos bens que é passado dos pais para os filhos, com vistas à garantia do acesso à casa própria.

utilizadas apenas superficialmente por se distanciarem dos objetivos aqui propostos, mas contribuíram, sobretudo, para o meu entendimento de que o tema lazer (e suas práticas) é diverso e controverso, com discussões e debates realizados sob diferentes perspectivas analíticas²².

O lazer, tema focado neste trabalho, visto através das práticas de lazer desenvolvidas pelos moradores da Rocinha, aparentemente, ainda tem pouca inserção no debate acadêmico, porque visa compreender o tempo livre no cotidiano das favelas. Principalmente, quando se busca por perspectivas analíticas distanciadas de estudos sobre bailes ou galeras funk, samba, e projetos esportivos ou culturais, promovidos tanto pelo governo quanto por organizações não governamentais, que almejam “salvar vidas” de jovens moradores de favelas do fim “quase inevitável”, ou seja, o ingresso no “mundo do crime”.

A tese de Peres (2009) foi importante para me ajudar a pensar e desenvolver algumas questões da presente dissertação. Intitulada “Lazer, juventude e sociabilidade em um conjunto de favelas cariocas”, esta pesquisa reflete sobre o lazer através de projetos ou rede de pessoas — associadas em torno de meios de diversão —, e busca compreender o papel desses atores na construção de redes de sociabilidade, fortalecimento de laços sociais, redes de troca e conflitos entre os jovens moradores de Manguinhos.

Através do trabalho desse autor é possível perceber como o lazer é importante enquanto demanda social e como ele promove ações coletivas em prol da melhoria das condições de vida dos moradores da favela de Manguinhos. Porém, isto não quer dizer que não existam tensões sociais e conflitos políticos locais atrelados a essa questão. Nesse sentido, compartilho a perspectiva analítica utilizada pelo autor, que busca compreender o desenvolvimento de sociabilidades naquela favela a partir das questões ligadas ao lazer, extrapolando a tendência que enfatiza a dimensão da violência para estudar as favelas cariocas.

²² Na sociologia existem obras clássicas sobre o tema como as de Dumazedier em “Lazer e cultura popular” (1973) e “Sociologia empírica do lazer” (1979). Nelas o autor indica que o desenvolvimento da sociedade industrial coloca a questão do lazer ou do tempo livre, enquanto fenômeno para a análise sociológica desde o século XIX. Outro autor que tem uma obra importante é Stanley Parker, que escreveu o livro “A sociologia do lazer” (1978). Estudos mais recentes como os realizados por Valquíria Padilha em “Dialética do lazer” (2006a) e “Shopping center: a catedral das mercadorias” (2006b) apresentam uma abordagem marxista sobre o tema, além de Adorno em “Indústria cultural e sociedade” (2002). Apesar de ter consultado tais obras, ressalto que nem todas elas foram utilizadas nas reflexões desenvolvidas nas análises deste trabalho.

Desenvolver reflexões que enfoquem as favelas do ponto de vista das práticas de lazer, em um primeiro momento, pode soar como uma contradição ou uma fuga de temáticas mais “relevantes”, que supostamente poderiam apontar “soluções” para os problemas estruturais de ordem econômica, social e política, que estão presentes no cotidiano de seus moradores, bem como tratar das condições precárias de vida e da exposição à violência.

No entanto, àqueles que creem que o estudo das práticas de lazer pretende privilegiar uma dimensão contraditória, alienante e supérflua da vida, cuja função principal é a de amenizar as dificuldades do cotidiano, independentemente do local em que se realizem, proponho que não se deixem envolver pela subestimação do tema. É importante considerar que tais práticas reúnem os indivíduos e também podem ser reveladoras, pois os colocam em situações e experiências sociais diferenciadas, de acordo com cada contexto onde estes sujeitos estiverem inseridos.

Através desta chave analítica podem ser observados e tratados, de modo inter-relacionado, aspectos que transitam entre as esferas macro e micro da sociedade. Portanto, análises que enfatizem o desenvolvimento de sociabilidades; o processo de produção de estigmas e dos estereótipos; as formas de manifestação do preconceito através da identificação de estilos de vida diferenciados; influência do mercado na indústria cultural, bem como os sentidos e significados de certas práticas sociais para determinados grupos, são algumas das dimensões da vida social que podem ser estudadas através das práticas de lazer.

Também é importante compreender que tais práticas fazem parte de dinâmicas sociais engendradas e imersas em conflitos sociais presentes na nossa sociedade de maneira geral e, sobretudo, nas favelas, em função da segregação espacial e da inserção desigual delas no âmbito da cidade.

Em “Noites Nômades” (2003), Almeida pesquisa o lazer dos jovens da classe média carioca, moradores da zona sul. O trabalho destrincha os modos como os jovens usam e transformam os espaços da rua ou de estabelecimentos comerciais como pontos de encontro entre grupos e de diversão na *night*, ou seja, categoria nativa usada como gíria pelos jovens para se referirem a este tipo de lazer noturno.

A autora demonstra vários detalhes relacionados aos elementos corporais, ao vestuário, à comunicação (o uso do celular para saber onde a *night* está boa); aos recursos financeiros (o uso de táxi e carro para se locomover pela *night*); à distinção

de grupos e sociabilidades (amigos de colégio, do condomínio etc.), que estão envolvidos na circulação destes jovens nos momentos de seu lazer noturno.

Esta abordagem serviu de inspiração para a presente dissertação na medida em que contribuiu para o levantamento de questões e o desenvolvimento de uma perspectiva analítica, através da qual foi possível observar os elementos corporais (calçados, bolsas, acessórios do vestuário) e o comportamento (o “jeito de dançar” ou de “se comportar” no baile funk), como uma das formas utilizadas pelos jovens moradores da Rocinha para identificar quem é “de fora” e quem é “de dentro” do território. A partir de determinadas características sociais que podem ser consideradas marcadores sociais, segundo os jovens moradores entrevistados, é possível reconhecer e supor o pertencimento social das pessoas que frequentam alguns espaços de lazer na Rocinha, principalmente na casa de show, onde realizei este estudo de caso.

Outro dado interessante do estudo de Almeida (2003) diz respeito aos estabelecimentos que compõem o circuito de circulação dos jovens de classe média, como por exemplo, postos de gasolina e ruas do Bairro da Gávea, que são ressignificados e têm seus usos sociais alterados em decorrência do objetivo da diversão.

A autora se apropria do conceito de “*heterotopia*”²³ utilizado por Foucault para analisar a diferenciação entre espaços heterotópicos e utópicos, sendo que “as heterotopias são lugares efetivamente realizados, enquanto as utopias não têm existência concreta” (ALMEIDA, 2003, p.26).

Os espaços considerados heterotópicos seriam aqueles:

[...] que têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros, mas sob um modo tal que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto das relações que se encontram, para eles, previamente designadas [...] seriam “diferentes” dos espaços culturais ordinários nos quais vivemos (ALMEIDA, 2003, p.26).

Dessa forma, um estudo como este permite elaborar diálogos e propor comparações entre as práticas de lazer de/entre grupos e classes sociais distintas, na medida em que é oferecida uma rica esteira de detalhes e dados a respeito das diferenças sociais e da diversidade de referências culturais, o que influencia o

²³ Heterotopia (aglutinação de hetero = outro + topia = espaço) é um conceito da geografia humana elaborado pelo filósofo Michel Foucault que descreve lugares e espaços que funcionam em condições não-hegemônicas.

comportamento dos jovens em seus locais de moradia e/ou durante a circulação pela cidade.

Elias e Dunning (1991) também realizaram esforços com o objetivo de pensar sociologicamente o lazer. Porém, os autores reconhecem o terreno movediço e impreciso das tentativas de definições relativas ao campo das atividades sociais, especialmente quando se trata das atividades de lazer. Admitem a dificuldade de estabelecer uma teoria central do lazer, mas através de seus trabalhos sugerem algumas questões nesse sentido, as quais aproveito para a elaboração das análises desta dissertação.

Uma das noções consideradas “boas para pensar” as questões abordadas neste trabalho é a de *controle da excitação*, que ajuda a compreender o processo de desenvolvimento das atividades desportivas e a incorporação dessa ideia de cunho *civilizador*, na contenção de certos conflitos violentos (ou a possibilidade deles) entre os indivíduos. Outras, dizem respeito às diferenciações feitas entre *tempo livre e tempo de trabalho*, incluindo a caracterização das atividades realizadas neles. Por último, destaca-se o enfoque das atividades de lazer *em relação a* outras atividades sociais.

A abordagem antropológica que tem como “campo” a cidade é muito instigante para tratar o tema das práticas de lazer no meio urbano. Magnani (1984) foi um dos autores que partiu em defesa dos estudos com temas que, a princípio, eram rejeitados, como o lazer, por exemplo. Segundo este autor, as justificativas para tal rejeição, até o início da década de 1980, no campo das ciências sociais, eram a alegação de pouca pertinência ou importância política. Neste período, Magnani promoveu esforços no campo da antropologia urbana e direcionou seus estudos para os grupos urbanos e suas práticas sociais na cidade. Ele ressalta a própria experiência de estudar o lazer dos trabalhadores de São Paulo como um momento desafiador. Foi necessário afirmar a importância do tema “lazer” através da argumentação de que ele pode ser: “[...] atividade marginal, instante de esquecimento das dificuldades cotidianas, lugar, enfim, de algum prazer – mas talvez por isso mesmo possa oferecer um ângulo inesperado para a compreensão de sua visão de mundo: é lá que os trabalhadores podem falar e ouvir sua própria língua” (MAGNANI, 1984, p.11).

A perspectiva da antropologia urbana e da pesquisa etnográfica *de perto e de dentro* adotada por Magnani (2002) pode ser vista como mais uma possibilidade de

reflexão a partir do cotidiano, das práticas sociais e da dinâmica social, produzida e orientada pelos arranjos dos atores sociais em seus contextos. Esta proposta é sugerida como mais um enfoque a ser considerado, e não despreza os conhecimentos até então produzidos por correntes distintas, mas complementa e amplia as possibilidades de construção de conhecimento.

Por outro lado, a crítica das abordagens classificadas como *de fora e de longe* é realizada pelo fato de elas privilegiarem os aspectos estruturais da ordem econômica capitalista, do crescimento das cidades e a questão urbana, bem como reconhecer os atores sociais como passivos no avanço das estruturas do processo de urbanização.

Seguindo alguns passos dos autores citados, dentre outros consultados e usados neste trabalho, o método de pesquisa etnográfico e os aportes teóricos da Antropologia e da Sociologia são aqui conjugados para a construção do objeto desta pesquisa e para pensar e construir reflexões a respeito dos territórios das favelas e das práticas de lazer desenvolvidas no desenrolar da vida cotidiana.

2.2 Um “rolé” pela Rocinha a partir de suas práticas de lazer

Para situar o leitor acerca da dinâmica do lazer na Rocinha, procurei fazer um panorama geral sobre as atividades e equipamentos de lazer identificados ao longo desta pesquisa.

A intenção é a de que sejam conhecidos alguns aspectos a respeito de sua dinâmica social e de sua estrutura de lazer, ainda que estas sejam apresentadas dentro dos limites operacionais de um trabalho acadêmico de mestrado, sendo datadas pelo período da pesquisa no tempo de sua realização.

Não pretendo dar conta de analisar a totalidade dos espaços utilizados para o lazer e das práticas desenvolvidas neles, tendo em vista a extensa dimensão geográfica da Rocinha e a dinâmica das atividades e dos espaços destinados para este fim.

No entanto, proponho apresentar a Rocinha sob um ângulo pelo qual ela talvez ainda seja pouco “conhecida”. Como já foi mencionado, é significativo o número de estudos produzidos sobre a Rocinha, mas verifica-se ainda a predominância dos temas que dizem respeito ao discurso da “falta”, seja a falta de políticas públicas e espaços públicos de lazer para seus cidadãos e as questões

sociais ligadas à violência e à pobreza. Estas abordagens são muito importantes para a compreensão das desigualdades sociais nesta favela e para o entendimento das relações criadas pela segregação socioespacial na cidade.

Porém, no presente trabalho enfatizo as práticas de lazer existentes nesse território e os momentos classificados como diversão por seus moradores, mesmo que esta questão em um primeiro momento seja considerada menos “importante” diante do quadro social das desigualdades em que tais pessoas vivem ou sobrevivem.

Isto não quer dizer que estas pessoas estejam completamente alienadas e passivas, ou que o lazer seja responsável pelo posicionamento irrefletido acerca de sua situação social. Os significados atribuídos a tais práticas são múltiplos e envolvem os indivíduos em vários tipos de relações, redes de sociabilidade, conflitos, formas de identificação e de pertencimento social e situações sociais diversas, pelas quais também se constituem subjetivamente e socialmente.

Feitas tais ressalvas, convido o leitor a fazer um breve passeio pela Rocinha ou “dar um ‘rolé’”, gíria utilizada por alguns moradores locais, principalmente os jovens, para indicar a circulação pela favela, com amigos ou familiares, durante os momentos de tempo livre. Esta gíria pode, também, indicar os deslocamentos para algum ponto específico “dentro” ou “fora” da Rocinha, em busca de diversão.

Os espaços de lazer apresentados aqui são aqueles que eu considere mais significativos para a construção de uma *mancha* de lazer no espaço geográfico da Rocinha, como propõe Magnani:

São as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa *mancha* de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinema, teatros, o café da esquina, etc., os quais, seja por competição seja por complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades (MAGNANI, 2002, p.22).

Este panorama geral segue o traçado de uma *mancha* de lazer elaborada durante a pesquisa. Tal *mancha* foi delimitada a partir de conversas informais e entrevistas feitas com os moradores, citando os vários locais que frequentavam para se divertirem. Também foram consultados sites que divulgam eventos²⁴ e

²⁴ Foram consultados principalmente os sites <<http://rocinha.org.br/>> e <FavelaDaRocinha.com> e sites de jornalísticos ligados à grande imprensa, tais como O Globo Online, O Dia Online, A Folha.com, dentre outros.

observadas faixas e cartazes afixados nas ruas, assim como panfletos distribuídos na própria Rocinha. Ao caminhar pelas ruas, principalmente na parte baixa da Rocinha, estive atenta aos anúncios transmitidos por carros de som de propaganda, que divulgavam informações sobre serviços, propagandas comerciais e eventos em geral.

Porém, antes de tratar da atualidade e com intuito de perceber as transformações na dinâmica social do lazer ao longo do tempo, faço uma breve apresentação de algumas práticas de lazer referentes a outras épocas da Rocinha, baseada no livro “Varal de Lembranças” (SEGALA e SILVA, 1983). É importante considerar como o lazer também acompanha as mudanças do contexto, do cotidiano, da composição geracional, dos espaços livres destinados a brincadeiras, da economia local, da forma de intervenção governamental, dentre outros aspectos.

Em tempos remotos, a Rocinha esteve integrada ao circuito de velocidade conhecido como “Trampolim do Diabo”²⁵, quando aconteceram as primeiras corridas de carros, com as “baratinhas”, nos anos de 1930. A partida era no mirante do Leblon, e o percurso passava pela Avenida Niemeyer e pela Estrada da Gávea, que cortava a Rocinha por dentro, e que, até hoje, é uma das opções de ligação entre os bairros São Conrado e Gávea.

Segundo relatos de moradores mais antigos, registrados por Segala e Silva (1983), a ocupação da Rocinha começou em meados dos anos 20 e início dos 30. A Rocinha era “só mato”, e o acesso era feito por longas caminhadas pela zona sul e posteriormente através do bonde. Existiam cachoeiras, mas não havia luz elétrica e as casas eram bem espaçadas uma das outras.

Algumas atividades de lazer de épocas mais antigas aparecem nos relatos e se referem até o final da década de 60. Destacam-se os jogos de futebol no campo do “Esperança F.C.”, onde jogavam times oriundos de outros bairros e regiões da cidade, como dos subúrbios do Rio, bem como existiam os times locais, dentre eles o “Liberdade”, o “Estrela”, o “Vera Cruz” e o “Ceará”.

Os “rala-bucho” eram os forrós, que aconteciam no “Clube Carioca”, localizado atrás da “Fábrica de Tecidos Carioca”, no Jardim Botânico, região que concentrava várias fábricas de calçados, tecidos, roupas e outros artigos. A maioria

²⁵ <<<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/o-trampolim-do-diabo-nas-ruas-do-rio-9887507>>>

dos moradores da Rocinha trabalhava nestas fábricas. Os forrós também aconteciam na casa de alguns moradores.

Além disso, eram realizadas festas em lugares improvisados, como nas casas de moradores e em bares, e alguns seresteiros tocavam “modinhas” (sambas), os quais naquela época, muitas vezes, foram perseguidos pela polícia e eram presos, por serem rotulados e discriminados como “vagabundos”.

Registradas por Segala e Silva, algumas falas de moradores não têm precisão de datas, mas resgatam fatos através da memória e das lembranças destas pessoas, em relatos que afirmam sobre a existência de um pequeno teatro na Rocinha. Ele funcionava num espaço cedido e localizado dentro de um “Centro” (provavelmente de umbanda). Neste local foram encenadas algumas peças e esquetes, e a primeira delas recebeu o nome de “Polícia na Macumba”.

O “Largo do Boiadeiro”, local que atualmente concentra boa parte do comércio da Rocinha, era o lugar onde também aconteciam as festas de São João, apresentações das escolas de samba e de blocos. Alguns blocos como o “Unidos da Rua 1”, o “Unidos de Santa Cruz” e o “Unidos da Bossa Nova” (1960) são destacados como os primeiros sambas ou blocos da Rocinha. Na década de 1960 surgiu o “Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Império da Gávea”, o qual foi filiado a órgãos institucionais do Estado, responsáveis pela “regulação” de blocos e agremiações de carnaval, e chegou a desfilar pelas ruas do Jardim Botânico.

Não tenho a pretensão de fazer uma reconstituição histórica até chegar à fundação do “Grêmio Recreativo Acadêmicos da Rocinha”, ou demonstrar o processo de mudança das atividades de lazer na Rocinha ao longo do século XX e início do século XXI, pois isso mereceria um estudo específico. A título de exemplo, trago algumas informações encontradas no livro “Varal de Lembranças”, uma vez que ele despertou minha curiosidade sobre uma época que somente os mais velhos podem relatar o que experimentaram.

Conversando com alguns moradores homens e mulheres na faixa etária entre 40 e 50 anos, sobre as suas práticas de lazer, são recorrentes os relatos que se referem às lembranças da infância e da adolescência. Estas pessoas contam que “pegavam jaca e brincavam na mata” e “tomavam banho nas fontes e cachoeiras que existiam na floresta”, localizada no entorno da Rocinha (parte da floresta da Tijuca), pois a rede de abastecimento de água na época era bastante precária.

Os forrós do “Bar SoRegue” e os bailes da “Coca-Cola” também são citados. Este último acontecia no espaço de um grande depósito de bebidas, na parte baixa da Rocinha, conhecida como Via Ápia. Nos finais de semana este espaço se transformava em local de dançar “discoteca” e “charme”. Alguns moradores enfatizam em suas falas a diferença em relação aos bailes funk de hoje, principalmente quando se referem ao tipo de estilo musical e ao comportamento da juventude, geralmente usando um tom de censura.

Tais fatos demonstram que, apesar de todas as questões sociais que os moradores da Rocinha enfrentaram e ainda enfrentam, e das lutas e movimentos visando à melhoria das condições de vida, a dinâmica do lazer se desenvolveu entrelaçada a esses contextos diversos.

Os anos de 2008, 2009 e 2010 foi o período que passei a olhar social e antropológicamente para o fenômeno do lazer, privilegiando suas práticas e os espaços onde elas ocorrem. Portanto, este pode ser considerado o período de realização desta pesquisa, no qual tracei a suposta *mancha* de lazer na Rocinha. (MAGNANI, 2002)

O resultado desse levantamento pode ser conferido no mapa que visualiza o referido traçado (Anexo A-1). O traçado da *mancha* de lazer (em amarelo, no mapa) se refere à Estrada da Gávea, que corta a Rocinha por dentro de seu território e faz a ligação entre o bairro da Gávea até São Conrado. A Rocinha é um morro elevado e a Estrada da Gávea tem pontos íngremes e algumas curvas bem sinuosas. Nessa via, circulam pelo menos duas linhas de ônibus, além de vans, moto-táxi, caminhões de entregas de mercadorias e automóveis particulares.

O traçado (em amarelo tracejado de azul) é a parte baixa da Rocinha, conhecida como Bairro Barcelos, onde existem vias importantes, como a Via Ápia e a Rua do Boiadeiro, além da Rua do Canal, conhecida como “Valão”. Nessa parte baixa está concentrada boa parte dos espaços de lazer e comércio.

Próximo ao túnel Zuzu Angel, na autoestrada Lagoa-Barra, que faz a ligação da zona sul à zona oeste da cidade, em um dos lados desta via encontra-se a Rocinha (parte baixa) e, do outro, o CIEP Ayrton Senna, o Complexo Esportivo da Rocinha e a quadra da escola de samba Acadêmicos da Rocinha.

O Complexo Esportivo foi inaugurado pelas obras do Programa de Aceleração do Crescimento na Rocinha (PAC-Rocinha), em 2010, juntamente com a nova passarela de acesso a pedestres, desenhada pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

O ponto inicial da mancha está localizado no alto do morro, na localidade conhecida como Rua 1. O espaço de lazer destacado é a quadra de esportes. Essa quadra tem cobertura, e nela acontecem shows (pagode, rap, etc.), bailes funk; atividades culturais diversas, como apresentações de grupos de capoeira; atividades esportivas, como futebol; além de também ser usada para reuniões comunitárias pelos moradores. Ao longo da descida, partindo deste local, existem pensões que vendem comida, vários bares e uma pizzaria.

Chegando à localidade conhecida como Fundação, nas imediações da Rua 3 e da Rua 4, está a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem. O pátio da igreja é usado para festas religiosas, festas juninas e encenações teatrais.²⁶

Nas proximidades da igreja, além de bares, encontra-se uma casa de festas, que realiza matinês e oferece atrações frequentes para o público pagante. Os estilos musicais geralmente são o funk, o pagode e o forró. Porém, o espaço também pode ser alugado para festas privadas (aniversários) ou festas temáticas²⁷.

²⁶ Neste caso me refiro ao espetáculo teatral “Via Sacra da Rocinha”, encenado e produzido pela Cia de Teatro da Rocinha – Roça Caçacultura. A culminância do espetáculo acontece no pátio desta igreja, quando ocorre a crucificação e ressuscitação de Jesus Cristo (Imagem 1).

²⁷ Considero “festas temáticas” aquelas que acontecem com alguma caracterização específica inicialmente, no que se refere ao estilo musical, ao público, aos detalhes de decoração, atrações artísticas etc. Por exemplo, a “Festa da Academia R1”, promovida por uma academia de ginástica local, que é voltada tanto para o público de usuários da academia quanto para o público em geral. A festa dos “Tudões”, também se enquadra nesta classificação, a partir dos relatos de uma jovem moradora, que afirma que essa festa reúne principalmente estudantes, e, apesar de ter semelhanças com um baile funk, envolve outras atrações artísticas, promovendo uma mistura de estilos musicais. Outra festa com este caráter é a “100% Bagunça”. No capítulo terceiro há mais detalhes sobre este tipo de festa, quando analiso as questões de distinção entre os frequentadores e os estilos das festa.



Imagem 1: Vista da encenação do espetáculo “Via Sacra da Rocinha”, em 2010, no pátio da Igreja N. S. da Boa Viagem. FONTE: Foto de arquivo da pesquisadora.



Imagem 2: Vista da Festa Junina da Igreja N. S. da Boa Viagem, em 2010. FONTE: Foto de arquivo da pesquisadora.

Tanto na Fundação como na localidade conhecida como Curva do S, que fica mais próxima à parte baixa da Rocinha, até o ano de 2009, havia ali dois espaços significativos para as práticas do lazer local.

Na Fundação havia uma garagem e um terminal de ônibus da Empresa de Transportes Amigos Unidos. Na Curva do S estava localizada, também, uma grande garagem da mesma empresa. Esses lugares eram muito amplos e neles ficavam estacionados os ônibus dessa empresa, das linhas que faziam o trajeto da Rocinha para o centro da cidade, bairros da zona sul e Barra da Tijuca, bem como circulavam pela parte alta e baixa da favela.

Conforme o projeto de obras do PAC definido para a Rocinha, estes espaços foram desativados, e a empresa foi indenizada pela desocupação das áreas que ela havia ocupado. Ao longo de 2009 e 2010 foram construídos outros equipamentos sociais nesses locais.

Na Fundação, onde era a garagem de ônibus, foram construídas as unidades habitacionais do PAC-Rocinha, e foi aberta uma nova rua, que faz a ligação da Rua 4 com a Rua Caminho do Boiadeiro, passando pela localidade conhecida como “Cidade Nova”. Essas duas obras foram inauguradas no final do ano de 2010.

No local do terminal rodoviário, que ficava na mesma localidade da Fundação, a apenas poucos metros abaixo, encontra-se em fase de construção uma Creche Modelo. Além disso, onde ficava uma antiga clínica médica particular, também se encontra em fase de construção o Centro de Cultura da Rocinha.

Na Curva do S, em 2009, foi construída a Unidade de Pronto-Atendimento (UPA-Rocinha) e o espaço da Clínica da Família. A primeira é especializada em atendimento de emergência e a segunda em serviços ambulatoriais. Nesse mesmo terreno foi construída uma pequena praça com alguns brinquedos infantis.

Porém, é importante salientar que, antes de ocorrerem tais alterações, esses espaços eram apropriados de outra forma, principalmente no que se referia às atividades de lazer na Rocinha. Não me atrevo a definir, na linha temporal, uma data determinada, que possa ser considerada o marco inicial de utilização desses espaços para atividades de diversão. Mas essas atividades começaram a chamar minha atenção de forma mais significativa, bem como passei a frequentá-las como moradora local, a partir do início do ano 2000. Sobretudo, os shows e bailes que aconteciam na Curva do S, e com menos frequência, os da garagem de ônibus da Fundação.

O espaço do terminal de ônibus da Fundação, menor do que as garagens e que ficava em frente à Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, era considerado pelos moradores o espaço tradicional do carnaval de rua da Rocinha. Em 2008 e 2009

aconteceram as últimas montagens de palco para o Carnaval na Fundação. Bandas de marchinhas e a bateria da Acadêmicos da Rocinha tocavam para garantir a folia de muitas crianças fantasiadas que frequentavam o local, pois a diversão começava cedo para o público infantil, e se estendia até a madrugada para os adultos.

Numa reportagem publicada em 2010, no site <www.rocinha.org.br>, a desativação desses espaços foi mencionada como “perda” por alguns moradores, já que de certa forma eram locais de referência para o lazer de muitos deles. Trechos da reportagem trazem declarações dos moradores mais antigos, afirmando que “o carnaval de rua da Rocinha não será mais o mesmo” e que há mais de 30 anos a Fundação “era o foco do carnaval na comunidade”.

Também foi mencionada como “perda” a desativação do espaço da Curva do S, onde aconteceram grandes shows na Rocinha, para dar lugar a uma Unidade de Pronto-Atendimento (UPA) e uma Clínica da Família, que foram construídas dentro do programa de obras do PAC-Rocinha. No espaço da Fundação, uma Creche Modelo também está em fase de construção. A reportagem, apesar de ressaltar o tom saudoso em relação aos espaços transformados, considera “nobres” os motivos das desativações, mediante a possibilidade de benefício social advindos dos equipamentos construídos.

A fase inicial de apropriação da Curva do S, como área destinada ao lazer, pode ter relação com o desenvolvimento de atividades ligadas à instalação de parques de diversão no local, principalmente no período de férias escolares. A Curva do S passou ser usada nesse sentido logo depois que o Centro de Cidadania Rinaldo De Lamare (CRAS Rinaldo De Lamare)²⁸ foi ativado.

Portanto, após esse período, os parques de diversão, com suas luzes e brinquedos infantis e juvenis passaram a ocupar o espaço da Curva do S. Posteriormente, também vieram os circos, que passavam uma temporada na Rocinha. A mediação para a autorização e instalação de tais equipamentos de lazer era feita pela Associação de Moradores.

²⁸ Este é um órgão da Secretaria Municipal de Assistência Social, criado em 2004, localizado ao lado da quadra da escola de samba Acadêmicos da Rocinha, bem próximo à favela. Atualmente, também funciona no prédio uma escola pública de ensino fundamental e um posto de saúde. O prédio anteriormente era um hotel, mas estava desativado. Em frente a este prédio do hotel existia uma área livre, que costumava ser ocupada por parques de diversão no período de férias escolares. Com o início do funcionamento do CRAS Rinaldo De Lamare, no prédio que foi totalmente reformado, a área livre se transformou em um estacionamento público e um calçadão com bancos de concreto.

Os parques ficavam lotados pelas famílias, crianças, além de adolescentes e adultos em geral, sendo que o horário de funcionamento geralmente ia das 17h00 às 22h00.

A Curva do S ficou também conhecida pelo nome de “Arena do S”, principalmente em função da realização de shows musicais no local, registrado em muitos panfletos de propaganda de eventos (Figuras 1 e 2 do Anexo B). Este espaço ficou marcado na memória dos moradores pelos grandes shows que aconteceram por lá, inclusive com registros feitos pela imprensa.

O show de Claudia Leite, cantora de axé, por exemplo, foi um dos que movimentou e atraiu grande público ao local.

Atrações de Encerramento:
DJ MARLBORO
E EQUIPE **BIG MIX**

Atrações de abertura:
ANDERSON m... Mcs da comunidade.

Camarotes suspênsos com capacidade para 3.000 pessoas com lounge e bares.

DOM. 15 DE MARÇO ARENADO "S"
ABERTURA DOS PORTÕES: 16 HORAS ESTRADA DA GÁVEA . ROCINHA

PONTOS DE VENDA:

<p>ITAIPOVA ESTRADA DA GÁVEA 506 ESPAÇO B - ROCINHA</p> <p>AXÉ ESTRADA DA GÁVEA 523 - LOJA C ROCINHA</p> <p>Banco de Areia - Barra Shopping Banco de Areia - Downtown Banco de Areia - Rio Sul Banco de Areia - Shopping Leblon Posto BR Sougawitê - Tijuca Posto BR Parque das Ruas - Barra da Tijuca Posto BR Pirajá - Laga Rel do Mar - Centro</p>	<p>South - Banço Shopping South - Carioca Shopping - Vicente de Carvalho South - Center Shopping - Jacarepaguá South - Grande Rio - Rod. Presidente Dutra South - Iguatemi - Vila Isabel South - Ita Plaza - Rua do Governador South - Norte Shopping South - Nova América South - Plaza Milleri South - São Genésio Shopping South - Shopping Mutareira South - Top Shopping - Nova Iguçu South - Via Parque - Barra da Tijuca South - West Shopping - Campo Grande W3 Surf - Tijuca Off Shopping</p>
---	--

INGRESSOS:

PISTA
1º file: R\$ 15,00 FEMININO e R\$ 20,00 MASCULINO
2º file: R\$ 20,00 FEMININO e R\$ 25,00 MASCULINO
3º file: R\$ 25,00 FEMININO e R\$ 30,00 MASCULINO
4º file: INDEFINIDO

CAMAROTE
1º file: R\$ 80,00 FEMININO e R\$ 90,00 MASCULINO
2º file: R\$ 50,00 FEMININO e R\$ 70,00 MASCULINO
3º file: INDEFINIDO

VENDAS ON-LINE:
ingressocerto, visa, mastercard

REALIZAÇÃO:
CLAUDINHO DA ACADEMIA
ANOZ E A VEZ DA ROCINHA

APORTE:
ITAIPOVA

REALIZAÇÃO:
LUMINAR, S

Figura 1: Panfleto publicitário do show de Claudia Leite distribuído na Rocinha. FONTE: Arquivo da pesquisa.

O espaço da Curva do S ficou conhecido e muito frequentado como opção de lazer, principalmente pelos shows musicais com grande estrutura de palco.

No trecho destacado acima, com os comentários sobre o carnaval, foi mencionado o evento RoçaFolia, considerada a primeira micareta da Rocinha, sendo que suas primeiras edições ocorreram nos anos de 2006 e 2007.

O evento tinha início na praia de São Conrado, ao cair da noite, e a partir daí se fazia um percurso com um trio elétrico pela principal rua do bairro em direção à

Rocinha. Nas varandas dos prédios dos condomínios do bairro de São Conrado era possível observar um número significativo de moradores acompanhando “de longe” a movimentação da micareta, quando todos usavam blusas personalizadas (abadás) que eram vendidas aos participantes a preços populares, que variava de R\$10,00 a R\$20,00. Com o abadá do RoçaFolia era garantida a entrada gratuita no ponto final da micareta, que ficava na garagem de ônibus da Curva do S. Mas aqueles que não tivessem abadá, não eram impedidos de participar da brincadeira, desde que comprasse o ingresso para entrar na Curva do S, local onde aconteciam os shows de pagode e axé, promovidos pelo RoçaFolia.

Neste ano de 2011, o RoçaFolia foi reeditado no pátio externo da escola municipal Bento Rubião, um novo espaço que tem sido utilizado para a realização de diversos eventos, sem o comprometimento da estrutura da escola, que fica localizada na Curva do S. Neste ano, no entanto, a micareta não fez o percurso do seu desfile, mas foi montado um palco, onde se apresentaram artistas de samba, de pagode e de funk, bem como aconteceu a venda de camisetas (abadás) personalizados. A entrada era totalmente gratuita.

Além dos bailes funk, na garagem da Curva do S também aconteceram muitas apresentações de artistas famosos de diferentes estilos musicais, tais como Gilberto Gil, Banda Calypso, Alcione, Claudia Leite, Arlindo Cruz, Ivete Sangalo, Zeca Pagodinho, Charlie Brown Júnior, O Rappa, Ivo Meireles, Mc Marcinho, e bandas de pagode como Revelação, Pique Novo, dentre outros.

A apresentação de um artista internacional no ano de 2008 chamou a atenção da imprensa para este local. O rapper norte-americano Ja Rule fez um show que contou com a presença de muitos artistas de TV e reuniu mais de 10 mil pessoas, segundo informações da organização divulgadas por jornais²⁹. (Figura 5 do Anexo B)

Dentre os diversos materiais de pesquisa que compõe a presente dissertação, estão reportagens de jornais locais e da grande imprensa, além de inúmeros panfletos de propaganda de shows e eventos que aconteceram na Rocinha (Anexo B). Nos panfletos há informações sobre os patrocinadores, os apoios e os realizadores dos eventos. A maioria dos panfletos é feita com papel de alta

²⁹ Informações divulgadas na reportagem “Show de *Ja Rule* reúne mais de 10 mil na Rocinha” publicada no site do Estadão, do dia 15/07/08
<http://www.estadao.com.br/arteelazer/not_art206189,0.htm> Acesso em: 02/10/2009 (Figura 1, Anexo B)

qualidade e design bem-elaborado em relação às imagens e às cores. São encontradas informações sobre a data do evento, local, horário, valor do ingresso e de bebidas. Alguns têm a classificação etária impressa no panfleto, mesmo que essa classificação nem sempre seja respeitada durante a realização do evento.

Geralmente nos panfletos estão impressas as logomarcas dos realizadores e patrocinadores dos eventos (Figura 6 do Anexo B). Alguns deles, principalmente o Carnaval de rua da Rocinha, as festas juninas (o “Arraiá da Rocinha”), os eventos culturais (“Conexões Urbanas”), dentre outros, contam com o apoio do governo do estado, da associação de moradores e de estabelecimentos comerciais locais.

Muitos eventos são oferecidos e apoiados por grandes marcas de bebidas, como as cervejas Antártica e Itaipava, que lucram com a venda exclusiva de seus produtos durante o evento. Além disso, emissoras de rádio, como a “FM O Dia”, também promovem alguns eventos.

Outro apoio importante e sempre citado na maioria dos panfletos se refere ao vereador “Claudinho da Academia”, que faleceu no ano de 2010, e foi o primeiro morador da Rocinha eleito para a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. É provável que a sua inserção no meio político tenha ajudado a liberar os Alvarás, para a realização de tais eventos, e a conseguir a estrutura de palco e banheiros públicos, que em muitos casos eram montados pela própria prefeitura ou pelo governo do estado, quando se tratava de eventos realizados em parceria.

Ressalto aqui o que me propus a fazer, ao trazer algumas informações que buscam dar uma ideia geral da dinâmica e da diversidade das atividades de lazer na Rocinha. Portanto, não cabe neste trabalho fazer uma discussão mais aprofundada sobre as questões relacionadas à realização e financiamento dessas atividades, apesar de reconhecer que este assunto apresenta ligação com a temática, que, no entanto, compete a outro tipo de investigação social³⁰.

Ao longo da pesquisa acompanhei muitas atividades de lazer, principalmente shows, que ocorreram nos espaços da Curva do S e da Fundação. As idas a campo geralmente aconteceram no período noturno, às sextas-feiras e finais de semana, e estavam vinculadas às atividades envolvendo shows, bailes funk, forrós, bate-papo

³⁰ Nesta pesquisa estou preocupada em compreender a dinâmica das práticas de lazer desenvolvidas na Rocinha, a partir das impressões de seus moradores. Portanto, neste trabalho não procurei obter informações diretas com os realizadores dos eventos, pois o meu foco é o público frequentador destas atividades. Além disso, tais detalhes sobre a origem financeira dos eventos não são facilmente acessíveis para qualquer pesquisador.

em pizzarias e restaurantes, dentre outras. Para isso, também, foi acionada a minha rede de relações de amizade, que incluíam os amigos próximos e outros nem tanto.

Passei a frequentar vários espaços de lazer, a conhecer outras pessoas, a conversar com muita gente e, principalmente, comecei a observar com mais atenção as situações sociais que se passavam ao meu redor em momentos de diversão. Esta foi uma das formas pelas quais obtive as primeiras informações e impressões sobre a dinâmica do lazer na Rocinha, além do acúmulo da minha experiência pessoal. Durante o período do trabalho de campo treinei e exercitei o “olhar sociológico” para levantar as primeiras questões de pesquisa e refletir sobre elas.



Figura 2: Panfleto de divulgação do show do grupo “O Rappa”. FONTE: Arquivo da pesquisa (2008)



Imagem 3: Vista do show do grupo “O Rappa”, onde foi realizada a gravação do DVD. FONTE: Foto de arquivo da pesquisadora. (2008)

Uma das minhas experiências de campo aconteceu na gravação do DVD do grupo “O Rappa”, em 2008, que foi outro dos grandes eventos realizados na garagem da Fundação. Esse show exigiu o fechamento de ruas, uma organização especial do trânsito, a organização da entrada de um número significativo de público, estimado em cerca de 10 mil pessoas. A venda de ingressos foi feita antecipadamente em bares e pizzarias da Rocinha e horas antes do show os ingressos já estavam esgotados.

Para ir ao show, eu havia comprado dois ingressos, sendo que um deles seria para uma amiga que acabou desistindo de ir comigo. Encontrei um grupo de amigos em uma pizzaria próxima ao local do show e fui tentar vender o ingresso disponível, que havia comprado antecipado por R\$10,00. Recebi uma proposta de R\$50,00 pelo ingresso e o interessado queria saber se eu tinha mais.

Dentre as pessoas do grupo com as quais fui ao show, duas eram moradoras da Rocinha e quatro moravam em Jacarepaguá e pela primeira vez iam a um show desse tipo e nesse local, i.e., na Rocinha. Notei que elas ficaram surpresas com o número de pessoas presentes, mas ao mesmo tempo muito empolgadas com o que estavam vendo, segundo seus próprios comentários. A título de exemplo, relato esta experiência, pois assim como esses moradores de Jacarepaguá, outras pessoas de diversos bairros da cidade — que a convite de moradores locais, seus amigos, costumavam frequentar as atividades de lazer na Rocinha — foram a este show.

O rapaz que ofereceu os R\$50,00 pelo ingresso me pareceu logo que não era morador local; se fosse morador, provavelmente teria comprado o seu ingresso antecipadamente ou, caso contrário, talvez fizesse uma oferta menor, ou mesmo estabeleceria uma negociação mais demorada comigo.

Outro fato que chamou minha atenção após o final do show foi o grande número de pessoas que começou a se retirar do local em direção à parte baixa da Rocinha, sendo que após o término do show de “O Rappa”, teve início um baile funk; portanto, a atividade de lazer se prolongaria. Mas ouvi alguns comentários de pessoas dizendo que não ficariam para o baile, pois estavam interessadas em assistir somente àquele show, e que não gostavam de baile funk.

Continuando o *rolé* pela Estrada da Gávea, descendo um pouco abaixo da Curva do S, chega-se até as entradas das ruas Caminho do Boiadeiro e Via Ápia, na área conhecida como Bairro Barcelos (parte baixa da Rocinha), onde se concentram muitos bares e restaurantes (no mapa esta área aparece na cor amarela com traços

em azul). Nessa localidade estão as pizzarias mais frequentadas da Rocinha, que são consideradas pontos de encontro dos moradores. Em algumas delas e em bares acontecem apresentações de música ao vivo.

Na fala de Leonardo, o jovem entrevistado, de aproximadamente 20 anos e pai de duas filhas, fica salientada esta parte da Rocinha:

Pesquisadora: O que você faz para se divertir aqui na Rocinha?

Leonardo: Junto os amigos para sair. Ir num baile, para tipo ir num restaurante ficar bebendo, geralmente conversando, trocando uma ideia.

Pesquisadora: Você frequenta esses restaurantes aqui da Rocinha? Em quais restaurantes que você costuma ir?

Leonardo: Naquele ali, aquele que é tipo pizzaria, que são dois andares, logo na entrada lá em cima da Via Ápia.

Pesquisadora: Então vocês se encontram ali?

Leonardo: É, a gente fica ali, pô maneira ali.

Pesquisadora: Ali é um “point”?

Leonardo: Ali é o ponto.

Pesquisadora: É o ponto para quê?

Leonardo: Para diversão, para a gente ficar como? Geral *chapando* (bebendo)

Pesquisadora: Mas dali vocês vão para outros lugares ou não?

Leonardo: Às vezes a gente vai *bombar* na “Lit” (*pizzaria*), dá um *rolé*, aí a gente de lá vai para casa. (Leonardo, aproximadamente 20 anos, desempregado)

Outros espaços de diversão (bares e restaurantes), que também utilizam o espaço da rua; com seus sistemas de som tocam músicas como forró, funk, hip-hop, pop, pagode, sertanejo, charme e outros estilos. O público é variado e formado por jovens e adultos. Nessas ruas também são realizados bailes funk, festas juninas, atividades culturais para crianças, além de feiras livres, cultos religiosos e manifestações públicas da população. Nas travessas transversais a estas ruas também se encontram vários bares, pensões que servem comida, dentre os quais dois estabelecimentos tipo Sushi Bar. No início da Rua do Canal, na localidade conhecida como Valão, encontra-se uma pequena praça construída pelas obras do PAC, com dois brinquedos infantis (balanço e escorrega), alguns bancos de concreto e uma quadra poliesportiva. A partir da metade do ano de 2010, a “pracinha” tem ficado lotada de crianças e jovens. Adultos e idosos costumam jogar cartas e Damas nas mesas de concreto, construídas e apropriadas para isso. Na Rua do Valão também acontecem bailes funk, forró e pagodes.



Imagem 4: Vista da praça localizada na entrada da Rua do Canal recém-construída pelo PAC/Rocinha. FONTE: Foto de arquivo da pesquisadora. (2010)



Imagem 5: Vista de uma atividade de forró realizada ao ar livre, em frente a um bar na entrada da Rua do Canal, num dia de domingo. FONTE: Foto de arquivo da pesquisadora. (2010)

Sobre as praças, que também são chamadas de “parquinhos” pelos moradores, especificamente as que estão localizadas no terreno da UPA e na

entrada da Rua do Canal (também conhecida como Rua do Valão), Vanessa, nossa entrevistada, mãe de dois filhos, faz alguns comentários:

Pesquisadora: E no final de semana, o que você costuma fazer?

Vanessa: Dou uma volta com as crianças, né, e à noite eu vou para a matinê.

Pesquisadora: Aonde que você dá uma volta com os meninos?

Vanessa: Lá no parquinho. Ontem eu fui naquele lá da UPA. Perto da UPA, daí tem a UPA, daí tem uma descidinha, é ali.

Pesquisadora: E é grande? E estava cheio?

Vanessa: É. Não estava muito cheio, não.

Pesquisadora: E essa pracinha ali, o que você achou? (Praça da entrada da Rua do Canal)

Vanessa: Mas deve ter mais brinquedo, ali tem dois brinquedos, só. Por isso, que fica muito cheio.

Pesquisadora: Mas as crianças gostam?

Vanessa: Ah, eles gostam.

Pesquisadora: Mas vai criança pequenininha ou vai maior?

Vanessa: Vai tudo. Pequeno, maior, fica muito cheio.

Pesquisadora: Mas você não conhece outras pracinhas aqui na Rocinha?

Vanessa: Aqui não. Só essas duas.

Pesquisadora: E quando não tinha essas pracinhas para onde você ia com eles?

Vanessa: Para a praia ou ali perto do prédio, ficava ali jogando bola.

No período das férias escolares e em função do calor do verão, além de motivos relacionados às poucas opções de espaços públicos de lazer na Rocinha, ao passar pela pracinha à noite, entre 20h e 24h, é comum vê-la cheia de crianças, jovens e adultos, como aparece na imagem 4.

Por fim, chegando ao final da descida da Estrada da Gávea encontra-se um pequeno *shopping center*³¹. Neste espaço, aconteciam pagodes ao vivo todos os sábados, bailes charmes e festas de aniversário. Atualmente, no entanto, a atividade que predomina, além do comércio, é o bate-papo nas mesas de um bar localizado no pequeno jardim central do *shopping*. Um pouco mais abaixo do espaço citado, encontra-se uma tradicional casa de show, situada no que pode ser considerada uma “fronteira” territorial e simbólica entre o bairro de São Conrado e a Rocinha.

³¹ Para mais informações sobre este espaço consultar a monografia intitulada “*Rocinha tem tudo!*”: a constituição de um *shopping center* local segundo as práticas de consumo e lazer, de minha autoria, apresentada e defendida em junho de 2010, no curso de especialização em Sociologia Urbana do IFCH/ UERJ. Nela discuto os vários usos de um “shopping center” na Rocinha, para o consumo e o lazer, e analiso os significados atribuídos a este espaço por seus clientes e frequentadores, que geralmente se baseiam em relações de oposição entre favela e cidade.

Esta casa de show existe há 25 anos e lá se apresentaram e ainda se apresentam vários artistas populares, principalmente do funk, forró e pagode. Cantores como Amado Batista, Beto Barbosa; grupos de rap, como Racionais MC's; pagodeiros como Belo; artistas do funk como Mc Marcinho, e outros, já pisaram seu palco.

Essa casa de show foi o local de pesquisa privilegiado neste trabalho, pois baseada nas entrevistas realizadas com seus frequentadores/moradores da Rocinha e a observação das atividades nesse espaço foram construídas as questões e elaboradas as reflexões da dissertação. Porém, somente no próximo capítulo enfoco detalhadamente a dinâmica deste espaço e as relações sociais nele desenvolvidas.

Por enquanto, cabe ressaltar que este espaço tem como uma de suas características mais significativas, a frequência de pessoas “de dentro” e “de fora” da Rocinha. Os “de fora” são oriundos, principalmente, de bairros da zona oeste e da zona sul, bem como de favelas das adjacências. Outra peculiaridade é a presença de “gringos”, que além de visitarem a Rocinha durante o dia, procuram conhecer alguns locais de funcionamento noturno; nesse sentido, esta casa de show talvez seja uma das principais opções. Artistas e alguns jogadores de futebol também são vistos frequentando a casa.

Entre os frequentadores habituais dessa casa de show é possível identificar grupos sociais distintos. Por isso acredito que, neste espaço, há condições de perceber como são desenvolvidas as redes de relações, as sociabilidades e o compartilhamento de práticas sociais, principalmente aquelas ligadas ao lazer. A intenção é buscar compreender como acontece o encontro de pessoas no local e como esses contatos mistos (GOFFMAN, 1982) podem suscitar experiências sociais diversas. Outra questão interessante foi observar o modo como tais experiências são influenciadas pelos estigmas e preconceitos construídos socialmente sobre os moradores de favela.

Existem ainda outras possibilidades para ocupar o tempo livre e obter diversão na Rocinha. O exemplo mais atual é através de *lans house*, lojas que se encontram por toda parte da favela e que disponibilizam TV e jogos de vídeo game e máquinas de fliperama. Tem as *lans house* que dão prioridade para jogos de computador, bem como aquelas de uso geral. Muitos moradores dizem passar todo o seu tempo livre conversando com amigos através de programas de bate-papo, como o Messenger, conhecido popularmente pela sigla MSN.

Os espaços destinados às práticas de lazer destacadas até aqui estão localizados na *mancha* de lazer delimitada no território da Rocinha. No entanto, é possível estendê-la para as suas adjacências, na medida em que outros espaços foram bastante citados pelos moradores como opções de lazer.

Um deles fica em frente à Rocinha, nas imediações da autoestrada Lagoa-Barra, e foi inaugurado em 2010: é o Complexo Esportivo da Rocinha. No espaço funcionam várias modalidades esportivas, tais como: boxe, basquete, vôlei, capoeira, futebol, natação, judô, skate, ginástica e hidroginástica para a terceira idade e um projeto de surf.

Em relação às condições para o desenvolvimento destas atividades, o espaço aparenta ter boa infraestrutura física, bons equipamentos, além de impressionar por suas dimensões.



Figura 3: Panfleto de divulgação da inauguração do Complexo Esportivo da Rocinha. FONTE: Arquivo da pesquisa (2010)

Porém, como moradora, tentei matricular uma criança portadora de necessidades especiais, com diagnóstico de autismo, mas fui informada de que não havia profissionais capacitados para atender a esse tipo de público.

Tenho proximidade com algumas crianças que apresentam algum tipo de necessidade especial, pois compartilho desta situação por ter um caso familiar. Conheço casos de crianças que, muitas vezes, frequentam apenas a escola e têm dificuldade para se locomoverem para outros lugares fora da Rocinha, o que representa uma limitação ao acesso a outros tipos de atividades, que não estejam somente ligadas ao atendimento médico especializado.

O número de crianças com autismo e outras necessidades especiais na Rocinha é significativo, segundo o relato de uma agente comunitária de saúde que trabalha na Clínica da Família. Ela visita as casas dos moradores e faz o cadastramento de usuários para a utilização dos serviços de saúde oferecidos na clínica.

A restrição de atividades para portadores de necessidades especiais no complexo esportivo pode ser um indicativo para se levantar questionamentos sobre até que ponto tenham sido realizados um planejamento e uma pesquisa mais detalhados, a respeito das necessidades sociais do público e das demandas dos moradores da Rocinha. Se este é um desafio, ele deve ser encarado, pois em uma situação de exclusão social, os portadores de necessidades especiais tendem a ficar em uma situação ainda mais delicada e excludente dentro das favelas, inclusive por questões de falta de acessibilidade no território, educação inclusiva, atendimento médico especializado, além do preconceito.

O complexo esportivo tem uma estrutura física muito arrojada, mas existem algumas críticas que, durante conversas informais, escutei de alguns moradores, relacionadas à burocracia e à apresentação de documentos para realizar as inscrições em atividades. Segundo conversas com profissionais que trabalham no complexo esportivo, o número de inscritos atingiu o limite de quatro mil usuários, mas eles ainda consideram que é possível ampliar esse número para que mais pessoas possam usufruir as atividades oferecidas.

Outro fator colocado como um dos entraves para o funcionamento adequado do espaço são as disputas entre lideranças locais e governo para administrar o complexo esportivo. Leonardo, o jovem morador entrevistado, fala das poucas opções de lazer e reclama da falta de vagas no complexo esportivo:

Pesquisadora: (...). Mas assim, praia e tal, você curte esses shows quando tem aqui na Rocinha? O que você acha das opções de lazer que tem aqui na Rocinha? Das opções, você acha que tem muita ou você acha que tem pouca?

Leonardo: Pô, podia ter mais, acho que não tem muito lazer no morro, não.

Pesquisadora: Você acha que podia ter mais o quê?

Leonardo: Ah, podia ter mais, tipo, ter mais umas quadras, sei lá. Tipo um negócio esportivo, assim, mais para os moradores. Acho que colocaram esse negócio aqui, do centro esportivo aqui, né, mas não é qualquer um que entra ali, faz a ficha e eles colocam não.

Pesquisadora: Ah, não, por quê?

Leonardo: Os caras, tipo, parece que eles escolhem as pessoas. Chega lá, fala que tudo já está cheio, não tem como colocar, porque já está esgotado.

Pesquisadora: Tá rolando isso?

Leonardo: Um amigo meu estava falando para mim, que ia botar a filha dele para, tipo, no negócio de natação, porque lá tem piscina. Pô, maior “caozada”, o cara falou que o negócio já estava cheio, que não tinha mais como. Pô, fazer um negócio desses para os moradores, aí vai botar só 30 pessoas. Trinta mães, aí vai botar trinta crianças só, para fazer o negócio. Aí um montão que quer fazer também, não vai poder fazer porque está cheio. Aí, pô, podia ter mais. Tipo, mas tipo esse negócio assim mesmo, uma casa de esportes, tem um montão de gente para fazer atividade.

Pesquisadora: Mas você curte esporte?

Leonardo: Só futebol mesmo.

Pesquisadora: Mas você já tentou se inscrever ali naquele complexo esportivo?

Leonardo: Não, não. Eu já tentei já me inscrever, mas, pô, os moleques estavam falando para mim, que está cheio já. É a mesma coisa que eu estou falando para tu. Chega lá, tem o negócio aqui em janeiro. É público, os moradores vão se sentir à vontade, mas não é nem todos que tem a oportunidade de estar lá dentro, tipo, na natação, uma criança, ou então jogando uma bola, porque lá tem campo. Chega lá, já está tudo cheio, o cara fala que não tem mais vaga.

Pesquisadora: E você já foi lá ver? Dar um *rolé* ali?

Leonardo: Não, não.

Pesquisadora: Nunca foi lá dentro?

Leonardo: Nunca vi não, nunca fui lá dentro não.

Muitos moradores que entrevistei e com quem conversei nunca haviam visitado ou entrado no complexo esportivo. Alguns descartam a possibilidade de frequentar o local, sem ao menos ter tentado se inscrever nas atividades que são oferecidas, baseando-se nas experiências de outros moradores, que nem sempre foram bem-sucedidas. De acordo com as entrevistas realizadas foi possível perceber que, normalmente, aqueles que conseguiram inscrever seus filhos (crianças) em alguma atividade, elogiam o espaço.

Pode-se considerar que este espaço ainda está em fase de consolidação. Por isso, as colocações feitas aqui devem ser interpretadas como algumas impressões e comentários preliminares.

Ao lado do complexo esportivo está a quadra da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, onde acontecem os ensaios técnicos da escola, toda

quarta-feira, principalmente nos cinco meses que antecedem o Carnaval. Esporadicamente, às sextas-feiras ocorre baile funk e, aos sábados, são realizados shows de samba e pagode. O espaço também é frequentado por pessoas que não são moradoras da Rocinha, segundo minhas observações no local. O estacionamento em frente à quadra costuma ficar lotado nos sábados de samba, e alguns moradores de São Conrado comparecem, pois no Carnaval desfilam pela escola³².

A quadra tem uma estrutura física ampla: conta com um grande pátio central, um palco para shows e ao lado dele existe um local específico para os ritmistas da bateria da escola tocarem. Ao redor do pátio central, na parte inferior e superior, existem frisas (locais reservados para pequenos grupos de cinco a dez pessoas) e camarotes (locais que abrigam umas 20 pessoas), que podem ser reservados antecipadamente.

No Carnaval ou em dias de baile da Furacão 2000³³, por exemplo, que aconteceram no período das férias escolares do ano de 2011, principalmente nos meses de janeiro e fevereiro, os preços variavam entre R\$200,00 (camarotes para 15 pessoas), R\$50,00 (frisas). Os ingressos para a entrada de mulheres e homens no espaço da quadra sem acesso aos camarotes custavam de R\$15 a R\$20,00 respectivamente, sendo que as mulheres entravam grátis até meia-noite.

O valor das bebidas é diferenciado se comparado a outros bares e espaços dentro da Rocinha. A título de exemplo, uma lata de cerveja na casa de show da Rocinha, na época dessa pesquisa, custava R\$1,00 e na quadra custava R\$3,00.

A praia de São Conrado é mais uma das opções de lazer apontadas pelos moradores. A Rocinha está localizada na zona sul da cidade, próxima ao litoral, e com uma caminhada de 15 a 30 minutos, dependendo do local da Rocinha onde a pessoa more, é possível chegar à praia. O acesso a outras praias da zona sul ou da

³² O GRES Acadêmicos da Rocinha tem passado por alterações significativas em sua diretoria e administração desde o início do ano 2000 e isto tem influenciado diretamente a dinâmica da escola em relação ao envolvimento dos moradores da Rocinha e do público oriundo de outros locais da cidade, bem como de classes sociais distintas. Foram realizadas obras na quadra e mudanças na organização e realização do carnaval. Estas mudanças, porém, não poderão ser exploradas neste estudo. Faço estas ressalvas, pois a dinâmica de uma escola de samba é algo muito complexo para ser tratado aqui, pois é tema merece um estudo mais aprofundado.

³³ A Furacão 2000 é uma equipe de som tradicional na realização de bailes funk no Rio de Janeiro e no Brasil. Ela também apresenta um programa de TV e um programa de rádio FM.

zona oeste, como Barra da Tijuca ou Recreio dos Bandeirantes, é facilitado devido à boa oferta de transportes públicos para esses bairros.

Apesar de que o mar de São Conrado poucas vezes é considerado próprio para o banho, aos finais de semana, sobretudo aos domingos, a praia costuma ficar lotada, principalmente no período das férias escolares. Cadeiras e barracas podem ser alugadas na praia. Vans, moto-táxi e ônibus passam pelo local, facilitando o acesso do morador que não queira fazer o trajeto caminhando. Além do banho de mar e de sol, várias atividades ocorrem no local. Os ensaios técnicos da escola de samba, conhecidos como “Arrastão da Rocinha”, partem da pista da orla de São Conrado em direção à quadra da escola, geralmente aos domingos ou também às quartas-feiras à noite, quando o desfile oficial no sambódromo está próximo de acontecer.

Além disso, luaus também são realizados na praia, como o luau “Só Zueira”, cujas edições, no ano de 2010, aconteceram nos meses de janeiro e fevereiro. Também são realizados campeonatos de vôlei, futebol e futevôlei e campeonatos de surf; muitos moradores da Rocinha fazem exercícios físicos e corrida no calçadão e na areia da praia. O projeto “Botinho”, promovido pelo efetivo de salva-vidas da praia, ao longo das férias de verão, oferece gratuitamente aulas de natação para crianças e adolescentes.

O Shopping Center Fashion Mall de São Conrado, apesar de ser pouco citado pelos moradores, costuma ser uma das opções para atividades tais como cinema e lanches com as crianças, principalmente no McDonald's. O teatro do shopping não foi indicado por nenhum morador como opção de lazer.

O Fashion Mall é um shopping center com uma estrutura requintada; as lojas de roupas, eletrônicos e outros tipos de mercadorias são voltados para o público de alto poder aquisitivo. Neste caso, ele se diferencia do Barra Shopping, muito citado pelos moradores, quando se referem a compras ou a atividades de lazer que fazem no shopping center. O Barra Shopping, apesar de estar localizado na Barra da Tijuca, área da cidade considerada economicamente privilegiada, tem lojas e atrações de lazer que permitem também o acesso das classes populares.

Cabe salientar que a mancha de lazer que apresento neste trabalho tem como uma de suas características a fluidez. Isto porque, segundo as minhas observações, os espaços destinados ao lazer estão sujeitos a mudanças físicas ou

aos fins ligados à diversão. Portanto, os espaços públicos e privados localizados nessa mancha de lazer sofrem certa rotatividade.

Em relação aos espaços privados, a rotatividade costuma ser mais frequente, pois estão, geralmente, atrelados às alterações de suas características e pela forma como estes espaços são apropriados para o lazer. Essas alterações podem acontecer pela dificuldade de manutenção do próprio estabelecimento devido a motivos os mais diversos, tais como falta de público, mudança de proprietário ou de ramo de investimento e, até mesmo, falência. Por exemplo, o local de um bar pode se transformar em um salão de beleza. Ao mesmo tempo outros espaços surgem, sendo que alguns conseguem atrair um público considerável e outros nem tanto, dependendo da oferta de atividade ou de serviço.

Destaco a abertura de dois estabelecimentos que vendem comida japonesa na Rocinha (Figura 7 do anexo B) como exemplo de um investimento que a princípio poderia ser encarado como arriscado, já que boa parte da população é de origem nordestina ou composta pelas novas gerações de filhos de nordestinos nascidos no Rio de Janeiro. Porém, ao frequentar os restaurantes, percebe-se que um dos pratos que aos poucos tem se popularizado é o Yakissoba, que é um prato quente e não tem peixe cru na sua composição. Este é o prato mais pedido para entrega em domicílio na Rocinha e no restaurante de forma geral.

Como faço parte de uma família nordestina, tenho condições de afirmar que peixe cru não é ingrediente dos pratos nordestinos. Apesar de compreender que os hábitos alimentares podem mudar de acordo com o contexto no qual se vive e das experiências sociais às quais as pessoas podem ter acesso, na minha família, quando comentei sobre restaurantes japoneses, constatei de imediato uma resistência em provar este tipo de comida. Em conversas com amigos, moradores da Rocinha, também escutei comentários de que o prato provado nesses restaurantes foi o Yakissoba, mas todos demonstraram receio em experimentar outros tipos de comida japonesa.

Como parte da pesquisa, fui com uma amiga, também moradora da Rocinha, a um desses restaurantes com o objetivo de provarmos outra opção de prato além do Yakissoba. Ao pedirmos sushi, depois de prová-lo, a novidade parece não ter agradado muito, mas para ela a experiência foi considerada interessante.

Portanto, o acesso a esta opção pode representar mais uma possibilidade para conhecer um tipo diferente de comida, do mesmo modo como aos poucos o

espaço pode ser apropriado para realizar encontros com amigos ou familiares, para um bate-papo e/ou confraternizações, conforme acontece frequentemente nas pizzarias e bares da Rocinha. Entretanto, nas entrevistas feitas com os moradores, esta opção ainda não é recorrente.

A mancha de lazer aqui apresentada destaca as ruas mais movimentadas e com maior circulação de pessoas pela Rocinha. Outros espaços de lazer, como pequenas quadras esportivas e campinhos em espaços livres, criados e mantidos pelo poder público, ou não, podem ser encontrados na Rocinha, mas não pretendo dar conta de analisar todos estes espaços.

As lajes das casas também são importantes espaços onde se desenvolvem práticas de lazer. Estes espaços são utilizados para a realização de festas familiares, aniversários, churrascos, encontros para bate-papo; lugar de soltar pipa, tomar banho de sol, de piscina e de mangueira. Possuir uma casa com laje é um bem que está para além da questão da valorização do imóvel, financeiramente falando, ou da ampliação da moradia familiar, mas representa um elemento que influencia na qualidade de vida na favela, uma vez que os espaços públicos de lazer são escassos.

Na Rocinha, é cada vez mais comum o aluguel de grandes lajes para a realização de festas de aniversários infantis, festas de adultos e comemorações diversas. Existem casos, cujas relações de amizade são suficientes para garantir o empréstimo da laje para a realização de festas e comemorações de pessoas próximas, cujas residências não tenham lajes. Nos finais de semana, se subirmos numa laje, de onde se possa ter uma visão panorâmica da favela, é possível ver outras lajes enfeitadas com bolas coloridas e o ambiente iluminado; estes são os indícios de que ali acontecerá uma festa.

A partir de minhas observações durante caminhadas pela Rocinha, mesmo que não possa afirmar o número exato delas, considero pequeno o número de praças públicas constantes nesse território. A densidade populacional, a ocupação do espaço livre para a construção de moradias, e a ausência de uma política pública de planejamento urbano e acompanhamento do crescimento da Rocinha — ou dos territórios das favelas em geral, estabelecida desde longa data — promoveram a escassez de espaços destinados às praças públicas. Recentemente, entre os anos de 2008 e 2010, o PAC-Rocinha construiu quatro pequenas praças públicas. Uma localizada na entrada da Rua do Canal, outra nas imediações da UPA, uma no

condomínio das novas unidades habitacionais e a outra na localidade da Cidade Nova. A partir daí, foi aberta uma nova via, que faz a ligação da Rua 4 à Rua Caminho do Boiadeiro.

As garagens de ônibus, que hoje não existem mais, mesmo que fossem propriedades particulares, em muitas ocasiões foram utilizadas como espaço público para a realização de diversos eventos gratuitos. Nelas aconteciam, por exemplo, as festas do Dia das Crianças e o Natal da Rocinha – momentos nos quais algumas personalidades vão até a favela para distribuir brinquedos para as crianças. Além de eventos promovidos pelas secretarias de cultura do Estado e do Município.

Outro dado interessante e que complementa esta apresentação panorâmica da dinâmica do lazer na Rocinha é o fato de que ela própria também tem sido consumida como lazer por estrangeiros de diversas partes do mundo desde 1992.

Apesar de toda a polêmica a respeito do assunto, o turismo de favela ou o *turismo de pobreza*, segundo a noção trabalhada por Freire-Medeiros (2009), se desenvolveu de forma pioneira na Rocinha. Uma das principais contribuições deste trabalho é apresentar como, ao longo da história, certas práticas de turismo, consideradas também como momentos de lazer, transformaram a pobreza humana em *mercadoria turística*.

A partir disso, o mercado do turismo se reinventa e cria outras modalidades, como o *turismo de experiência*, que proporciona ao turista um momento de imersão no cotidiano de pessoas que vivem de forma radicalmente diferente da sua. Através disto, o turista experimenta emoções e sensações que, para muitos deles, pode representar a oportunidade de uma reflexão sobre a sua própria vida ou a possibilidade de conhecer a “realidade social” do pobre e as desigualdades sociais do mundo, mesmo que de maneira breve e superficial.

Este tipo de turismo é realizado geralmente por estrangeiros – os norte-americanos e de outros de países considerados centrais –, que viajam para lugares onde estão concentrados altos índices de pobreza e com características de subdesenvolvimento, como Brasil, Índia e partes da África. Por outro lado, segundo Freire-Medeiros (2009), isto também desenvolve e movimenta o mercado turístico.

A contribuição e os ganhos sociais do turismo realizado na Rocinha, que interfiram de alguma forma para a alteração ou melhoria da sua situação social são questionáveis. Tanto do ponto de vista financeiro, pois as agências de turismo e os guias não são locais, quanto em relação à desconstrução dos estigmas e

preconceitos que rondam o imaginário social sobre as favelas, como sendo território de pobreza e violência; portanto, não se sabe quais são os impactos desta atividade.

Atualmente pode-se cogitar que este tipo de turismo tem assumido um caráter de projeto social, associado à política pública de segurança do atual governo do Estado do Rio de Janeiro. As favelas cariocas, principalmente aquelas localizadas na zona sul e onde foram instaladas as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) têm se transformado em atração turística e recebem recursos públicos para desenvolverem essa atividade.

Ainda é cedo para avaliar o desenvolvimento de tal atividade em parceria com a UPP, mas é importante observar seu andamento. Existem algumas questões as quais não podemos perder de vista e que se referem ao modo como os moradores locais lidam com essa rotina turística, quais são suas críticas, elogios, participação e avaliações sobre a iniciativa.

Outra questão que pode vir a ser tema para pesquisas no futuro é a análise sobre a dinâmica do lazer em favelas que foram “pacificadas” e como a sociabilidade e as práticas de lazer foram alteradas. As descrições e as colocações feitas até aqui visam destacar algumas atividades de lazer que podem se desenvolver em uma favela. A Rocinha é o território desta pesquisa e a *mancha de lazer* traçada para este trabalho busca indicar uma parte da extensão territorial e a diversidade de espaços e equipamentos, que são utilizados por seus moradores durante seus momentos de lazer.

Ressalto, porém, que a Rocinha é uma favela dentre tantas outras que está imersa no contexto social desigual da cidade do Rio de Janeiro, com problemas de infraestrutura, habitação, violência urbana e segurança pública, além da negligência de outros direitos sociais do cidadão, previstos pela Constituição Federal de 1988, mas que ainda não foram realizados na vida cotidiana da maioria dos moradores de favelas.

Cabe reafirmar o argumento de Valladares (2005) de que as favelas são heterogêneas e, portanto, os aspectos socioeconômicos, políticos, culturais e tantos outros, são diferentes entre elas. O uso do termo “favela” deve ser feito no plural e não no singular. Tal argumento é bastante disseminado na academia, principalmente na área das ciências humanas, mas ainda é pouco conhecido, se considerarmos as concepções correntes no senso comum sobre favelas. De maneira geral, estas são

influenciadas, sobretudo, pelos meios de comunicação de massa, que interferem no processo de construção dos imaginários sociais.

A Rocinha é uma favela que, por diversos motivos, costuma ter visibilidade na mídia, seja pelos episódios de conflito violento, seja por desastres provocados pela intempérie, como enchentes, deslizamentos, e situações classificadas como de desordem social e urbana de forma genérica (habitação de risco, “gatos” de luz, venda de mercadorias e comércios locais não registrados oficialmente).

Alguns aspectos da vida social neste território costumam ser tratados como “curiosidades” e podem ser abordados sob vários “tons”:

- a) o *tom exótico*: refere-se ao fato de este território ter-se tornado ponto turístico para o “gringo”, ou seja, para turista estrangeiro de várias partes do mundo;
- b) o *tom moral*: que transita entre a valorização moral da identidade de morador, enquanto trabalhador, numa relação de oposição com a identidade de bandido. Além disso, é recorrente o julgamento moral do comportamento de jovens moradores de ambos os sexos, que se baseia em argumentos que exploram a iniciação sexual e a maternidade precoce, o desinteresse pela escola e pelo trabalho e a prática de atividades, muitas delas de lazer, consideradas “perigosas”, “degradantes” e culturalmente empobrecidas, como o funk. O teor moralizante dessas colocações embasa tipificações e interferem no processo de identificação de práticas de contaminação ou de limpeza moral, desenvolvidas pelos moradores de favela;
- c) o *tom legal versus o tom ilegal*: indica que os territórios de pobreza são ambientes propícios para o desenvolvimento de atividades ilegais; e, ao mesmo tempo, apresenta como solução o restabelecimento da ordem legal pelo Estado, através da repressão ao crime pelo uso da força policial, muitas vezes de forma desmedida;
- d) o *tom econômico*: focado principalmente no desenvolvimento das atividades comerciais locais e nos diferentes padrões de consumo entre os moradores, enfatiza o consumo de luxo em oposição às condições de vida precárias na favela;
- e) o *tom social*: no que se refere às ações do governo, voltadas para o atendimento das demandas sociais básicas pautadas nos direitos sociais (saúde, educação, saneamento básico, lazer, cultura, etc.) visando ao melhoramento das condições de vida, seja através de políticas públicas ou projetos sociais em parceria com organizações não governamentais.

A respeito deste último item, durante o desenvolvimento de tais ações sociais, talvez fique mais explícita uma tendência de adoção de padrões de sociabilidade, compartilhados por uma classe social, *grosso modo* dita classe média, distantes e distintos daqueles desenvolvidos pelas classes populares. Porém, muitos projetos sociais e políticas públicas se orientam por esses padrões, entrando em conflito por desconsiderarem os padrões culturais e de sociabilidade das favelas. Busca-se alcançar uma mudança de comportamento e de disciplinarização da vida, subestimando o processo de construção social e cultural dos indivíduos ao longo de sua vida, com seus familiares, vizinhos, instituições sociais e contexto social, nos quais estão imersos, além dos condicionantes socioeconômicos, os políticos e culturais.

A respeito da forma de abordagem sobre a Rocinha e o “tom” dos discursos produzidos pela grande mídia, a título de exemplo, vale destacar uma série produzida pela TV Record no ano de 2010, chamada a “A força da Rocinha”. A série com seis episódios foi gravada por jornalistas que alugaram uma casa na Rocinha, onde passaram a morar no período de realização das filmagens. A série foi exibida durante o Jornal da Record, no horário nobre da emissora, ao longo de uma semana. Dentre os temas abordados estavam: o mercado imobiliário, o mercado de trabalho, o consumo de luxo e a pobreza, a mídia local, o lazer e o turismo na Rocinha.

As informações veiculadas para o grande público buscavam desmistificar a vida na favela da Rocinha, mas a partir da criação de discursos e mensagens baseadas em análises dualistas e em pares de oposição, que camuflam o conflito social e de classe, bem como “apagam” as desigualdades sociais geradas pelo modo de integração dos pobres à cidade. Os pares de oposição tradicionalmente ressaltados são: legal/ ilegal, ordem urbana/ desordem urbana, “falta” material/ consumo, exemplos de vida/ falta de expectativa, guerra/ paz e a pobreza endêmica.

De maneira geral, os moradores elaboram interpretações e expressam sentimentos diversos sobre a sua realidade social, a partir do fluxo de informações oriundas de diversas fontes. Podem se sentir “orgulhosos” por morar na “comunidade” e viver honestamente. Mas, neste caso, devemos lembrar que os termos *comunidade* e *favela* são acionados de acordo com situações sociais específicas e fazem parte de um jogo de negociação de identidades e classificação dos indivíduos segundo determinados interesses. Ao termo “comunidade” costuma

ser atribuída uma carga menos “negativa” do que ao termo “favela” (BIRMAN, 2008). Eles podem se sentir silenciados frente a situações sociais que os tornam impotentes, oprimidos e subalternizados, como também convivem com a alegria e a dor do cotidiano, e com a expectativa de melhora, seja através da fé religiosa ou da luta através dos movimentos sociais e das ações coletivas.

No entanto, o elemento que mais chama atenção para o território da Rocinha é a sua localização geográfica em relação a outras favelas cariocas. Sua extensão territorial é um elemento importante de visibilidade social e física. Encontra-se em uma área considerada “nobre” da cidade, entre os bairros da Gávea e de São Conrado, e à sua frente está a autoestrada Lagoa-Barra, que é um dos principais acessos da zona sul para Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes e outros. A população desses bairros é constituída por pessoas de alto poder econômico, cujos imóveis são altamente valorizados, bem como neles se concentram serviços e equipamentos para um público com alto padrão de consumo.

De certa forma, esse fator define a dinâmica social da Rocinha, uma vez que deve ser mantida a manutenção do clima de segurança e “ordem”, em contraposição aos conflitos violentos entre facções criminosas rivais nesse perímetro. Além disso, essa favela serve de vitrine para grandes obras públicas, que se justificam como investimento no social. O alcance midiático e a visibilidade *in loco* de tais investimentos públicos são maiores na Rocinha, quando comparados com os de outras regiões da cidade.

Sobre este último caso, um dos exemplos mais recentes foi a construção do Complexo Esportivo da Rocinha e a nova passarela projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Estas são obras grandiosas, que produzem efeitos impactantes aos olhos de quem transita pela região, bem como tem reflexos sobre as avaliações políticas a respeito dos governos estadual e federal, por parte da população moradora da Rocinha, ou mesmo de outras favelas. Do ponto de vista das possibilidades de os moradores da Rocinha usufruírem bens sociais e públicos das adjacências, isto depende de seus interesses pessoais, de hábitos construídos coletivamente, de condições financeiras e práticas sociais para acessá-los.

A Rocinha fica geograficamente próxima das principais praias da orla da zona sul, de centros culturais, áreas de lazer, parques públicos e de estabelecimentos voltados para o consumo de mercadorias ou “de cultura” (cinema, teatro, shows, shoppings centers, etc.). Existe boa oferta de transportes públicos e proximidade do

mercado de trabalho. Pela Rocinha há circulação de pessoas moradoras de outros bairros da cidade e de moradores locais indo para outros bairros da cidade por interesses diversos. Mas, ao mesmo tempo, não se pode ignorar que essa circulação pela cidade esbarra em limites financeiros, distinção social, distância social, preconceito, estigma e fronteiras simbólicas, ligadas aos conflitos violentos entre facções criminosas, principalmente quando nos referimos aos moradores de favelas. Alguns destes assuntos vão sendo abordados de forma mais específica ao longo deste trabalho.

Os aspectos até aqui colocados e discutidos podem contribuir para compreender a criação de discursos, pelos quais prolifera a ideia de que a Rocinha é uma favela diferente das outras, não porque as favelas são diferentes entre si, mas porque seu território apresenta alguns “atrativos” e peculiaridades que, em geral, a princípio, são incomuns em outras favelas. Isto nos leva a pensar os motivos pelos quais estes atrativos aparentam ser mais frequentes na Rocinha se comparada a outras favelas. Estou baseada também em comentários que costumo ouvir de outros moradores de favela com os quais compartilho relação pessoal, de que na “*Rocinha tem tudo*” e que as novidades chegam rapidamente por aqui.

Neste caso, pode-se sugerir que a Rocinha, assim como outras favelas da zona sul, apresenta sinais de espetacularização de algumas situações sociais de seus cotidianos. Algumas situações podem ser mais constantes e estruturais, como a questão da pobreza e da violência, que são exploradas principalmente pelo turismo. Enquanto outras podem ser menos constantes ou eventuais, como a visita de celebridades, um projeto social com ampla visibilidade, ou uma personalidade local que se destaca dos moradores comuns.

Dentre os agentes que atuam no processo de criação de discursos e disseminação de imaginários sociais sobre a Rocinha encontram-se vários agentes, tais como: a mídia de massa; as ações do governo; as mídias locais; o desenvolvimento da atividade turística; a visita de celebridades; e a realização de grandes eventos atraindo público heterogêneo. Além disso, existe certa “abertura” desse território tanto em relação a seus acessos quanto no que diz respeito à receptividade por parte de seus moradores, e da rotina menos conflituosa do ponto de vista da disputa entre facções criminosas.

Outras favelas, como Cidade de Deus, Santa Marta, Chapéu Mangueira, Vidigal e Mangueira, também têm visibilidade destacada em certos momentos. No

entanto, o destaque geralmente é ocasionado por algum elemento, um fato peculiar ou por episódios de violência. Poucas vezes conseguimos perceber nas abordagens sobre a favela, quando há um problema social, análises que priorizem a diversidade social, cultural, econômica e política que a constitui ou análises que destaquem o seu cotidiano comum, de outro modo que não seja o de mostrá-la espetacularizada, exótica, preconceituosa e repressora.

O compartilhamento de certos aspectos da vida social pode aproximar as favelas, mas isto não quer dizer que a dinâmica da vida social e as práticas sociais se desenvolvam da mesma forma. Devem-se levar em conta as influências de outros condicionantes sociais, geográficos, econômicos, e as relações engendradas por seus moradores ao desenvolverem sociabilidades, a partir da sua inserção como cidadão, morador de favela, vivendo em um contexto marcado por profundas desigualdades, que se apresentam de forma diferenciada pela cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, o esforço analítico que proponho fazer neste trabalho é o de adotar uma perspectiva que não esteja pautada exclusivamente em modelos duais ou de oposição, no que tange às diferentes formas de viver na cidade e em seus contextos diversos.

O olhar apurado sobre as práticas de lazer pretende buscar compreender como se orchestra o jogo circunstancial de interesses, de imagens, de atribuição de significados, de imaginários sociais, previamente construídos e compartilhados, bem como o reconhecimento de marcas de identificação de pertencimento social. Além disso, existe um jogo de palavras, para as quais se atribuem sentidos e “cargas” preconceituosas, que são elementos que interferem na construção de identidades sociais multifacetadas.

Assim, a dinâmica da vida cotidiana pode se manifestar de várias formas e, dentre elas, pelas práticas de lazer. Através delas podemos perceber a interpenetração dos elementos de caráter estrutural da organização de nossa sociedade de dimensão macrossocial, e as dinâmicas sociais vinculadas aos diferentes processos de socialização, a partir da diversidade cultural e material da vida social em contextos específicos, considerando a dimensão microssocial.

A conjuntura social e situacional é constituída por tensões sociais entre classes distintas, por referências culturais híbridas, pela heterogeneidade, pelas disputas políticas e ideológicas, pelos conflitos e pelas contradições, que se

desenvolvem em sociedade. Portanto, estes aspectos fazem parte deste estudo, mesmo que de forma transversal, na medida em que me proponho a observar o que pode ser entendido como modos distintos de manifestações de tais aspectos sociais em determinadas *situações* sociais.

Nelas podem ser identificados estigmas e preconceitos decorrentes da predominância de um imaginário social historicamente construído, que impuseram às favelas e aos seus moradores, além de um olhar enviesado, uma atitude hostil e de compreensão superficial. Talvez seja esta uma boa oportunidade para fazer surgir o interesse de compreender o “outro”, não somente como o “exótico”, mas sim como diferente, considerando as impressões de indivíduos de classes sociais distintas, que interagem entre si em alguns momentos de diversão.

Dessa forma, este trabalho se insere como mais uma pesquisa acadêmica que busca interpretar a favela da Rocinha, tanto em sua organização espacial em relação ao lazer, quanto em sua singularidade como espaço simbólico, a partir da reflexão sobre as noções de essencialização e tipificação que percorrem o senso comum em relação à vida nas favelas.

Para isso, é importante reconhecer as singularidades e as particularidades, que demarcam as diferenças sociais, também através de suas práticas cotidianas. Daí foi que surgiu o estímulo para pesquisar as práticas de lazer com o intuito de compreender como elas são experimentadas e vivenciadas pelos indivíduos.

3 UM ESTUDO DE CASO EM UMA CASA DE SHOW NA ROCINHA

3.1 Uma casa de show para diversão e estudo: a relevância desse espaço de lazer e as relações no campo

O processo de pesquisa que resultou na produção da *mancha* de lazer na Rocinha teve como objetivo salientar a variedade de espaços públicos e privados destinados ao lazer, e serviu como ponto de partida para a pesquisa, oferecendo um panorama geral a respeito de algumas das práticas desenvolvidas nesse território.

Este dado foi construído a partir da observação e de informações levantadas junto aos moradores sobre as dinâmicas sociais engendradas nos momentos de diversão³⁴. Foram ressaltadas as múltiplas referências culturais e elementos sociais³⁵ que exercem influência sobre a dinâmica do lazer, bem como a importância da indústria cultural de entretenimento responsável pela massificação de seus produtos culturais. No entanto, para apreender de forma mais aprofundada os significados atribuídos e as relações desenvolvidas pelos moradores locais, considerando suas práticas de lazer, optei por fazer um estudo de caso e analisar alguns dados etnográficos sobre o espaço em estudo. A utilização desta metodologia reconhece que:

De certa forma, realizar a pesquisa de campo vem a ser fazer justiça, por vezes reabilitar práticas ignoradas, mal compreendidas ou desprezadas. A sociologia cultural (GRIGNON e PASSERON) ensinou-nos que as práticas dos “dominados” são, quase sempre, captadas através do olhar dos “dominantes”. São vistas de cima, quiçá desvalorizadas quiçá idealizadas (populismo). A etnografia, graças à imersão do pesquisador no meio pesquisado, reconstitui as visões da base mais variadas do que se imagina; permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, torna mais clara a complexidade das práticas e revela sua densidade (BEAUD, 2007, p.10).

³⁴ Ao longo deste processo foram identificados alguns aspectos que interferem e constituem a dinâmica do lazer, tais como o compartilhamento de determinadas práticas por parte dos jovens moradores locais, as preferências em relação aos estilos musicais, o poder aquisitivo, a faixa etária e as diferenças geracionais, os horários de realização das atividades (diurno ou noturno), os dias da semana e os espaços onde elas acontecem.

³⁵ Elas podem estar associadas desde a vínculos com a terra natal de origem, principalmente no caso da população nordestina, até o capital cultural, a escolarização e a circulação das pessoas por outros espaços sociais da cidade. A importância dos deslocamentos feitos pela cidade deve ser reconhecida, pois eles podem ocorrer por motivos diversos, por exemplo: a locomoção para ir à escola, ao local de trabalho, visitar parentes que moram em outros bairros ou municípios, e para buscar diversão pela cidade.

Durante este trabalho de campo realizei diversas conversas informais com muitas pessoas na Rocinha, além de me basear na própria experiência como moradora. Nessas conversas, e posteriormente também nas entrevistas, uma casa de show foi mencionada por todos. A partir daí surgiram as premissas que demonstravam a preeminência desta casa de show em relação a outros espaços de lazer na Rocinha.

Neste capítulo, portanto, apresento um breve histórico da casa de shows, descrevo suas principais atividades com o objetivo de compreender o seu processo de criação e as suas fases ao longo do tempo. Adianto que, dentre as características que marcam a forma de organização e o surgimento das atividades de tal espaço, foi importante considerar a influência dos estilos musicais mais significativos para a constituição da dinâmica de lazer na Rocinha, dentre eles o forró e o funk.

Para boa parte dos jovens da Rocinha, a casa de show é considerada um dos espaços mais importantes para diversão. Este fato tem relação com o histórico da popularização do funk nos territórios das favelas no início da década de 1990. Na Rocinha, o baile funk se transformou em principal atividade de lazer da casa de show nessa época, e continua até hoje. Neste sentido, as informações levantadas sobre alterações das atividades de lazer relacionadas ao forró e ao funk, no espaço investigado, contribuíram para compreender as influências ligadas às mudanças de contexto, que resultam em diferentes formas de organização das atividades de lazer na Rocinha. Tais questões serão enfatizadas ao longo das colocações deste capítulo.

O estudo de caso aconteceu no Clube Emoções da Rocinha, conhecido popularmente somente pelo nome “Emoções” ou “Emoções da Rocinha”³⁶. Ele foi inaugurado há mais de 25 anos³⁷ e é reconhecido como um espaço de lazer tradicional. Esta casa de show está localizada na parte baixa da Rocinha, em uma área que pode ser considerada uma “fronteira territorial” entre a favela e o bairro de São Conrado. As atividades ali desenvolvidas atraem tanto os moradores locais (os “de dentro”) quanto os de outros pontos da cidade (os “de fora”), sendo que recentemente os “gringos” (estrangeiros) também passaram a frequentar o clube. O

³⁶ Ao longo deste trabalho adotei predominantemente o termo “casa de show” para me referir ao Clube Emoções da Rocinha. Porém, em algumas passagens deste trabalho, principalmente nos trechos das entrevistas com os jovens moradores e com o atual proprietário da casa de shows, aparecem os termos “Emoções” e “Emoções da Rocinha”.

³⁷ O Clube Emoções da Rocinha foi fundado em 1986.

entrevistado Claudio (23 anos, pintor, casado e pai de uma filha) ao falar da casa de show, apresentou algumas características do espaço que, na sua opinião, o tornam bastante frequentado e conhecido.

Pesquisadora: E o Emoções, assim, vem muita gente “de fora”?

Claudio: Vem, no Emoções vem. É o baile que mais vem gente de fora, porque também não pode considerar lá totalmente dentro do morro, entendeu. Aí vem gente de carro, de moto, para ali, entra para o baile. Acabou o baile, entra no carro e vai embora. Aí, ali por não ser totalmente dentro do morro atrai mais gente, muitos gringos.

Pesquisadora: Está vindo muito gringo agora?

Claudio: Tá, aquele baile já virou baile de gringo, é muito. Poxa, tu dá uma volta, só vê aquele “russão” grandão, aquelas russas, “tu fica de bobeira” (fica impressionado); caraca, eu tô aonde, cara? Estão dançando, subindo no palco, só vendo. Os gringos estão dominando aqui. Os gringos sei lá, eles não querem mais sair, não.

Pesquisadora: O que você acha que tem de diferente que atrai mais gente ali?

Claudio: O ponto e o nome, que é muito famoso. Emoções da Rocinha, quem nunca ouviu falar do Emoções da Rocinha, pode ir lá para São Paulo, sempre tem um ali que já ouviu falar do Emoções. Eu era criancinha e já existia o Emoções.

O *ponto* é a localização da casa de show nesta área de “fronteira territorial”, que também seria de certa forma uma “fronteira simbólica” entre “favela” e “asfalto”, forma pela qual o senso comum costuma se referir ao padrão de segregação na cidade do Rio de Janeiro. O relato destaca o fácil acesso ao local por meio de carro; portanto, entrada e saída da casa de show não seria um problema para quem não conhece a Rocinha. Por fim, a referência a São Paulo é usada para indicar o alcance da fama da casa de show, bem como a presença de “gringos” que estariam *dominando*³⁸ o baile funk noturno que acontece aos domingos.

A partir da realização de uma entrevista com o atual proprietário da casa de show, que assumiu sua administração após o falecimento do seu pai, foi possível fazer um breve histórico e compreender um pouco da importância desse espaço na dinâmica do lazer na Rocinha, bem como a sua capacidade de agregar pessoas vindas de outras áreas da cidade. Com o passar dos anos, desde sua inauguração, ocorreram diversas alterações no funcionamento e nas atividades oferecidas pela casa de show. Aspectos do contexto social, econômico e cultural, as mudanças geracionais do público frequentador (jovens e adultos), o surgimento de outras

³⁸ Este termo foi usado metaforicamente no sentido de enfatizar a presença constante e em número cada vez maior de estrangeiros no baile funk do Emoções.

opções de lazer e os elementos mercadológicos de propagação dos estilos musicais influenciaram as várias fases do Clube Emoções da Rocinha.

A casa de show suporta uma lotação máxima de 3 mil pessoas em pé, e 1.800, quando são colocadas mesas e cadeiras para o público³⁹, no espaço onde são realizadas as atividades de entretenimento. Além disso, são dois pavimentos acima e um no subsolo, que funcionam como estacionamento particular para veículos, mediante cobrança de mensalidade. As atividades de lazer ocorrem de sexta-feira a domingo no período noturno. Às sextas-feiras, quinzenalmente, são realizadas atividades ligadas ao pagode ou ao samba. Algumas festas temáticas, como, por exemplo, a Festa da Academia R1, também ocorre às sextas-feiras, mas apenas uma vez a cada dois meses. Aos sábados esporadicamente acontece o forró, que depende da contratação e apresentação de bandas para que o evento aconteça. Outra atividade que ocorre todo sábado, no período diurno, até o início da noite, é a “feirinha do Emoções”, como é chamada pelos moradores. A “feirinha” funciona das 13h00 às 19h00 e existe desde 1996. Nela são vendidas roupas femininas e masculinas, brinquedos, sapatos, produtos de beleza, acessórios do vestuário. A maioria dos comerciantes vem de outras regiões do Estado do Rio de Janeiro, como Petrópolis e Itaipava, mas alguns são comerciantes locais. No espaço da Casa de Show são montadas aproximadamente 80 barracas, e cada comerciante paga uma diária para usar o espaço.

Tive a oportunidade de conversar com alguns comerciantes, enquanto cliente, e eles se referiram à feirinha do Emoções como uma das mais lucrativas dentre aquelas em que trabalham. Uma feirante que vende roupas femininas comentou que na feirinha do Emoções “as pessoas olham e compram, diferente de outros lugares, onde as pessoas só olham e não compram nada”. Os feirantes também apontaram que os consumidores da feirinha não são exclusivamente moradores da Rocinha, pois eles atendem pessoas moradoras de São Conrado, do Vidigal, da Vila das Canoas e do Rio das Pedras.

A atividade de lazer que predomina no Clube Emoções da Rocinha na atualidade são os bailes funk aos domingos, que atraem o maior número de pessoas. Existe o baile da matinê (para menores de 18 anos), que ocorre das 18h às

³⁹ Geralmente são colocadas mesas e cadeiras para o público nas atividades de forró, enquanto nos bailes funk e no pagode o público fica em pé.

22h, e o baile de adulto (para maiores de 18 anos), no horário das 23h às 03h. A periodicidade deles é regular, pois são realizados em todos os domingos do mês. O proprietário da casa de show reconhece que essa modalidade é o “carro-chefe” do espaço, desde que começou a ser realizada (1994). É a atividade que proporciona maior lucro, que vem se mantendo ao longo do tempo e que tem um público constante.

Desse modo, ao longo da pesquisa observei que a casa de show era um dos lugares mais importantes de lazer na Rocinha, no que se refere à opção de lazer noturno, em um espaço privado, que oferece atrações musicais e é frequentado por um grande número de pessoas, moradoras ou não da Rocinha. Observei por mais de um ano a realização de forrós, festas temáticas e, sobretudo, bailes funk na casa de show. O baile funk foi a atividade em que mais estive presente.

Daí por diante, outra escolha feita para a realização deste trabalho definiu as pessoas que seriam entrevistadas dentre o público frequentador das atividades realizadas na casa de show. Resolvi obter informações com os jovens moradores da Rocinha sobre uma das práticas de lazer mais recorrentes entre eles e buscar compreender algumas experiências sociais engendradas através dela.

Do público frequentador dos bailes funk da casa de shows, a maioria é de jovens na faixa etária de 13 a 29 anos, de ambos os sexos, sendo a maior parte de moradores da Rocinha. Em menor número estão pessoas moradoras de outras favelas e bairros da cidade, além dos “gringos”.

Como indiquei anteriormente, existem *juventudes* na Rocinha, ou seja, jovens com interesses e perfis sociais diferenciados em certos aspectos. É importante salientar que os jovens que participaram desta pesquisa, apesar de terem referências culturais mescladas, também apresentam algumas características em comum. A maioria é estudante do ensino fundamental ou médio. Alguns afirmam que pararam de estudar para conseguir um emprego, mas afirmam que desejariam retornar à escola. Dentre as dez entrevistas gravadas, sete foram realizadas com pessoas do sexo feminino e três do sexo masculino. Todos tinham como sua preferência musical principal o estilo musical funk, apesar de afirmarem também gostar de outros estilos. As diversas conversas informais também foram obtidas com pessoas com este perfil. Esta análise, portanto, é parcial em relação a outras possibilidades de reflexão e questões sociais que podem ser abordadas a partir das *juventudes* na Rocinha.

As entrevistas gravadas foram feitas a partir de um roteiro de questões abertas com os jovens moradores, as quais em média tiveram duração de 45 minutos. Tais entrevistas foram agendadas com os jovens e, na maioria das vezes, ocorreram em suas residências. As principais questões indagavam sobre o que os jovens faziam no seu tempo livre, com quem realizavam as atividades de lazer, quais eram os locais que mais frequentavam para se divertir na Rocinha e em outros lugares pela cidade. Em seguida a entrevista procurava elencar as impressões e elementos destacados pelos moradores a respeito das atividades da casa de show como opção de lazer para esses jovens.

Em função da dificuldade de realização de entrevistas no local observado, devido ao barulho e pelo fato de os frequentadores estarem envolvidos na atividade do baile, as inúmeras conversas informais realizadas dentro e fora do baile (no caminho para casa, na fila de compra de ingressos, na frente da casa de show esperando por outras pessoas) não puderam ser gravadas. Porém, ao chegar das atividades, de madrugada, elas eram devidamente registradas em um caderno de campo, no qual eu fazia as anotações dos relatos das conversas e dos aspectos observados mais relevantes para a pesquisa.

A escolha dos entrevistados se deu através da rede de relações de amizades que eu já compartilhava e foi ampliada pelo contato que estabeleci com outras pessoas a partir da rede inicial, o que me facilitou acesso aos jovens, principalmente daqueles com menos de 24 anos.

Outra questão importante foi a minha necessidade de voltar a frequentar os bailes de domingo na casa de show. Isto me fez pensar em estratégias para procurar pessoas e convidá-las para ir ao baile funk, uma vez que ir e ficar sozinha não me deixava à vontade. Comecei a acompanhar as divulgações dos bailes funk, shows de forró e outras atividades realizadas na casa de show, bem como fui a outros eventos pela Rocinha. Acionava amigas próximas e por vezes me aproximei de pessoas que não conhecia muito bem, tanto para ampliar a minha possibilidade de contatos quanto para frequentar as atividades de lazer.

Ao longo da pesquisa conheci muitas pessoas, conversei com várias delas; nessas conversas eu levantava informações sobre onde, o quê, e de que modo elas se divertiam na Rocinha. Os irmãos e irmãs de amigas minhas, os quais eram crianças quando eu frequentava o baile de forma mais assídua, foram fontes de contato importantes com outros jovens moradores da Rocinha, pois eles me

apresentaram aos seus amigos de escola e por vezes fomos juntos a atividades de lazer.

Algumas pessoas que eu já conhecia previamente nem sempre compreendiam o meu interesse em tornar a frequentar o baile funk do Emoções ou outras atividades noturnas na Rocinha. Porém, quando eu revelava que estava fazendo uma pesquisa para a faculdade sobre as práticas de lazer dos jovens moradores da Rocinha, isso era visto com surpresa, mesmo que todos soubessem que eu tinha feito “faculdade”. Alguns questionavam o fato de eu ter escolhido o lazer para estudar e, inicialmente, tive a impressão de que esse tema era considerado por eles como algo desimportante. No entanto, ao longo do processo recebi apoio, pois essas pessoas se colocaram à disposição para serem entrevistadas e passaram a me convidar para ir a atividades de lazer na companhia delas.

Aqui é importante ressaltar o meu duplo lugar: primeiro, como pesquisadora social e, segundo, na minha condição de moradora da Rocinha. Nesse segundo lugar, tive de ficar atenta para que minha relação com a casa de show estudada não interferisse na pesquisa, pois entre os meus 17 e 22 anos fui frequentadora assídua deste espaço; posteriormente, passei a frequentá-lo de forma esporádica e reduzida. Posso afirmar que experimentei uma fase da casa de show em relação ao baile funk, totalmente diferente da fase atual. A minha geração que se divertiu na casa de show, atualmente tem mais de 30 anos de idade. O funk daquela época hoje em dia é classificado pelos gêneros: funk das antigas, funk melody, rap, montagens, e começavam a surgir alguns precursores do funk sensual⁴⁰.

A época à qual me refiro vai dos últimos cinco anos de 1990 até o início do século XXI. Após minha entrada na universidade em 2000, e o início da minha experiência acadêmica enquanto bolsista de iniciação científica e estagiária em laboratórios de pesquisa, comecei a me afastar de algumas atividades de lazer na

⁴⁰ Ressalto que as “definições” aqui apresentadas são muito breves e visam informar o leitor que não tenha nenhuma informação sobre alguns gêneros deste estilo musical. As montagens são músicas criadas a partir da mixagem de partes de outras músicas, geralmente internacionais, repetidas várias vezes ao longo de uma base musical determinada para aquela montagem. O funk sensual é um termo utilizado para se referir, de forma geral, ao gênero de funk com letras mais picantes, geralmente de cunho sexual. A manifestação funk e as suas músicas envolvem dimensões muito mais complexas das que foram abordadas nesta pesquisa. Este trabalho não visa, no entanto, discutir o funk enquanto manifestação cultural a partir da análise de todos os seus elementos constituintes. Porém, propõe sinalizar algumas observações feitas em um baile funk, como uma atividade de lazer, da qual levantei e analisei questões sobre as experiências sociais dos indivíduos a partir do compartilhamento de tal atividade.

Rocinha por questão de falta tempo, e por estar vivendo uma fase de descobertas. A partir de então, eu frequentava mais os espaços sociais de lazer e de trabalho fora da Rocinha, gerando “*certo afastamento*” do baile funk, que passei a frequentar raramente, bem como um *distanciamento* das minhas “*amigas de baile*”. A maioria destas amigas casou e formou suas famílias, e eu desenvolvi um estilo de vida diferente em alguns aspectos, mas as relações de amizade se mantiveram.

Por outro lado, eu fazia parte de um grupo de jovens universitários e pré-vestibulandos do Pré-vestibular Comunitário da Rocinha, com os quais compartilhava interesses comuns na área de educação, e até exercia uma militância política. Participei deste movimento social por sete anos, durante o qual fui aluna, coordenadora e articuladora dos debates, por dois anos, nas aulas de Cultura e Cidadania. Fazíamos festas, reuniões e saíamos juntos para outros espaços de lazer, como para alguns lugares na Lapa, na região do centro da cidade.

Na universidade ampliei minha rede de amizades com universitários oriundos da classe popular e de outras áreas da periferia urbana. Também estabeleci contatos e fiz amizades com pessoas de origem social distinta da minha que, de maneira geral, são classificadas como pertencentes à classe média, e com as quais passei a compartilhar novas experiências sociais.

A partir de tais situações sociais, e para descrever resumidamente as minhas sensações – de caráter pessoal e coletivo – posso dizer que em muitos momentos me sentia deslocada acerca de alguns aspectos da minha experiência social na Rocinha, tanto no meio universitário quanto nas redes de relações e experiências decorrentes desse campo. Ou seja, a sensação é a de que se vive em dois mundos diferentes ao mesmo tempo; aos poucos, porém, fui percebendo que, na verdade, esses mundos têm ligações, conflitos, proximidades e diversidades entre si. Experimentar tais situações sociais pode ser considerado um exercício antropológico de compreensão de si através do “outro”, mesmo que isso seja feito de forma inconsciente e, às vezes, até mesmo, angustiante.

Estas breves colocações têm o intuito de apontar que, apesar da minha proximidade com o território e com as pessoas da Rocinha, as minhas observações da dinâmica do lazer local me fizeram refletir sobre o meu posicionamento como pesquisadora e o meu “conhecimento prévio” sobre a “realidade” e o contexto a ser estudado. Portanto, ao longo da pesquisa, passei por momentos de *estranhamento* em relação a alguns aspectos que fazem parte das práticas de lazer da geração

juvenil atual, ao fazer comparação com o meu histórico pessoal. Por outro lado, também experimentei uma sensação de “retorno” e compartilhamento, quando nos momentos de diversão em companhia das pessoas que participaram desta pesquisa.

O trabalho de campo foi muito desgastante, pois acompanhei muitas atividades diurnas de lazer, mas dediquei mais tempo às atividades noturnas, sendo a principal delas o baile funk da casa de show aos domingos.

O lazer noturno na Rocinha tem uma dinâmica que desafiava o meu condicionamento físico, já que as atividades começavam por volta da 01h00 (na minha época o baile terminava às duas da madrugada). Este dado sobre o horário de início das atividades noturnas na Rocinha foi um dos primeiros aspectos que me chamaram atenção para buscar compreender como a dinâmica do lazer havia se alterado em tão pouco tempo e como o contexto social exercia influência sobre essa dinâmica.

Pode-se dizer que a Rocinha tem uma rotina intensa, tanto no período do dia como no da noite e, sobretudo, no que diz respeito aos serviços oferecidos a seus moradores, tais como pizzarias, restaurantes, bares, farmácia, *lan house* e outros segmentos do comércio. Suponho que essa dinâmica possa ter interferido na circulação de pessoas pela favela à noite e na extensão dos horários de funcionamento das atividades de lazer.

Portanto, o processo pelo qual produzi meu diário de campo para o presente trabalho tem aproximações com o que Heye (1980) postula como pesquisa *passiva* e *ativa*. Na pesquisa *passiva* aproveitei meus contatos pessoais para frequentar diversas atividades de lazer em companhia de amigos, que já faziam parte de minha rede de relações e com os quais, além de me divertir, realizava a observação participante.

Assim, eu registrava os aspectos considerados mais importantes do ponto de vista do espaço onde se realizavam tais atividades, os comportamentos sociais nos momentos de diversão, detalhes sobre o modo de se vestirem, e conversava informalmente com as pessoas e experimentava algumas situações sociais. Nos períodos de pesquisa *ativa*, eu entrevistava os jovens moradores e levantava questões específicas sobre as suas práticas de lazer e os significados atribuídos a elas, que foram objeto de minhas análises e reflexões.

3.2 “Emoções” no campo: notas históricas sobre o desenvolvimento de suas atividades de lazer

3.2.1 O Forró do “Emoções” da Rocinha

Ao definir a casa de show Clube Emoções da Rocinha como espaço privilegiado para a realização desta pesquisa, iniciei o processo de levantamento de informações a respeito do seu histórico. Primeiramente, fiz pesquisas em um site de “buscas” na internet à procura de informações disponibilizadas em sites de jornais, revistas, organizações não governamentais e instituições locais da Rocinha, bem como mantinha a expectativa de encontrar o site oficial da casa de show. Também procurei trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses), além de artigos que fizessem alguma referência a este espaço.

Para minha surpresa encontrei poucas informações a respeito da casa de show, que não se referissem somente à divulgação das atividades de lazer previstas para acontecer no espaço, geralmente encontradas em sites especializados na divulgação de eventos culturais. Não encontrei nem site oficial nem blogue do estabelecimento.

Motivada pela curiosidade de conhecer um pouco da história da casa de show, conversei com moradores antigos, e a partir de um amigo, morador da Rocinha há mais de 40 anos, este me relatou ter ido à inauguração da casa de show e que havia conhecido seu fundador; assim foi que consegui fazer contato com o proprietário atual e realizar uma entrevista.

Através dessa entrevista tentei remontar uma breve história do Clube Emoções da Rocinha baseada no levantamento de algumas informações a respeito do seu surgimento, como era organizado, quais atividades eram desenvolvidas, qual era o público frequentador, que influências o espaço exercia sobre a dinâmica do lazer local, quais foram as principais mudanças ocorridas ao longo do tempo e como elas interferiram na constituição da dinâmica da casa de show atualmente. Devido às limitações de tempo e as dimensões deste trabalho enfocarei somente os aspectos que considere mais importantes para fundamentar e estabelecer relações com algumas reflexões desenvolvidas neste trabalho.

O atual proprietário da casa de show é o filho do seu fundador, e ele assumiu a administração após o falecimento de seu pai, em 1994. Ele conta que, desde

adolescente, ajudava o pai e trabalhava juntamente com sua mãe e irmã em várias funções na casa de show, tais como a de garçom, caixa de bilheteria, limpeza, e ainda fazia pequenos reparos no prédio quando necessário.

Segundo o entrevistado, seu pai não tinha experiência no ramo de entretenimento, pois sua atividade profissional era relacionada ao comércio, pois ele era dono de uma loja de materiais para a construção civil. A sua principal clientela era formada pelos moradores da Rocinha, visto que a sua loja ficava localizada no bairro da Gávea, onde a família também morava.

A família do pai do proprietário era oriunda do Estado de Minas Gerais e chegou ao Rio de Janeiro por volta da década de 40 ou 50. Nas décadas seguintes, ainda quando era possível comprar terrenos na Rocinha, o pai do entrevistado comprou o terreno onde hoje funciona a casa de show. A área fica na parte baixa da Rocinha, na subida da Estrada da Gávea, nos limites ou na “fronteira” territorial entre o bairro de São Conrado e a Rocinha.

O entrevistado comenta que seu pai era um homem muito “festeiro” e que era muito conhecido na Rocinha em função do seu comércio. Aos finais de semana, no entanto, ele gostava de fazer confraternizações com os amigos em bares pela Rocinha. Ligado ao mundo do samba e apreciador desse estilo musical, ele resolveu construir um pequeno bar no terreno de sua propriedade para realizar atividades aos finais de semana com seus amigos.

A princípio não havia a pretensão de construir um estabelecimento de grande porte, voltado para o lazer, destinado aos moradores da Rocinha, pois o interesse era de cunho particular, ou seja, fazer confraternizações com os amigos. Segundo o entrevistado, o processo de ampliação do espaço foi acontecendo “naturalmente”, até que em 1986 foi inaugurado o “Clube Emoções de São Conrado”.

O termo “Emoções” foi escolhido para dar nome à casa de show devido ao fato de o proprietário ser fã do cantor Roberto Carlos e de suas canções. O sonho do fundador do “Emoções” era inaugurar o estabelecimento com o show do Roberto Carlos. Isto não foi possível e a inauguração contou com o show do cantor Bebeto, muito “estourado” (famoso) na época, e que lotou a casa nesse primeiro dia. O fundador sempre alimentou o sonho de trazer o cantor Roberto Carlos ao “Emoções”, mas o valor do show inviabilizava a realização do sonho. O entrevistado comenta ainda que, por várias vezes, ele viu seu pai subir no palco da casa de show, após alguns copos de cerveja, para cantar as músicas do Roberto Carlos.

Relatou também que a casa de show foi lançada com esse nome, fazendo referência ao bairro de São Conrado, como uma estratégia adotada por seu pai para tentar driblar o preconceito que poderia surgir por parte do público em relação à localização da casa de show, e que logo de início isso poderia afastar o público. Além disso, segundo o entrevistado, no endereço oficial do estabelecimento consta o bairro de São Conrado como referência e não a Rocinha. Ele diz que o preconceito em relação às favelas e à Rocinha era mais intenso do que é hoje, e tal fato poderia prejudicar o negócio inicialmente; portanto, o pai optou por este nome inicialmente. Quando perguntei a respeito desta estratégia do pai para nomear o Clube Emoções de “São Conrado”, o entrevistado teceu os seguintes comentários:

Entrevistado: Tanto que legalmente a gente está em São Conrado, aqui pertence... da Via Ápia para cá, pertence a São Conrado. Bairro Barcelos é a parte de lá, ali do Boiadeiro, daquela área ali.

Pesquisadora: O teu endereço aqui é São Conrado?

Entrevistado: É São Conrado, não é Rocinha.

Pesquisadora: Mas o teu pai tinha alguma coisa com isso de não querer associar o nome do Emoções à Rocinha?

Entrevistado: Tinha porque ele queria pegar esse pessoal de fora, entendeu? Porque às vezes você anuncia na mídia, hoje em dia todo mundo sabe que Emoções é da Rocinha, não tem jeito. Mas quando ele começou, ele já sabia disso, que o pessoal de fora, quando falasse Emoções da Rocinha, o pessoal ia dizer – “o que eu vou fazer na Rocinha, tá maluco?” Então, ele já sabia que se ele colocasse São Conrado, o cara que não soubesse de nada – “pô, tem Beбето lá em São Conrado, vamos lá.” – daí ia chegar aqui, ver aqui, caramba isso é Rocinha, mas pô, não tem nada, é legal. Então ele sabia disso, se botasse Rocinha o público de fora já ia - “pô, estou fora, isso aqui eu estou fora, nem quero vir” – porque isso rola até hoje. Hoje vem muito gringo, vem muita gente de fora, mas porque as pessoas... Eu, outro dia mesmo, eu estava falando com um cara que faz turismo aqui. A gente, o Emoções teve uma parcela muito grande nesta entrada de gente de fora para conhecer a Rocinha. Aqui é a porta de entrada, então a pessoa já vem – “Rocinha, Deus me livre!” – aí chega aqui, caramba, aqui tem gente normal, tem gente com dois olhos, um nariz, uma boca, sabe, porque acha que aqui só tem bicho. Então a pessoa vê que não é assim.

Estas colocações são muito interessantes para as reflexões propostas neste trabalho, principalmente em relação aos estigmas que “contaminam” de forma depreciativa, tanto os moradores como até mesmo os estabelecimentos comerciais ou outros elementos da dimensão da vida cotidiana, compartilhados ou experimentados no território das favelas. Portanto, nesse sentido, pode-se observar que o pai do entrevistado, para proteger o seu negócio, antecipou-se ao preconceito, oriundo do estigma atribuído às favelas. Mas, por outro lado, essa sua ação surtiu

outro efeito, acabou por atrair a “entrada de gente de fora para conhecer a Rocinha”⁴¹.

Ao longo da sua história, a casa de show foi se constituindo como uma das referências de espaço de lazer na Rocinha; inicialmente, ligada ao estilo musical do forró e, posteriormente, pelos bailes funk. Ao longo do processo de desenvolvimento de tais atividades e através do público frequentador, o reconhecimento do nome “Emoções da Rocinha” e não de “São Conrado” foi praticamente inevitável, e atualmente o próprio filho do fundador assume este fato.

O entrevistado contou que seu próprio pai participou da construção, contratando um engenheiro e trabalhando na obra junto com os outros peões. A inspiração para fazer a casa de show, do ponto de vista da estrutura física, partiu de uma churrascaria chamada “Roda Viva”, localizada no bairro da Urca, que o pai do entrevistado costumava frequentar. Uma das ideias inspiradas por esse local citado foi a construção de um teto móvel no Clube Emoções da Rocinha que, ao ser aberto, permitia que o público visualizasse o céu a partir do meio da pista de dança. Atualmente o teto móvel não existe mais, pois a casa de show passou por reformas que mudaram completamente a sua estrutura física, por obras realizadas pelo filho após o falecimento do pai. Porém, até hoje, aqueles que frequentaram a casa de show no período anterior à reforma se recordam desse teto móvel, que era admirado e surpreendia a todos os frequentadores.

O entrevistado, ao falar do pai, revelou que ele era um homem muito rígido, sério e exigente, além de ser muito cuidadoso com o espaço da casa de show. Ele comenta que o seu pai não permitia o uso de drogas e não autorizava a entrada de pessoas usando chinelos ou bermuda. A organização interna da casa de show, nos seus primeiros anos, acomodava o público sentado ao redor de uma pista de dança. Existiam 200 mesas fixadas no chão com cadeiras, sendo que cada mesa era coberta por toalhas e havia um enfeite com uma pequena vela. Existia até uma lavanderia na própria casa de show. Havia poucos os empregados na casa de show e os serviços de garçom também eram feitos pelo fundador que, juntamente com o filho, a filha e sua mulher, trabalhavam no local.

⁴¹ Considerando de maneira geral o contexto da década de 1980, como o período da entrada da cocaína no mercado de varejo da venda de drogas e da “organização” de facções criminosas armadas, que passaram a disputar os territórios das favelas, os estigmas e os estereótipos atribuídos às favelas foi intensificado pela questão da violência. Para mais informações sobre o assunto consultar os trabalhos de Leite (1995) e Machado da Silva (1999; 2000), dentre outros.

Vários artistas do samba, segmento muito admirado pelo fundador, se apresentaram no espaço; dentre os mais destacados, foram: Beth Carvalho, Alcione e Negoinho da Beija-Flor. Ao longo do tempo, a organização das atividades da casa de show foi sendo distribuída pelos dias da semana, com agenda específica para cada um. Segundo o entrevistado, foi um processo de aprendizado para se chegar ao “timer” do funcionamento do local no modo como está. Finalmente foi definido que às sextas-feiras seria o dia do pagode e do samba, aos sábados o dia do forró e aos domingos o dia do funk. Esta distribuição das atividades, na medida do possível, até hoje, costuma ser respeitada.

Gastava-se muito dinheiro para manter atrações em todos os finais de semana na casa de show e, a partir da avaliação do movimento de frequentadores e do lucro mensal, o pai do entrevistado foi percebendo que o público não tinha dinheiro nos quatro finais de semana do mês para frequentar todas as atividades.

As atrações musicais ligadas ao samba tornavam-se cada vez menos frequentes pelo fato de a própria Rocinha não ter muita tradição em relação ao estilo musical do samba, e este aspecto também influenciou o fundador a investir no estilo musical do forró.

Segundo o entrevistado, no início das atividades relacionadas ao forró, a presença de pessoas “de fora” não era tão significativa. Aos poucos o público foi sabendo da existência do Clube Emoções da Rocinha. Assim, começaram a frequentar o forró pessoas que vinham da cidade de Niterói e do bairro Rio das Pedras. Ele ressalta que depois do Emoções aconteceu um “boom de forrós”. Surgiram outros estabelecimentos que começaram a tocar forró, como o “Asa Branca”, localizado na Lapa, área central do Rio de Janeiro, e o “Forró do Chico”, no Largo da Barra, que posteriormente criou o “Castelo das Pedras”, na área conhecida como Rio das Pedras, nas adjacências do bairro da Barra da Tijuca e do bairro do Itanhangá.

O auge do forró na casa de show foi na década de 1990. Para o proprietário, o forró do Emoções da Rocinha ficou muito conhecido porque na época algumas emissoras de rádio exerceram um papel muito importante na disseminação deste estilo musical, e também noticiavam os eventos, sendo que a principal delas era a Rede Somzoomsat⁴². Essa rádio divulgava bandas de forró que estavam fazendo

⁴² Esta é uma rádio cearense especializada no estilo musical do forró, que na década de 1990 também abrangia o Rio de Janeiro. Atualmente a rádio abrange somente o Estado do Ceará e

sucesso no Nordeste, mas que não eram muito conhecidas nem haviam se apresentado no Rio de Janeiro. A partir deste veículo de comunicação, os donos de estabelecimento que tocavam forró no Rio de Janeiro tomavam conhecimento das bandas e as contratavam para os shows. Desse modo, várias delas tocaram no forró do Emoções da Rocinha, mesmo antes de serem conhecidas do público em geral, e sim só do público “forrozeiro” que frequentava o local. Ele me explica que, naquele tempo, os donos das casas de show se reuniam e compravam juntos o show de determinada banda para tocar em suas respectivas casas, pois neste meio do forró não existe tanta concorrência.

Bandas de forró, que hoje são conhecidas do grande público, já se apresentaram no Emoções da Rocinha com “casa cheia” e com um valor de cachê bem menor do que cobriam atualmente. Um dos exemplos é a banda Calypso, que se apresentou cerca de dez vezes na casa, antes de atingir sucesso nacionalmente. Além dessa banda, outras como Mastruz com Leite, Cavaleiros do Forró, Bonde do Forró e Calcinha Preta passaram pelo mesmo processo.

Outra forma de conhecer novas bandas de forró nordestinas de sucesso era através dos próprios moradores da Rocinha. Quando viajavam ao Nordeste, de férias, para visitar os parentes, eles ficavam sabendo das bandas que estavam fazendo sucesso por lá, e retornavam trazendo as referências. O entrevistado relatou que contratou um show de uma banda que ninguém conhecida no Rio de Janeiro, mas que fora indicada por um morador que insistia em que a banda faria muito sucesso se viesse tocar no Emoções. Tal fato se confirmou com a “casa cheia” no dia do show da banda, da qual o entrevistado não conseguiu se lembrar o nome.

O Clube Emoções da Rocinha passou a ser muito conhecido tanto no Rio de Janeiro como no Nordeste. Segundo o entrevistado, isto aconteceu em função de haver uma rede de comunicação muito forte entre os nordestinos, através do rádio e da televisão⁴³, além da divulgação boca a boca feita pelos frequentadores. Um dos

continua oferecendo ao público sua programação musical especializada em forró e programas jornalísticos. Para mais informações, acessar: <www.somzoom.com.br>

⁴³ A TV Diário foi inaugurada em 1998 e tem abrangência sobre 184 municípios em canal aberto no Estado do Ceará e em 48 cidades do país, dentre elas o Rio de Janeiro, através de TV por assinatura. No site da TV Diário, na parte de seu histórico, diz que essa emissora busca levar informações sobre a cultura e as necessidades do povo nordestino, de forma bem-humorada e coloquial, diferente de outras emissoras. Para mais informações acessar: <<http://verdesmares.globo.com/tvdiario>>

exemplos do alcance da divulgação da casa de show em outros estados do Brasil por esses meios de comunicação pode ser constatado através do trecho a seguir:

Entrevistado: A gente tinha também outro canal, que era... Qual era a TV que o pessoal via muito aí? A TV Diário. A gente divulgava muito na TV Diário, também, que aqui o pessoal através da parabólica pegava isso direto.

Pesquisadora: Então até no Nordeste pegava o Emoções.

Entrevistado: É exatamente, através disso, quando a gente fazia um anúncio aqui, anunciava lá também. Então, a minha mãe é paraibana, e aí ela foi outro dia lá, rodou aquilo tudo lá com a minha tia, que também é de lá, iam naquelas cidadezinhas lá não sei de onde, e quando falavam que ela era dona do Emoções, “nego” só faltava colocar ela no céu. Então, quer dizer, o forró levou o Emoções para o nordeste inteiro. A gente fazia umas camisas, era uma guerra para distribuir, a gente escrevia “Forró do Emoções da Rocinha”. Aí a gente incorporou Emoções da Rocinha (o nome), acabou com esse negócio de tentar Emoções de São Conrado, aí depois de um tempo, que a gente já ficou caracterizado mesmo aqui, conhecido, meu pai que tentou essa coisa. Aí a gente hoje em dia é Emoções da Rocinha, já agregou, não tem jeito.

Este veículo de comunicação foi muito importante não somente para divulgar a casa de show e suas atividades, mas também é uma referência para os moradores da Rocinha, especialmente aqueles que deixaram sua terra natal há muito tempo, e através deste canal de TV podem, de certa forma, obter informações sobre o seu local de origem e “matar a saudade” de alguns elementos de sua cultura. Na Rocinha é possível ouvir diferentes sotaques entre seus moradores, pois muitos vieram dos estados da Paraíba, Ceará, Maranhão, Pernambuco, e outros, e se estabeleceram neste território.

Na opinião do entrevistado, o público do forró era e ainda é formado, predominantemente, por pessoas que trabalham como porteiros ou empregadas domésticas, são de origem nordestina, moradores já estabelecidos na Rocinha ou recém-chegados, mas há também aqueles que moram em bairros próximos, como Rio das Pedras.

Um momento interessante desta entrevista foi a análise feita pelo proprietário a respeito do processo de esvaziamento da atividade de forró, ocorrido aos sábados na casa de show. Nos anos de 1990, o forró acontecia em todos os finais de semana, mas atualmente ele ocorre de forma bastante esporádica e nem sempre atrai um número significativo de público, como acontecia anteriormente.

Foram identificadas duas causas principais para explicar a situação atual. Uma delas estaria relacionada à disseminação de artistas locais (cantores e instrumentistas), que fazem pequenas apresentações em bares e restaurantes pela Rocinha. O público, neste caso, não costuma pagar ingresso para escutar a música

ou dançar no espaço. O dono do estabelecimento lucra com a venda de bebida e comida para esses clientes. O cachê destes artistas é bem menor do que o valor de uma banda, visto que muitos deles cantam e tocam teclados sozinhos. Portanto, esta é uma opção que se torna mais em conta para o público do forró e mais lucrativa para os donos dos estabelecimentos. Nota-se que essa nova prática de lazer se beneficiou com o surgimento de uma variação de gênero em relação ao estilo musical do forró, que ficou conhecida como “forró dos teclados” eletrônicos⁴⁴. Inclusive os próprios artistas fazem referência a este instrumento em seus nomes artísticos, como “Fulano dos teclados”.

Atualmente, na parte baixa da Rocinha, conhecida como Bairro Barcelos, incluindo as Ruas Caminho do Boiadeiro e Via Ápia, além de outras ruas transversais a estas, existe uma concentração significativa de espaços que realizam este tipo de atividade de lazer. Elas acontecem em bares e restaurantes, que também usam o espaço da rua para colocar mesas e cadeiras para o público. Tais atividades ocorrem em dias variados, mas principalmente aos finais de semana e às segundas-feiras⁴⁵.

A outra causa que teria influenciado o esvaziamento do forró do “Emoções” da Rocinha, segundo o proprietário, foi o aumento exorbitante do valor dos cachês das bandas de forró. Uma “onda midiática” em relação a este estilo musical massificou e popularizou determinadas bandas de forró, mas outras bandas menores também aproveitaram esse momento para aumentar seus cachês e lucrar com isso.

Um dos exemplos citados foi o da banda Calypso, que antes cobrava o cachê de R\$20 mil reais pelo show e quando se tornou um sucesso nacional passou a cobrar até mais de R\$100 mil reais. Dessa forma, o entrevistado comenta que não foi possível acompanhar este ritmo do aumento na medida em que não poderia repassar o custo do show para o valor do ingresso, pois o público não teria condições ou não estaria disposto a pagar o valor estipulado do ingresso nessa casa de show.

⁴⁴ Os teclados eletrônicos (com um *sampler*) oferecem recursos de bases musicais eletrônicas, que podem ser adaptadas para diversos ritmos e estilos musicais (os *samples*).

⁴⁵ Um dos motivos para a realização desta atividade às segundas-feiras tem relação com o fato de que este é um dia considerado de folga para muitos trabalhadores do setor de serviços, principalmente aqueles que trabalham em restaurantes, como garçons, caixas, cozinheiros e outros.

Outro artista que tinha vínculo estreito com o Clube Emoções da Rocinha era o cantor Amado Batista, conhecido popularmente pelo estilo musical classificado como brega romântico. Anualmente ele era contratado para fazer um show e todos sempre atingiam a máxima lotação de público; no entanto, em função do aumento considerável de seu cachê tampouco não foi possível manter a atração.

Percebe-se que a dinâmica do mercado musical e de contratação de artistas interfere muito na dinâmica dos espaços de lazer, especialmente aqueles localizados em espaços populares, pois os estabelecimentos têm dificuldades para compatibilizar gastos e lucros de seus negócios de forma satisfatória e constante. O proprietário da casa de show declara que o forró só acontece se houver uma banda tocando música ao vivo. Isto implica gastos que hoje não seriam compensados somente com a venda dos ingressos e de bebidas, por conta do número reduzido de frequentadores.

As alterações na dinâmica do lazer local com o surgimento de um novo formato de atividade, relacionada ao forró, promoveram o aumento do número de opções e o barateamento dessa atividade para o público interessado, dados estes que devem ser levados em conta na medida em que este público pode ter suas limitações financeiras. Apesar de não ter informações precisas sobre o perfil de renda do público que frequenta os forrós da Rocinha, os dados apresentados pelo documento do Censo Familiar do Complexo da Rocinha (2009) informam que os ganhos de seus moradores com o trabalho/e ou aposentadoria são de 1 a 2 salários mínimos, e que as ocupações profissionais estão concentradas no setor de serviços e, por isso, têm baixa remuneração⁴⁶.

Com isso, os poucos recursos financeiros devem ser administrados para dar conta dos vários gastos familiares, tais como moradia, alimentação, vestuário, saúde, transporte e atividades de lazer, exigindo assim uma verdadeira “ginástica” orçamentária por parte destas pessoas. Abro um parêntese nesta parte do trabalho com o intuito de estabelecer um paralelo com a atualidade, expondo uma das minhas experiências em campo no Clube Emoções da Rocinha em uma atividade de

⁴⁶ O maior percentual (22,9%) das pessoas que responderam à pesquisa tem renda bruta do trabalho e/ou aposentadoria de 1 a 2 salários mínimos, enquanto 24,6% afirmaram não terem renda. Além disso, as principais ocupações profissionais dos moradores no mercado de trabalho são as de porteiros, empregadas domésticas, garçons, atendentes, caixas, pedreiros, auxiliar de serviços gerais etc. Estes dados estão disponíveis no documento do “Censo Domiciliar: Complexo da Rocinha 2009”, realizado entre julho de 2008 e maio de 2009, coordenado pela Secretaria de Estado da Casa Civil do Rio de Janeiro, feito pela EGP-Rio, órgão dessa Secretaria.

forró. A atividade aconteceu num sábado, e a atração principal era o show do cantor Beto Barbosa, conhecido como o “Rei da Lambada”, ritmo musical muito popular entre os anos 1980 e início dos 90. Tomei conhecimento da atividade através de faixas colocadas nas principais ruas da parte baixa da Rocinha, outra em frente à casa de show e por anúncios feitos por um carro de som circulando pela favela.

Fui ao evento na companhia de três amigas, todas com idade acima de 30 anos, sendo que uma delas, com 35 anos de idade, frequentou muito o forró do Emoções em sua época “áurea”. Além disso, alguns vizinhos meus (com idade média entre 40 e 55 anos) comentaram comigo que iriam ao show e nós nos encontramos lá.

Comprei os ingressos para mim e minhas amigas antecipadamente em uma loja de CD e DVD, na Rocinha, que vende títulos de vários artistas e estilos musicais, principalmente de forró. Para os eventos a serem realizados na casa de show, é comum alguns estabelecimentos comerciais na Rocinha fazerem a venda antecipada dos ingressos. Os principais pontos de venda são pizzarias, lojas de roupa ou de CD e DVD. A compra antecipada garante o ingresso com um valor menor do que no dia do evento. Neste, o ingresso antecipado custou R\$15,00, e na hora foi R\$20,00.

Chegamos à casa de show meia-noite e meia e encontramos o espaço bem vazio. As minhas amigas imediatamente comentaram este fato, e diziam que atualmente as atividades de lazer na Rocinha começavam muito tarde e, portanto, tínhamos chegado cedo. Porém, combinamos de chegar naquele horário, pois acreditávamos que evento atrairia muito público e queríamos garantir mesa e cadeiras para sentar. Essas amigas sempre frequentaram a casa de show, fosse nas atividades de forró, baile funk e pagode. Porém, estavam um pouco afastadas, em função de seus compromissos familiares, profissionais e estilo de vida. Por isso, ressaltavam durante nossas conversas, que não compreendiam o porquê dessa alteração do horário de chegada das pessoas aos eventos. Diziam que, assim, não mais conseguiriam acompanhar as atividades, com a mesma frequência que faziam anteriormente, devido à mudança dos horários de início e término, considerados muito tardios.

Contudo, mesmo assim elas estavam surpresas pelo fato de haver poucas pessoas no local, pois esperavam que o cantor Beto Barbosa atraísse um grande público saudoso da época da lambada. Assim como eu também esperava que isso

acontecesse, elas alimentavam a esperança de que o local ia encher, pois diziam que costuma vir muita gente de fora da Rocinha. Notei que entre 01h30 e 02h00 da manhã o público começou a chegar. Após este horário, estimo que havia apenas umas 50 mesas com cadeiras ocupadas, e que o público que assistiu ao show do cantor Beto Barbosa era composto por, no máximo, 500-600 pessoas.

Enquanto aguardávamos o show principal, apresentaram-se no local outras duas bandas de forró que eu não conhecia. Nos intervalos entre uma e outra, um DJ tocava músicas de vários estilos musicais, como hip hop, axé, pop e funk. A maioria do público dançava todos os estilos musicais, enquanto outras descansavam por já terem dançando muito forró.

Na maior parte do tempo predominava o forró. Casais dançavam juntos, os homens desacompanhados convidavam mulheres para dançar e também havia mulheres dançando juntas. Além de dançar com minhas amigas e meus vizinhos, dancei com outros rapazes que conheci naquele momento. Um deles, de 22 anos de idade, era cearense e tinha se mudado para Rocinha há dois anos, pois antes ele morava em Nova Iguaçu. Numa breve conversa que pudemos ter, já que o volume da música era muito alto, o rapaz me disse que sempre vinha à casa de show quando tinha forró e que frequentava bastante a Feira de São Cristóvão⁴⁷.

Uma das coisas que chamou minha atenção durante a apresentação das bandas de forró era que, em alguns momentos, os cantores das bandas faziam agradecimentos e falavam que era um prazer cantar para os nordestinos da Rocinha. Um dos vocalistas ressaltava o seu estado de origem, o Ceará, e começou a falar o nome de várias cidades do Ceará, bem como de outros estados do Nordeste, estabelecendo uma conversa com o público. Quando o público escutava o nome de sua cidade natal ou do seu estado de origem gritava e aplaudia. Algumas pessoas se aproximavam do palco e pediam ao cantor que falasse o nome de sua cidade. Além disso, era sempre feita referência ao povo nordestino como um “povo trabalhador”. Enfim, o show de Beto Barbosa começou às 04h00 da manhã. O cantor e a sua banda disseram estar vindo de outra apresentação na casa de show

⁴⁷ A Feira de São Cristóvão, como é popularmente conhecida, se transformou no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas e oferece ao público, sobretudo às pessoas de origem nordestina, além de turistas estrangeiros, produtos típicos dos vários estados do Nordeste. Funciona de terça a domingo, sendo que nos finais de semana acontecem atividades culturais, principalmente forró ao vivo.

Asa Branca, na Lapa. As pessoas se concentravam na frente do palco para assistirem ao show, enquanto outras ficavam dançando.



Imagem 6: Vista geral do show de Beto Barbosa, no “Emoções” da Rocinha. FONTE: Foto do acervo da pesquisadora (2010)

Beto Barbosa cantou suas músicas de maior sucesso acompanhado por sua banda e dois casais de dançarinos. Enquanto isso, algumas mulheres subiram no palco para abraçá-lo e beijá-lo, e ele não parecia se incomodar, até que os seguranças resolveram intervir, proibindo a subida do público ao palco. Ele dançou com uma mulher que subiu ao palco, e agradeceu ao público da Rocinha, também fazendo referência a algumas cidades e estados nordestinos, para o delírio dos presentes. Às cinco da manhã, quando fui embora com minhas amigas, o show ainda não havia terminado.

Durante o show, percebi que em nenhum momento os cantores se referiram à Rocinha pelo termo *favela*. Quando faziam os agradecimentos aos presentes usavam o termo *comunidade* da Rocinha. Historicamente, ao termo “favela” tem sido atribuída uma conotação negativa. Nesse sentido, talvez, estes artistas sejam levados a avaliar com “cuidado” os termos que podem desagradar ou constranger seu público.

Durante aquela noite, na pesquisa de campo, pude verificar que o público consome bastante bebida, principalmente cerveja. Diferente do baile funk do Clube

Emoções, não identifiquei a presença de “gringos” na atividade do forró, pois acredito que a curiosidade ao visitar a Rocinha à noite por parte dos estrangeiros, seja justamente a “emoção” de participar de um baile funk. Afinal de contas, essa é a atividade de lazer pela qual as favelas são inevitavelmente identificadas e por vezes essencializadas, conforme discutido no capítulo primeiro desta dissertação. Porém, a composição social da Rocinha tem a marca da região Nordeste e, portanto, o forró é a atividade mais disseminada nos vários espaços da Rocinha, e tem papel importante na dinâmica do lazer local.

Esta experiência de campo foi escolhida dentre outras que vivenciei (como a do show da banda “Gaviões do Forró”), pois foi um momento interessante que vivi com amigas, moradoras da Rocinha, que frequentaram o forró do Emoções na sua época “áurea”, o que contribuiu para minha compreensão sobre algumas mudanças nessa atividade, e que de certa forma surpreendeu a elas também. No entanto, elas disseram que não frequentavam os forrós que acontecem em outros locais da Rocinha por falta de interesse. Na atualidade, quando possível, elas preferem frequentar pagodes, bailes ou outros tipos de diversão fora da Rocinha.

3.2.2 O baile funk do “Emoções” da Rocinha e demais atividades

Retornando à entrevista realizada com o atual proprietário do Clube Emoções da Rocinha, falamos sobre a atividade que se mantém como a principal da casa de show atualmente: o baile funk. Esta atividade mantém um público significativo e constante, o que permite à casa obter lucro e garantir suas atividades no local.

Segundo o entrevistado, o baile funk do Clube Emoções da Rocinha foi criado no ano de 1994. Os motivos relacionados ao surgimento desta atividade dizem respeito à “onda funk” de sucesso, que se estendeu pela maioria das favelas do Rio de Janeiro na década de 1990, à qual o proprietário fundador foi levado a seguir. Além disso, afirma o entrevistado, desde o início, essa atividade gerou lucro, tanto que, até hoje, o baile funk é o “carro-chefe” da casa de show. Além disso, outra questão ressaltada por ele foi que o movimento de domingo da casa de show estava muito fraco. O grupo “Rancho”, que fazia apresentações ao vivo, tocando vários estilos musicais e os “rits” de sucesso da atualidade e antigos, não conseguia mais atrair público suficiente para manter a atividade.

A expansão do funk prosseguia atrelada ao desenvolvimento do mercado da indústria fonográfica e de entretenimento ligado ao estilo musical do funk, bem como o papel das rádios FM⁴⁸ (especializadas em funk) foram fundamentais para a divulgação da música e dos bailes por todo o Rio de Janeiro e, posteriormente, para o Brasil. Foi reconhecido que os programas de rádio contribuíram muito para divulgar o baile funk do Emoções pelo Rio de Janeiro. O entrevistado afirma que tanto a proposta quanto o estilo do baile do Emoções sempre buscavam se diferenciar de outros bailes existentes na Rocinha, principalmente porque a casa de show era um lugar que oferecia uma boa estrutura, além de ser reconhecida legalmente como estabelecimento de lazer, com autorização para funcionar⁴⁹.

A ideia de criar um baile funk foi sugerida pelo dono da equipe de som Curtisom Rio⁵⁰, que durante mais de dez anos realizou os bailes funk do Emoções. Em 1994, ele estava montando esta equipe de som e foi propor ao fundador da casa de show a realização de um baile no local. O tipo de trabalho musical e o tipo de baile proposto pelo dono da Curtisom Rio, segundo o entrevistado, eram compatíveis com o estilo da casa de show, e que o fundador estava interessado em manter. Dentre tais características estavam: [a] evitar tocar músicas consideradas “funks proibidões”⁵¹ e [b] não promover bailes de briga⁵², que na época aconteciam em algumas localidades do Rio de Janeiro. Atualmente, a equipe de som que faz os

⁴⁸ A Imprensa FM era uma emissora de rádio que concentrava vários programas que tocavam funk. Cada um dos programas estava vinculado a uma equipe de som e tinha duração de uma a duas horas diárias. As equipes de som eram contratadas, geralmente aos finais de semana, para a realização de bailes com suas aparelhagens de som e DJ's. Ao longo da semana, em seus programas de rádio, elas faziam a divulgação da agenda de onde aconteceriam os seus bailes, além de divulgar informações, músicas e fazer promoções com distribuição de brindes para os ouvintes. Dentre as equipes de som de grande audiência na época estavam a Furacão 2000, a Cash Box e a Pipo's (corruptela de *Peoples*).

⁴⁹ Isto não quer dizer que, ao longo do processo de implantação do baile funk no Clube Emoções da Rocinha, não tenham ocorrido tensões em relação a outros tipos de baile que já existiam na Rocinha. Sobre este assunto o próprio entrevistado não se aprofundou em sua entrevista. Também não caberia desenvolver este assunto de forma detalhada neste trabalho, visto que não é este o foco.

⁵⁰ As equipes de som são aparelhagens compostas por várias caixas acústicas, jogos de luzes, DJ's, e em alguns casos cantores individuais ou grupos de funk, que são contratadas para realizar o baile.

⁵¹ O gênero funk costuma mencionar em suas letras o nome das facções de drogas, que atuam nos territórios das favelas cariocas.

⁵² Sobre este assunto já me referi no capítulo primeiro, como um dos períodos em que os bailes funk cariocas eram muito divulgados na imprensa em função dos constantes episódios de violência ocorridos em bailes de briga.

bailes funk na casa de show é a Espião Vida Loka, sem grandes alterações no estilo do baile (ANEXO C-1).

Em relação aos diversos estilos musicais, o funk parece ser o estilo preferido da maioria dos jovens moradores das favelas, que concomitantemente apreciam outros estilos. Neste sentido, o proprietário da casa de show aponta que a criação, entre os anos de 1998 e 1999, do baile funk da matinê também foi um investimento que apresenta bons resultados até hoje. Ele diz que a “garotada” ficava sem nada para fazer aos domingos e, assim, diante das poucas opções para este público (jovens com menos de 18 anos de idade), e como eles sempre tentavam burlar a segurança para entrar no baile de adulto, foi criada a matinê para essa faixa etária. Em alguns fatores, este fato trouxe problemas para a casa de show, principalmente pelo fato de que a venda de bebida alcoólica era proibida para tal faixa etária. Por isso, aqueles que conseguiam entrar no baile de adulto poderiam consumi-la. Sabe-se que a venda de bebidas é o que alavanca o movimento, no lazer.

O proprietário ainda comentou que, por várias vezes, o baile da matinê lota mais do que o baile de adulto. Principalmente, quando o baile da matinê oferece as mesmas atrações musicais do baile de adulto. Na matinê, obedecendo à lei, não são vendidas bebidas alcólicas, apenas refrigerante e água. O entrevistado diz que acha interessante ver “os molequinhos” vindo ao baile “todos arrumadinhos” como se estivessem indo para um “baile de verdade”; pois, para os jovens menores de idade, o baile de verdade seria o de adultos. O valor do ingresso no baile da matinê é menor, e custa entre R\$1,00 e R\$5,00 (na época da pesquisa), enquanto que, no baile de adulto, pode variar de R\$5,00 a R\$15,00.

Percebe-se que, ao longo do histórico dessa casa de show, seus administradores procuraram manter a oferta das opções de lazer que despertassem o interesse e atendesse ao público frequentador, tanto o “de dentro” como o “de fora” da Rocinha, através do desenvolvimento de um estilo de atividade organizada de forma diferenciada.

Isto não quer dizer que este espaço não tenha passado por momentos difíceis, principalmente durante os episódios de conflitos violentos pelos quais a Rocinha passou⁵³ (e ainda passa), cujas notícias costumam ser veiculadas pela

⁵³ O episódio mais recente, à época desta pesquisa, ficou conhecido como a “invasão” de uma facção rival em relação à que estava estabelecida no território da Rocinha, desde 2004. Mais detalhes

imprensa para o público em geral. A conjuntura local, atrelada a esse tipo de situação, afetou a casa de show, principalmente no que tange ao volume do público frequentador e seus locais de origem, especialmente quando se trata de pessoas de outras favelas.

O fato de a casa de show estar situada em uma fronteira territorial entre os bairros São Conrado e Rocinha não se configura elemento suficiente para desassociar a sua identificação e localização com o território da favela. Além disso, mesmo com a criação do *bairro* da Rocinha, em 1993, a partir de decreto municipal⁵⁴, o imaginário social construído historicamente, e que prevalece até hoje, reconhece esse território como *favela* ou *comunidade* (BIRMAN, 2008). Dessa forma, tanto os moradores de outras favelas como os de outros bairros da cidade engendram relações que repercutem na construção de “fronteiras simbólicas”, que são delimitadas a partir da presença de facções do tráfico de drogas nesses territórios. Tal construção pode acontecer tanto de forma consciente, quanto inconsciente.

De maneira geral, essa problemática influencia a frequência das pessoas nos bailes funk em favela, principalmente devido ao processo de criminalização dessa atividade ao longo de toda a sua história, como foi tratado no capítulo primeiro deste trabalho.

Para os frequentadores oriundos de outras favelas, mesmo que a casa de show represente uma fronteira territorial tênue entre os bairros de São Conrado e Rocinha, existe também a “fronteira simbólica”. Portanto, ao ultrapassá-la, quem não é morador local pode também supor que lhe serão atribuídos características e vínculos de pertencimento social, que levarão em conta os seus próprios territórios de moradia. Tal situação costuma gerar tensão e medo para os moradores de favela no processo de circulação pela cidade, principalmente no caso dos jovens.

O entrevistado comenta que, da última vez em que a Rocinha passou por um período conturbado de conflito violento, no ano de 2004, o público da casa de show diminuiu significativamente. Mas, posteriormente e aos poucos, as atividades e o público foram se restabelecendo a partir da nova conjuntura social.

sobre este assunto podem ser encontrados em reportagens de jornais de grande circulação da época.

⁵⁴ Decreto sancionado pelo prefeito César Maia, através da Lei n.º 1995, de 18 de junho de 1993.

A casa de show sempre conseguiu agregar pessoas, e isto continua acontecendo, e até os próprios moradores afirmam que o baile funk do Emoções é frequentado por muitas pessoas “de fora” da Rocinha”, inclusive de bairros considerados “nobres”, como Ipanema, Leblon, Barra, além de outras favelas como Vidigal e Rio das Pedras.

Continuo a entrevista perguntando se, por parte do proprietário, já houve a intenção de investir em atividades relacionadas a outros estilos musicais:

Pesquisadora: E os outros estilos musicais como rock, rap, discoteca, você nunca pensou em colocar aqui? A música eletrônica?

Entrevistado: As pessoas me pedem isso. Por exemplo, rap, até mesmo quando o Racionais MC's ganhou um prêmio internacional da MTV, que eles estavam “estourado”, a gente contratou eles, e a gente teve prejuízo. Porque aqui na Rocinha é forró e funk, o resto tem aquela galera que gosta, mas que não é suficiente para bancar o show, entendeu? Então, quer dizer, esses outros eventos, todo mundo fala, bota lá o rap, vai bombar, está na moda, não sei o quê. Aí eu dou uma tentadinha, e “puf” (não se mantém).

Pesquisadora: Rock, nunca pensou?

Pior ainda. Eu fiz até um lugar menor aqui (o espaço reservado), que aí a gente começou a fazer algumas coisas justamente por isso, porque o custo ficaria menor para fazer. Só que nem assim, aqui cabem 500 pessoas e aí fica um ambiente legal. Porque é aquele negócio, você vem para um lugar grande, tem 500 pessoas fica vazio, aí as pessoas falam – “pô, tá fraco” – aí não cria aquela empolgação no público. Então em um ambiente menor você bota 300 pessoas, já dá um ambiente cheio, legal. Só que nem assim a gente conseguiu. A gente já fez algumas coisas com música eletrônica, que tinha também uns drinks maneiros e tal, a gente fez, mas a coisa vai e depois dá uma brechada. E aí tem aquele negócio, o custo do negócio. O nosso custo para fazer aqui é “X”, se não tá faturando, não tem como manter.

O entrevistado comenta que a maioria das festas temáticas que acontecem no local como, por exemplo, a Festa da Academia R1, não acontece em função do aluguel do espaço, mas a casa de show fica com os lucros referentes às vendas do bar. Além disso, existem festas que investem por conta própria na decoração do lugar, com iluminação especial, acessórios de decoração e estruturas de palco, que não fazem parte da estrutura básica da casa de show.

Porém, como já foi argumentado antes, para manter uma constância nas atividades da casa de show, a relação custo/benefício deve de estar equacionada, de modo a não dar prejuízo. Isto implica diretamente a capacidade de uma atividade atrair um público fixo e considerável para ocupar o espaço da casa de show, que não é pequeno⁵⁵.

⁵⁵ A casa de show é formada por um grande espaço quadrado (salão) coberto por uma laje de concreto. A entrada fica próxima à bilheteria, onde duas roletas separam a passagem de homens e de mulheres. Normalmente, ao se passar pelas roletas é feita uma revista por seguranças do sexo

Portanto, festas e eventos relacionados a outros estilos musicais, geralmente, acontecem em espaços menores na Rocinha. Atualmente algumas lajes têm sido alugadas para a realização de festas de determinado estilo musical; por exemplo, festas de música eletrônica, baile charme (*charm dance*), dentre outros.

Provavelmente a Festa da Academia R1 consegue se manter, pois é um evento que já tem um grande público (clientes desta e de outras academias de ginástica do Rio de Janeiro, além de seus funcionários); também, por ser uma festa bastante divulgada, e por isso consegue atrair grande número de pessoas “de fora” da Rocinha. Nessa festa, costuma acontecer show ao vivo de pagode e os DJs convidados tocam diversos estilos musicais: música eletrônica, hip hop, música pop nacional e internacional, além de funk.

Outro aspecto que chamou minha atenção na fala do entrevistado foram as suas colocações em relação à perseguição ao funk. Ao longo da nossa conversa ele afirma que muitas pessoas o aconselharam a não continuar com os bailes funk, pois é uma atividade que envolve muitas tensões e conflitos a serem administrados. Segundo ele, quando começou o baile funk na casa de show, esse estilo musical era mais criminalizado do que é hoje. Mas afirma que ainda existe muito preconceito em relação ao funk. Chega a citar que a capoeira e o samba também passaram por este processo e que o quadro se alterou ao longo do tempo. No caso do funk, para ele, acontecerá a mesma coisa; porém, ele acredita que tal mudança ainda levará muito tempo.

Para expor a questão sobre a perseguição ao funk o entrevistado fez o seguinte comentário:

Entrevistado: Qualquer problema que tenha aqui na redondeza domingo saiu do baile funk, entendeu. Estourou um estalinho lá na Lagoa, saiu do baile funk. (...). Eu acho isso criminoso, sabe. Porque são várias gerações criadas, que adoram baile funk e não são bandidos, não são traficantes, né. Eu namorava uma menina de São Paulo, eu era garoto, um pouco antes do meu pai falecer (...) quando ela soube que o meu pai era dono de um baile funk no Rio de Janeiro, ela não sabia que era na Rocinha, (...) e aí veio com uma galera de São Paulo passar o final de semana prolongado aqui. Aí chegou aqui, eu peguei todo mundo e trouxe. Os paulistas ficaram

feminino e masculino. Logo após a entrada, chega-se ao início do amplo salão principal e ao fundo dele vê-se o palco para shows. À direita do palco estão os banheiros femininos, e à esquerda, os masculinos. Do lado direito, próximo ao banheiro feminino, encontra-se o bar e o caixa de bebidas. Em dias de baile funk, a equipe de som é montada em frente ao palco e no chão, pois o número de caixas acústicas e o tamanho delas não permite a montagem em cima do palco. A saída do público é feita pelos grandes portões, localizados ao lado da entrada. O espaço reservado também compõe o espaço da casa de show. Fica próximo à entrada principal e para se chegar a ele é preciso descer alguns degraus. Nele há um palco, dois banheiros (feminino e masculino), um bar e uma pista de dança pequena, além de cadeiras e mesas para o público.

enlouquecidos, o baile funk lotado. Pô, eles são mais racistas que a gente, logicamente, paulista uma burguesia do caramba. Quando viu aqui, aquele montão de negão, aqui dançando, sem se incomodar com você, você aqui toda bonitinha e ninguém vai te assediar assim daquela maneira, que “nego” acha que – “pô, o cara vai pegar, vai estuprar a mulher”. Aquela coisa, que “nego” falava que a mulher tinha engravidado no trezinho do baile funk. Então eles tinham essa imagem do baile funk. Quando viram aquela “porrada” de negão, todo mundo “com licença”, na hora de chegar no bar e pedir licença a ela, para pegar uma cerveja; ela dizia — “cara, que loucura isso, como é que você consegue administrar isto?” — Cara, isso aqui é normal.

Assim, em discussão anterior, foram comentados como os estigmas e estereótipos criados a respeito das favelas recaem sobre os seus moradores, eles atingem até os seus momentos de diversão. No entanto, a criminalização do funk tem relação com o seu histórico de surgimento e disseminação nos territórios das favelas. Os estigmas associados à violência, criminalidade, preconceito racial, comportamento promíscuo, desvalorização cultural e pobreza, são usados de forma indiscriminada para rotular de forma degradante e criminalizada as *juventudes* (NOVAES, 1997) nas favelas através da categoria *funkeiro*. Isto promove principalmente a essencialização e a homogeneização deste grupo social diverso⁵⁶.

Contudo, tais jovens desenvolvem relações e práticas sociais que podem ser influenciadas por múltiplas referências culturais, apesar de reconhecer a existência de empecilhos sociais e financeiros para a ampliação do leque de oportunidades sociais ligada à escolarização e ao compartilhamento de espaços sociais e culturais diversos.

Sobre a divulgação das atividades da casa de show, o entrevistado aponta que a melhor propaganda acontece no sistema “boca a boca”. Os custos para investimento em propaganda no rádio são muito altos; as faixas e o carro de som são utilizados praticamente somente na Rocinha. Além disso, a casa de show é muito conhecida pelo seu próprio histórico de atividades de lazer e pelo fato de a Rocinha ser uma favela muito divulgada na mídia. Para bailes e festas na casa de show às vezes são distribuídas filipetas de divulgação.

⁵⁶ No capítulo primeiro apresentei algumas reflexões a respeito da diferenciação das atividades relacionadas ao funk, dependendo do espaço social onde elas aconteçam. Atualmente, o funk também é consumido e comercializado em espaços de entretenimento voltados para um público com alto poder aquisitivo, onde os estereótipos sobre o funk tomam outros contornos.



Figura 4: Filipeta de divulgação do baile funk do Clube Emoções da Rocinha. FONTE: Acervo da pesquisa (2012)

Para finalizar a entrevista, o atual proprietário comenta que é comum equipes de emissora de televisão, tanto internacionais como nacionais, virem até a casa de show para fazer reportagens e filmar ou mesmo fotografar o baile funk do Emoções. Ele diz que sempre autorizou as gravações e que recentemente havia recebido uma equipe sueca e outra nacional. Outra afirmação que ele fez com bastante ênfase é a de que a presença de “gringos” no baile aconteceu de forma natural, pois ele não tem nenhum tipo de contrato com nenhuma agência de turismo.

Nesta parte do trabalho, portanto, tentei fazer um breve histórico e também a descrição de algumas fases do Clube Emoções da Rocinha. Com base nas colocações feitas pelo proprietário do estabelecimento⁵⁷ foi possível ter algumas impressões preliminares sobre a dinâmica de constituição desse espaço como um local tradicional de lazer na Rocinha.

Portanto, foi possível perceber como a dinâmica da casa de show e o seu histórico estão marcados pela conjuntura da Rocinha, com todas as suas contradições, conflitos, e múltiplos aspectos sociais e culturais. De modo geral, o reconhecimento do estabelecimento por parte dos moradores da Rocinha, especialmente aqueles a quem eu entrevistei e com quem conversei para a

⁵⁷ As informações aqui apresentadas foram fruto de uma entrevista com o atual proprietário do Emoções e o relato do histórico desta casa de show contabilizou mais de três horas de conversa gravada. Porém, ressalto que destaquei as informações que considerei mais interessantes para compor meu trabalho. Além disso, o próprio entrevistado teve liberdade para falar, pois as perguntas realizadas por mim foram abertas e de âmbito geral. Busquei levantar referências históricas sobre as fases desta casa de show relacionadas às suas atividades de lazer. Entrevistas com outras pessoas, por exemplo, frequentadores ou funcionários antigos, poderiam enriquecer e levantar outros aspectos e visões sobre este espaço e a relação dele com a Rocinha. No entanto, não tive condições de fazer este trabalho por uma questão de tempo e foco no que tange às questões de pesquisa desta dissertação.

realização deste trabalho, se dá pela capacidade de ele oferecer mais uma opção de lazer para essas pessoas, que lhe confere um diferencial de organização em relação a outras atividades presentes na Rocinha.

Por exemplo, existem diferenças estruturais e organizacionais de um baile funk ou de um show de forró realizado na rua. Uma das características que praticamente todos os entrevistados salientaram sobre a organização das atividades na casa de show foi o fato da total ausência de pessoas armadas nesse local. Este aspecto contribuiria para atrair o público para os eventos⁵⁸.

Porém, isto não quer dizer que os moradores não formulem críticas sobre o espaço investigado, como constatamos em outros momentos deste trabalho. Alguns jovens frequentadores entrevistados reclamam da “mesmice” das atividades oferecidas pela casa de show. Por outro lado, também, esses mesmos jovens entrevistados apontam o baile funk do Emoções como uma das suas principais atividades de lazer.

O proprietário atual do espaço, no entanto, também falou das dificuldades existentes para conciliar os custos, criar novas opções de atividades ligadas a outros estilos musicais e garantir sua manutenção ao longo do tempo. Uma das barreiras apontadas refere-se à limitação financeira de boa parte do público frequentador, tanto o da Rocinha quanto o de outros locais da cidade, cujo perfil socioeconômico é similar.

No entanto, o repasse de custos feito pelo aumento do valor do ingresso e dos produtos vendidos dentro da casa de show, principalmente as bebidas, pode não ser a melhor estratégia para manter os frequentadores da casa. Ao longo do mês, os recursos financeiros vão se esvaindo e o lazer não costuma estar no topo da prioridade das necessidades pessoais, comparando-se com outras despesas (alimentação, moradia, transporte, saúde).

⁵⁸ Apesar de os moradores de favelas compartilharem o mesmo território de moradia com uma minoria de integrantes de grupos armados presente no local, existe certa tensão em relação a esta convivência tão próxima e contígua, como afirma Silva (2008). Vários pesquisadores, que desenvolveram estudos sobre a dinâmica das relações sociais nas favelas cariocas, apontam ambiguidades sociais nesses contextos, pois seus moradores, apesar de conviverem com a violência armada, não naturalizam ou banalizam este fato, bem como consideram que esta realidade não pode ser compreendida como convivência em tal situação social. Portanto, o receio e a tensão que surge durante, por exemplo, um baile realizado na rua tem a ver, sobretudo, com a imprevisibilidade de uma operação policial ou a “invasão” de facções rivais, o que poderia atingir de maneira grave, pondo em risco a vida de várias pessoas, acidentalmente, e de forma indiscriminada.

No caso dos jovens frequentadores que ainda não trabalham ou estão desempregados, os recursos financeiros são escassos e, portanto, o valor do ingresso do baile funk é estipulado de maneira que atenda satisfatoriamente a essa demanda. Não são raras as promoções para as mulheres (entrada gratuita ou com desconto até determinado horário) e as maiores variações relativas aos valores dos ingressos ocorrem de acordo com as atrações convidadas para se apresentar no baile ou na casa de show.

Do ponto de vista dos seus referenciais culturais, mais do que as preocupações relacionadas ao oferecimento de atividades diversificadas de lazer, buscando atender ao público heterogêneo da Rocinha, para analisar a dinâmica do lazer local, deve-se levar em conta: [1] as questões do mercado de entretenimento; [2] as condições estruturais dos espaços destinados ao lazer e às dinâmicas sociais, econômicas e culturais internas da Rocinha. A partir disso, chega-se à conclusão de que a dimensão do lazer é muito complexa e também está permeada pelas ambiguidades, conflitos e desigualdades presentes em toda a sociedade. Contudo, dentro da proposta deste trabalho e das observações feitas acima, saliento que há possibilidade de desenvolvimento de formas distintas de organização de múltiplas atividades e práticas de lazer que de várias maneiras lidam com as questões do contexto social da Rocinha.

Para falar de práticas de lazer ou atividades de lazer, eventos culturais, festas de rua, forrós e bailes funk, durante esta pesquisa foi necessário considerar que existem vários tipos e formas de organização dessas atividades dentro do território da Rocinha. O público local e externo consome toda essa gama de variações a partir de seus interesses próprios. Outra questão indagada, a partir da análise das relações sociais engendradas nas atividades de lazer da casa de show deste estudo, foi a de examinar até que ponto estes momentos de diversão se configuraram em possibilidades de compartilhamento de práticas sociais entre pessoas, moradores ou não de favela, ainda que isto aconteça de maneira efêmera.

A pesquisa vem indagar de que modo acontecem o encontro e a interação durante os momentos de diversão nesse espaço?

É importante perguntar se a experiência através do lazer, engendrada em um espaço privado (na casa de show), cuja dinâmica social é própria, poderá contribuir para a construção de uma nova perspectiva, ou seja, sobre quais práticas sociais podem ser desenvolvidas nas favelas, sobretudo para aqueles que são “de fora”, e

que pertencem a distintas classes sociais. Esta experiência talvez ofereça recursos e elementos para a construção de um contraponto em relação à visão do senso comum, que caracteriza as dinâmicas sociais das favelas a partir de estigmas e estereótipos. Segundo Ruben Kaztman:

*La lentitud con que se va procesando el decaimiento de los espacios pluriclasistas de sociabilidad informal en las ciudades hace que sus consecuencias sobre la integración social pasen muchas veces inadvertidas para las mayorías ciudadanas. Por ende, sus efectos son usualmente subestimados como factor de integración, como fuentes de renovación de las reservas de altruismo, solidaridad y de actitudes de aversión a la desigualdad*⁵⁹ (KAZTMAN, 2001, p.21).

Este argumento nos leva a refletir sobre a dupla questão da proximidade física e da distância social nas grandes cidades e metrópoles. É preciso considerar a desigualdade e as formas variadas de viver, desenvolvidas nos diversos territórios que compõem a cidade. As diferenças sociais e os conflitos presentes em nossa sociedade devem ser alguns dos pontos de partida para se pensar de que maneira e em quais espaços sociais acontecem ou podem acontecer interações entre pessoas de classe e pertencimentos sociais distintos.

Por outro lado, dentro do campo das relações sociais, as ambiguidades estão muito presentes e, o que seria considerado um contraponto, pode de certa forma criar *reforço* da distância social, a partir da distinção, onde são acionados dispositivos de identificação dos indivíduos baseadas em marcas sociais. Tais marcas caracterizam quem é “de dentro” e quem é “de fora”, gerando uma experimentação social, onde a *presença física* em determinado espaço social em comum ou no compartilhamento de determinadas práticas, nem sempre criam formas de se estabelecer contato e interação direta com os indivíduos considerados “diferentes”.

⁵⁹ « A lentidão com que se vai processando a decadência dos espaços pluriclassistas de socialização informal nas cidades faz com que o seu impacto na integração social, muitas vezes, passe despercebido pela maioria dos cidadãos. Portanto, seus efeitos são usualmente subestimados como fator de integração, como fonte de renovação das reservas de altruísmo, solidariedade e atitudes de aversão às desigualdades. » (Tradução de Josefina Neves MELLO)

4 OS “DE FORA” E OS “DE DENTRO”: IDENTIFICAÇÃO SOCIAL EM ESPAÇOS COMPARTILHADOS DE LAZER

São bem variados, na Rocinha, as práticas de lazer e os espaços destinados para esse fim. Tais práticas podem estar associadas a espaços públicos (praças, praia, rua, quadras poliesportivas e equipamentos sociais do governo, como, por exemplo, o Complexo Esportivo da Rocinha) e espaços privados (casas de show, restaurantes, pizzarias, bares, *lan house*, lajes familiares ou alugadas para festas, etc.). Alguns desses espaços privados podem ser utilizados para fins de diversão pública como acontecia, principalmente, com as garagens de ônibus antes de elas serem desativadas. Outra possibilidade é a de utilizar espaços públicos ou privados de diversão que se encontram nos bairros próximos à Rocinha, que tanto podem demandar custos quanto podem ser atividades gratuitas.

Nas entrevistas realizadas com os jovens moradores, eles listaram várias possibilidades de práticas de lazer que fazem parte do seu cotidiano, e que aqui estão registradas no capítulo segundo. No entanto, existem variações significativas em relação à frequência associada a cada atividade de lazer, porque estão atreladas principalmente aos recursos financeiros, à faixa etária e à preferência por determinados estilos musicais.

Nesta parte do trabalho centro foco em algumas questões que emergiram ao longo do trabalho de campo, da observação participante na casa de show e, sobretudo, as que foram ressaltadas nos relatos dos jovens frequentadores entrevistados, a respeito de suas impressões sobre a dinâmica social da Rocinha partindo de suas práticas e atividades de lazer.

Várias questões sociais que permeiam a dimensão do lazer foram levantadas no decorrer da pesquisa, dentre as quais: [a] os processos de classificação e identificação social; [b] a construção de percepções sobre distinção social atrelada à condição de classe (capital econômico) e estilos de vida; [c] a circulação dos indivíduos pelo território da Rocinha, considerando movimentações pelas fronteiras territoriais, sociais e simbólicas; [d] a possibilidade de estabelecimento de contatos sociais diversificados; [e] a apreensão da diversidade (heterogeneidade) cultural e social a partir das opções de lazer; [f] a circulação por espaços de lazer em outros pontos da cidade; [g] as críticas e as avaliações do contexto social a partir das demandas sociais ligadas à dimensão do lazer; [h] as experiências sociais vividas

nas práticas de lazer, através das quais podem se manifestar os efeitos sociais dos estigmas e estereótipos que recaem sobre os moradores das favelas; e [i] as impressões sobre a segregação socioespacial e a desigualdade no contexto da cidade.

Em função das delimitações deste trabalho não será possível analisar de maneira aprofundada todas as questões apresentadas. Apesar de elas estarem interligadas, aqui vou apenas me deter em reflexões sobre alguns destes itens de forma integrada, aprofundando certas questões, enquanto outras serão mencionadas como exemplos e complementações das análises enfatizadas. Mesmo assim, admito que a complexidade dos problemas levantados ultrapassa as proposições desta análise e, portanto, pode ser considerada uma possibilidade para o desenvolvimento de estudos posteriores.

Inicialmente, entre os jovens moradores que foram entrevistados, além daqueles com os quais estabeleci conversas informais, busquei obter informações de como e o que faziam para se divertir. Quando estes se referiam à casa de show “Emoções da Rocinha”, eu perguntava o que os atraía nesse espaço, visto que ele era citado como umas das principais opções para a maioria dos jovens.

Pesquisadora: E o Emoções, o que tem nele que te atrai?

Roberta: Muita coisa. Diversão, o pessoal que vai cantar lá, as minhas amigas também que vão comigo quando a gente pode. (Roberta, 13 anos, estudante)

Pesquisadora: E o Emoções, o que você acha do Emoções, o que te atrai lá no Emoções para você ir?

Leonardo: Pô, o que me atrai? O que me atrai é tipo uma atração, dependendo da atração. Mas às vezes, eu nem ligo muito para a atração, o que me atrai mesmo, é ir só para curtir mesmo. Às vezes a gente compra uma garrafa de whisky, quando a gente tá com dinheiro, geral sabe como? Marca, a gente vai, fica num lugar só lá no baile, e geral fica “tranquilão” zoando a noite toda. (...)

Pesquisadora: As mulheres do Emoções, você acha elas bonitas? O que você acha desse baile, é bom?

Leonardo: Pô, cara, o baile é maneiro. Tocam umas músicas boas, umas músicas maneiras, toca tipo, várias músicas. Toca às vezes hip hop, aí às vezes toca um pagode, toca forró, toca funk. (Leonardo, 20 anos aprox., desempregado)

Pesquisadora: Mas tem outras coisas que acontece no Emoções e que você vai?

Juliana: Tem outros eventos? Têm.

Pesquisadora: Em quais que você costuma ir?

Juliana: Quando tem a Festa da Academia, sempre tem. Eu costumo ir. Este é um evento muito bom. Acho que é um dos melhores, né.

Pesquisadora: Por que você acha que é um dos melhores?

Juliana: Porque vem gente de tudo quanto é lugar. Gente diferente que a gente vê e também toca de tudo, é bom assim que toca de tudo. (Juliana, 33 anos, empregada doméstica)

Pesquisadora: Na festa da R1 vocês vão?

Claudio: Eu ia a todas, depois que eu arrumei mulher não vou em nenhuma mais.

Pesquisadora: Agora, por que esta festa enche tanto?

Claudio: É porque é boa.

Pesquisadora: Qual é a diferença desta festa da R1 para o baile (funk) normal?

Ana: Vai muita gente, tipo assim, vai muita gente muito bem arrumada, porque eu não vejo ninguém indo como se fosse um baile normal. O cenário é melhor, a organização é melhor.

Claudio: Não é nem questão que enche. É porque a festa já é tipo uma discoteca, mas que rola tudo. Lá quando você entra a primeira coisa que você vai bater de frente, assim, você vai ver aquelas luzes, coisa que não tem no baile, globo, vê tudo. É um “bagulho” totalmente diferente cara, parece até que nem tá no morro, sinceridade. E o som rola de tudo, só não rola forró, claro. Funk, pagode, hip hop, bastante música eletrônica, porque a R1 é a festa de academia, então o povo gosta mais disso, a preferência é isso.

Pesquisadora: E esse povo é da Rocinha?

Claudio: Não vou nem falar a maioria, porque quando tem festa R1 vem muita gente de fora.

Ana: Vem muita gente de fora mesmo, porque a festa da R1 é anunciada na internet também.

Claudio: Na internet, na rádio. (Ana, 17 anos e Claudio, 23 anos, pintor, casados)

Nos trechos acima foram colocados alguns elementos que tornam a casa de show um local atrativo para estes jovens. O encontro com os amigos, escutar música, ver atrações musicais, dançar, conversar, beber, ficar “tranquilão” (no sentido de ser divertir sem grandes preocupações) são práticas sociais que podem ser consideradas como as mais comuns na maioria das situações de lazer, sendo compartilhadas pelas pessoas em qualquer espaço de lazer na Rocinha ou em outro lugar.

Mas na casa de show, assim como foi apontado no seu histórico, existe a tentativa de oferecer atividades de lazer com estilo e organização diferenciados. Algumas atividades com periodicidade específica se destacam mais do que as que são oferecidas de maneira regular e constante, como por exemplo, o baile funk.

A Festa da Academia é uma destas atividades diferenciadas, reconhecida pela maioria dos entrevistados. Seus organizadores investem em uma estrutura de festa disco (com globo, luzes, palco, atrações) que não é a mesma de um baile funk “normal”. Segundo um dos entrevistados, isto promove um ambiente diferente, no estilo de uma discoteca, que geraria até a sensação de “não estar no morro”.

Além disso, de maneira geral, os entrevistados comentam que tanto no baile funk como na Festa da Academia tocam vários tipos de música e este fato é colocado como uma característica positiva. Portanto, pode-se argumentar que, mesmo em um baile funk ou outras festas na casa de show, existe a possibilidade de escutar outros estilos de música e não somente o funk.

Analiso esta questão pela perspectiva de que as concepções do senso comum sobre o *típico* baile funk⁶⁰ é uma construção essencializada, na medida em que os bailes funk podem ter vários formatos organizacionais como demonstrado neste caso da Rocinha. E, de certa forma, o estilo funk é também heterogêneo, pois são vários subgêneros (funk de raiz, funk melody, funk sensual, etc.), e no baile há espaço para outros estilos musicais⁶¹. Dessa forma, mesmo que o funk predomine nos bailes, a categoria *funkeiro* também deve ser relativizada na medida em que estes apreciam outros tipos de música e frequentam outros espaços de lazer.

A Festa da Academia, por suas características de ornamentação do ambiente e atrações musicais, não é considerada um baile funk comum do Emoções. Geralmente, os grupos de pagode que se apresentam ao vivo, durante a festa, tocam bastante música eletrônica, além de outros estilos, como forró, hip hop, música pop internacional e o próprio funk.

Além dos bailes funk do Emoções, essa festa também atrai muita gente “de fora” na opinião dos entrevistados. Portanto, neste espaço e por meio destas atividades ocorre o encontro entre frequentadores “de dentro” da Rocinha e os “de fora”. A possibilidade de ver “gente diferente” é registrada como uma das características que a casa de show promove. Porém, ao longo das entrevistas com os moradores, as minhas indagações continuam, pois não sei até que ponto isto pode ser considerado algo “positivo” para essas pessoas, no sentido de gerar o contato social direto com os “de fora”, por exemplo, através do estabelecimento de

⁶⁰ Na visão do senso comum, muitas vezes baseada nas informações veiculadas pela mídia, os bailes funk nas favelas são organizados unicamente pelos integrantes do tráfico de drogas. O funk é o único estilo musical de referência. As músicas geralmente fazem apologia às facções ou ao sexo. As ruas são os espaços privilegiados desta atividade. Os moradores locais são os seus únicos frequentadores e o consumo de entorpecentes é o maior interesse do público nestes bailes.

⁶¹ Quanto aos estilos musicais, sabe-se que a indústria cultural através da cultura de massa exerce influência sobre a difusão e as possibilidades de escolha em relação aos produtos culturais relacionados ao mercado da música. Geralmente são criados e divulgados os cantores da moda. Tais influências penetram as atividades de entretenimento em geral, independente da condição socioeconômica ou da classe social. Porém, nos contextos populares, verifica-se que a cultura de massa pode exercer influências mais expressivas em comparação a outros meios sociais que, por motivos diversos, que não podem ser discutidos aqui.

novas relações de amizade. Ou, por outro lado, se seria considerado algo “positivo” para a casa de show, enquanto espaço de lazer reconhecido como uma opção interessante para quem é “de fora” da Rocinha. No entanto, praticamente todos os entrevistados e as pessoas com quem conversei informalmente comentaram a presença dos “de fora”.

Durante a construção das reflexões para este trabalho identifiquei algumas ambiguidades. Uma delas é a de que o funk não é o único estilo musical presente na Rocinha, mas é o estilo preferido da maioria dos jovens entrevistados ou daqueles com quem conversei. As atividades mais frequentadas por eles são os bailes funk, onde “toca de tudo” (outros estilos musicais) e isto é considerado interessante, pois todos afirmaram que gostam de outros estilos. Ao mesmo tempo, alguns criticam as atividades da casa de show pela “mesmice”, principalmente quando avaliam os bailes funk. No entanto, ao entrevistar o atual proprietário da casa de show, ele relatou uma série de dificuldades para investir e manter atividades referentes a outros estilos musicais, geralmente alegando a falta de público.

Portanto, tais ambiguidades me levam a pensar que o funk, por ser o estilo preferido por boa parte dos jovens moradores da Rocinha, é mais lucrativo para quem realiza tais atividades. A sua (re)produção se adapta a várias formas de organização estrutural e incorpora variações musicais do funk e de outros estilos musicais e, conseqüentemente, essa atividade passa a ser mais difundida. Outra questão importante a ser observada nas análises sobre as práticas de lazer e suas atividades é que elas não podem ser reduzidas a uma associação com aspectos relacionados unicamente aos estilos musicais⁶².

Quanto à presença de pessoas “de fora” na Rocinha, podem ser sugeridas algumas hipóteses de âmbito geral, que foram apresentadas no capítulo segundo. A Rocinha é popularmente conhecida como a maior favela urbanizada da América Latina⁶³. Ela também é considerada uma favela “aberta”, por onde circulam muitas

⁶² Como chamei atenção no segundo capítulo deste trabalho, as práticas de lazer possuem grande diversidade de práticas e atividades com relação ao período do dia (diurno ou noturno), espaços públicos ou privados, faixa etária, projetos sociais (especialmente na área de esportes e atividades culturais em geral), consumo de “cultura”, tais como cinema, teatro, show, passeios em shoppings e entretenimentos eletrônicos (internet e jogos de vídeo game), dentre outras modalidades.

⁶³ Dados mais recentes dão conta de que o Condomínio Sol Nascente, Ceilândia, em Brasília, a apenas alguns quilômetros do centro da capital do país, foi considerado pelo IBGE como a maior favela da América Latina, ultrapassando a Rocinha e outras grandes comunidades carentes (Buenos Aires, Argentina e La Paz, Bolívia). As ocupações dos condomínios daquela região aumentaram desde 2010 e, segundo o IBGE, quando somadas não passavam de 60 mil; hoje,

peças de outras localidades para visitar parentes, usufruir serviços, comércio e até mesmo mercado de trabalho, já que essa favela emprega não somente moradores. Os episódios de conflito violento na Rocinha não são constantes, comparados ao contexto de outras favelas da cidade.

Desde 1992, ela recebe a visita de turistas estrangeiros. A mídia também tem papel importante na divulgação da Rocinha de várias formas, bem como as ações do governo ganham repercussão e proporções midiáticas significativas. Por fim, a dinâmica do lazer também é responsável por atrair pessoas “de fora”. Uma afirmação recorrente entre os moradores da Rocinha talvez resuma a ideia que uma boa parte das pessoas tem: “*aqui tem tudo*”. E eu acrescentaria: inclusive várias questões sociais a serem solucionadas.

4.1 Diferenças entre os “de fora” pelo olhar de quem é “de dentro”

Mas afinal de contas, quem são os considerados “de fora”, de onde vêm e como essas pessoas podem ser identificadas pelos “de dentro” da Rocinha?

Esta questão pareceu-me interessante para ser desenvolvida neste trabalho, pois foi bastante mencionada pelos moradores quando relataram as suas experiências de lazer. A partir disso, avaliei que essa interrogação abre um campo de possibilidades para analisar como são realizados os processos de classificação e identificação social, através do “olhar” ou da visualização direta daquele considerado o “outro” para os moradores da Rocinha.

Dou início a essa discussão ratificando o que Erving Goffman aponta sobre a existência de um *idioma do corpo*:

[...] quando indivíduos entram na presença imediata uns dos outros onde não é preciso nenhuma comunicação falada, eles ainda assim, inevitavelmente, iniciam uma espécie de comunicação, pois em todas as situações atribui-se importância a certos assuntos que não estão necessariamente ligados a comunicações verbais particulares. Eles incluem aparência corporal e atos pessoais: vestuário, postura, movimento e posição, volume de som, gestos físicos como acenar ou saudar, decorações faciais e expressão emocional ampla (GOFFMAN, 2010, p.43).

A seguir, apresento alguns relatos que servem como um relativo material de análise do processo de identificação de quem é “de dentro” e de quem é “de fora”, que despertaram meu olhar para tal questão. Os entrevistados foram indagados a

respeito de como faziam para reconhecer as pessoas “de fora”, sobretudo, durante o baile do Emoções ou na Festa da Academia.

Pesquisadora: E na Festa da R1 você já foi?

Luana: Já.

Pesquisadora: O que você achou?

Luana: Ótimo, porque tem muita gente de fora também.

Pesquisadora: Mas me diz uma coisa, como é que você sabe que esse povo é de fora?

Luana: Dá para ver. O modo de se vestir, o modo de agir.

Pesquisadora: Mas como, que modo de vestir é esse, que é diferente?

Luana: Porque, vamos supor, vou te explicar. O povo daqui de dentro gosta muito de coisa coladinha, maquiagem forte e sei lá, os outros não. É mais coisinha básica, um saltinho, e só. Maquiagem de leve e acabou.

Pesquisadora: E as meninas, você acha que tem muita diferença das que vêm de fora?

Luana: Tem, daqui de dentro e de fora tem muita, muita diferença.

Pesquisadora: O que você acha que marca essa “coisa” de quem é de fora?

Luana: As roupas. Elas, aqui dentro, elas não gostam de se vestir muito. Aí tem umas gordinhas, que estão com a barriga pendurada, que “botam” umas roupas grudadas, aí fica feio, né. Eu acho que você tem que colocar uma coisa de acordo com o teu corpo.

Pesquisadora: E os meninos você consegue perceber quem é daqui e quem não é?

Luana: Às vezes, porque tem uns que tem uma carinha meio de “mauricinho”, aí dá para perceber, mas é muito difícil. E eu ando essa Rocinha toda, entendeu, então eu já sei mais ou menos quem é, quem não é daqui de dentro. (Luana, 15 anos, estudante)

Pesquisadora: Como é que é o estilo “playboyzinho” e “patricinha”, assim, eu quero entender como se identifica isso?

Juliana: Ah, umas garotas bem arrumadas, bem descoladas e os caras também.

Pesquisadora: Mas você acha que aqui as meninas não vão bem arrumadas ali para o Emoções?

Juliana: Não, claro que vai! Mas você vê assim pelo jeito, né, pelo comportamento da pessoa, você olha assim, pô. É, mas falam que as aparências enganam, né. É isso aí.

Pesquisadora: Eu queria uma característica assim central, que você olha e você vê que não é daqui.

Juliana: Pelo estilo de dançar, tem hora. É completamente diferente, eles dançam, sei lá, assim, dançam diferente, não sei nem te explicar. Pelo estilo de dançar, dançam diferente das meninas, das pessoas daqui, assim, o jeito das garotas, pô, é diferente. (Juliana, 33 anos, empregada doméstica)

Pesquisadora: Quais as características que marcam? Por que pode vir de outra favela, mas pode vir de outros bairros.

Leonardo: Ah, quando os “playboys” vêm, eles já vêm como? Os moleques já vêm tudo de garrafa de “Absolut” (bebida) e vodca. Eles já vêm assim. Aí ali a gente já fala: “olha lá os playboys”... e a gente não, a gente já fica na social, a gente “intera” e compra um saco de cerveja bota aqui, cheio de gelo, e deixa lá, e vamos dançar,

sabe como? E os “playboys” não, vodca pura, no gargalo, eles são assim, muito louco. (...)

Pesquisadora: E as meninas, como é que você sabe que as meninas não são daqui da Rocinha?

Leonardo: Ah, as roupinhas delas, como? Tipo o estilo, quando elas vêm, elas vêm de bolsinha, as meninas daqui nunca vão para o baile de bolsinha. Qual mulher do morro que você já viu no baile de bolsinha, fala aí? Dá para notar, cara, tu vê elas de bolsinha, tu fala logo: “cara, essas minas aqui, não é do morro não”. (Leonardo, 20 anos aprox., desempregado)

Pesquisadora: Mas como é que você sabe que ia gente de fora para lá?

Claudio: Pô, a gente que mora na comunidade a gente conhece, cara. Às vezes só em olhar, só em ver a pessoa, a gente já sabe: “Ah! Aquela “mina” ali não é daqui não. Aquele cara não é daqui”.

Pesquisadora: Mas como é que você sabe? Como é que você identifica?

Claudio: Não vou nem falar do perfil, porque no morro a gente não pode falar de perfil, porque tem gente aqui que a gente nunca viu, entendeu, mas o jeito, o jeito de falar da pessoa, conforme ela tá vestida, as companhias, isso aí tudo mostra.

Pesquisadora: o que faz você identificar que um homem, por exemplo, não é aqui do morro, do ponto de vista da roupa, por exemplo?

Claudio: Poxa cara, pelo olhar eu vejo assim, eu identifico mais por ele não estar muito à vontade, entendeu. É sempre assim. Todo mundo é assim, ainda mais quem vem aqui. Para num canto e fica. Pode tá doidão, pode tá careta e fica lá, toda hora tem que olhar para o lado, para o outro, fica meio grilado, não sabe com quem falar. Isso aqui a gente vê isso tudo. Aí eu identifico mole essas paradas.

Pesquisadora: E as meninas?

Claudio: As meninas praticamente da mesma forma também. Fica tudo acuado na deles, tudo acuado. Se for gente de outra favela fica acuado do mesmo jeito, pode até conhecer gente aqui, mas fica acuado, se for gente do asfalto do mesmo jeito. (Claudio, 23 anos, pintor, casado)

Nos relatos apresentados, as descrições destacam principalmente os aspectos da *aparência corporal* e *atos pessoais* (GOFFMAN, 2010), e tais informações são usadas para classificar e identificar os “de fora” da Rocinha.

Dentre tais aspectos, consideram o vestuário, incluindo os acessórios que o compõem, por exemplo, “a bolsinha” ou “o saltinho”; o “jeito” da pessoa quando ela é observada; o jeito de falar ou de dançar; as mercadorias de consumo, tais como as bebidas consideradas mais “caras”, as quais não costumam ser muito populares e acessíveis para a maioria dos jovens locais; e ainda a avaliação do comportamento durante as atividades de diversão, como o fato de aparentar não estar muito à vontade, ficar contido ou “acuado” (nos termos do entrevistado), em determinado espaço de lazer.

Este último aspecto pode interferir no processo de estabelecimento de relações entre as pessoas “de dentro” com as “de fora”, uma vez que há uma

tendência de ambas as partes se reunirem com os grupos de amigos previamente estabelecidos, durante a permanência no espaço de diversão.

Outro elemento ressaltado refere-se ao tipo de “conhecimento” que os moradores locais afirmam usar para identificar os moradores da Rocinha. Eles teriam como base o reconhecimento fisionômico oriundo da circulação pelo território desta favela, desde há muito tempo, e em muitos casos incluindo toda a vida. Ou seja, eles alegam que basta olhar e já dá para ver que a pessoa não é do local!

Pode-se dizer que os moradores locais admitem ter ‘propriedade’ para fazer tais afirmações na medida em que acreditam que as suas experiências de vida nesse território os habilitam para isso, pois compartilham sua dinâmica social de maneira intensa. No processo de reconhecimento dos “de dentro”, a “margem de erro” de suas colocações e impressões seria reduzida. Porém, alguns fazem ressalvas de que por vezes “as aparências enganam” e que o número de habitantes na Rocinha é muito grande para alguém dar conta de conhecer todos.

Ao longo de várias experiências da observação participante, principalmente nos bailes funk para adultos no Emoções da Rocinha, busquei desenvolver um “olhar socioantropológico” direcionado aos frequentadores do espaço. Com raras exceções, em todos os bailes funk em que estive presente fui acompanhada de algumas amigas ou amigos moradores locais. Ao longo do baile, eu era frequentadora e pesquisadora e, nesse sentido, em alguns momentos indagava a minhas amigas sobre determinadas pessoas no baile, que eu presumia⁶⁴ não serem moradores locais, com a intenção de, apenas, coletar dados para esta pesquisa.

Em relação àqueles identificados como os “de fora”, uma das características mais ressaltadas ao longo do baile era como as mulheres estavam vestidas. Aquelas que mais aparentavam não ser moradoras da Rocinha geralmente portavam bolsas

⁶⁴ Cabe ressaltar que a minha condição de pesquisadora social deve ser contextualizada com o objetivo de expor o lugar de onde eu falo. Como moradora local compartilho de algumas concepções de mundo relacionadas à minha experiência pessoal tanto na Rocinha como em outros espaços sociais e territórios pela cidade, que faz parte dos processos sociais de construção da minha subjetividade. Porém, não parti do pressuposto de realizar uma pesquisa para comprovar as minhas hipóteses previamente formuladas, mas busquei relativizar os meus conhecimentos prévios sobre a realidade estudada e refletir criticamente sobre ela, sem trabalhar com a perspectiva da neutralidade. Neste sentido, ao longo da pesquisa eu também observava as pessoas que me levavam a supor que elas seriam “de fora” da Rocinha. Vali-me dos métodos e técnicas da pesquisa social para tratar de maneira mais “objetiva possível” as questões desta pesquisa. No entanto, é necessário reconhecer que ao longo da formulação de um trabalho científico, especialmente no campo das Ciências Sociais, o jogo de relações está presente, pois influenciados e somos influenciados pelas questões estudadas. Está é uma das características dos estudos das questões sociais, que não são menos científicos do que qualquer outro estudo.

pequenas ou medianas, e até mochilas. Além disso, algumas dançavam de forma “desengonçada”, sendo motivos de risos para as minhas amigas ao observá-las.

O acessório da “bolsinha” usada pelas mulheres “de fora” foi muito citado como uma marca social na composição do vestuário. Um dos entrevistados declarou: “as meninas daqui nunca vão para o baile de bolsinha. Qual mulher do morro que você já viu no baile de bolsinha, fala aí?”. Ou seja, o fato de morar na Rocinha já dispensaria a bolsa como acessório, pois o clube Emoções está no mesmo território da moradia e em relação a qualquer subárea da favela, ele não está localizado distante. Portanto, nada justificaria levar uma bolsinha se as mulheres “de dentro” estão tão perto de casa. Observei pouquíssimos objetos em posse das pessoas com as quais fui aos bailes. Elas levavam apenas algum dinheiro no bolso da roupa, ou colocado dentro do vestido de forma improvisada. Os documentos pessoais não costumam ser levados ao baile ou a qualquer outro espaço de lazer dentro da Rocinha.

O relato que apresento agora se refere a uma das minhas observações em campo no baile funk e tem como objetivo ilustrar como acontece o processo de identificação de algumas características de quem é “de fora”.

Estava com uma amiga quando, de repente, por nós passaram dois rapazes negros e altos. Nós duas olhamos e acompanhamos o deslocamento deles até os perdermos de vista. Em seguida, ela olha para mim com a mão na boca, balança a cabeça e diz: “você viu o cabelo deles?”. Eu respondi: “sim, vi, esse cabelo é o ‘Black Power’”, e ela complementou: “estes caras, eu acho que não são daqui”. Interpretei o tom dessas declarações como uma reação de “estranhamento” por parte de minha amiga ao estilo de cabelo dos rapazes, pois as referências dos estilos de penteados mais comuns entre os jovens negros da Rocinha são diferentes. Raramente se encontra morador do sexo masculino usando penteados conhecidos como “afro” (corte de cabelo africano), pois ali predomina o corte de cabelo à máquina, quase careca⁶⁵.

⁶⁵ Não posso afirmar que este seja o único sentido possível de tais declarações, feitas em questão, pois os discursos, além de serem construídos situacionalmente, também estão imersos nos processos de construção de identidade social permeados por vários elementos culturais e sociais. Por exemplo, a manifestação de algumas marcas associadas à identidade racial da população negra no Brasil foi submetida ao processo de dominação da população branca, resultando na depreciação das marcas culturais da cultura negra, o que contribuiu para a construção social do preconceito racial.

Neste mesmo baile, duas moças brancas, de uns 25 anos aproximadamente, dançavam próximo de onde estávamos. Mais uma vez fui chamada à atenção pela minha amiga que comentou: “olha aí, essas meninas como estão dançando. São cheias de tatuagens grandes pelo corpo”. Eu então perguntei: “você acha que elas são daqui?”, e ela respondeu: “você tá vendo que não é, né”. Segundo Goffman, a mensagem, passada por esses *sinais expressivos incorporados*, pode emitir um tipo de discurso:

Além disso, apesar de esses sinais parecerem pouco aptos para mensagens discursivas extensas, em contraste com a fala, eles parecem ser bem projetados para transmitir informações sobre os atributos sociais do ator e sua concepção de si mesmo, dos outros presentes, e do ambiente. Estes sinais, então, formam a base da interação desfocada, ainda que eles também possam ter um papel no tipo focado (GOFFMAN, 2010, p.44).

A princípio, para formular estas reflexões considerei o conceito de *interação desfocada* que, para Goffman (2010), é o primeiro passo para se conseguir informações momentâneas sobre outra pessoa, utilizando um tipo de comunicação baseada no olhar “de relance” direcionado a alguém que se encontra no campo de visão e em *copresença*⁶⁶.

Analiso que o processo de identificação social realizado pelos frequentadores do Clube Emoções (moradores da Rocinha) sobre quem são as pessoas “de fora” ressalta as marcas sociais de distinção social, principalmente associadas ao capital econômico e estilo de vida, expressos pela aparência corporal e atos pessoais. O território de moradia seria uma informação secundária neste caso, pois estas pessoas primeiramente seriam avaliadas por características que as identificassem socialmente como pertencentes às classes economicamente abastadas.

Assim, os atributos sociais que estão expostos e caracterizam os “de fora” são identificados visualmente pela observação do comportamento. A informação sobre o local de moradia não está exposta de maneira visível. No entanto, a linguagem do corpo comunica marcas sociais que transmitem informações sobre a pessoa e elas podem contribuir para a especulação de outros tipos de informação, a partir da associação dos atributos sociais de classe aos territórios onde elas habitam na cidade. Por exemplo, de maneira geral, supõe-se que os “playboys/mauricinhos” e as “patricinhas/mirianzinhas” são moradores, principalmente, dos bairros da zona

⁶⁶ O segundo passo lida com a *interação focada*, o tipo de interação que ocorre quando pessoas se juntam e cooperam abertamente para manter um único foco de atenção, tipicamente se revezando na fala (GOFFMAN, 2010, p.35).

sul ou de alguns bairros da zona oeste da cidade, como a Barra da Tijuca. Portanto, o local de moradia é menos importante para classificar as pessoas “de fora” como “playboys/mauricinhos” ou “patricinha/mirianzinhas”.

As marcas de distinção social que são observadas para identificar estas pessoas prioritariamente estão relacionadas ao estilo do vestuário, ao comportamento em grupo no baile, ao “jeito diferente da pessoa” e ao tipo de consumo.

Segundo Bourdieu (2007), as marcas de distinção social expressam as diferenças do posicionamento das classes na estrutura social, considerando o capital econômico, cultural e o nível de escolarização, que condicionam e constituem os *habitus* de classe, pelos quais se desenvolvem práticas relacionadas aos gostos e estilos de vida distintos socialmente⁶⁷.

A título de exemplo, em um trecho de uma das entrevistas apresentadas foi ressaltado o consumo da vodca pelos “playboys”. Essa bebida tem valor mais alto do que o da cerveja que, de modo geral, é mais acessível para todos. O entrevistado estabelece uma comparação e identifica diferenças relativas ao estilo de diversão, ao “gosto” (através da bebida) e ao capital econômico pelo potencial de consumo entre os “de fora” e os “de dentro”. Ele demonstrou isso ao relatar sobre as estratégias de parceria para complementação financeira entre os amigos para consumirem cervejas no baile, distinto do estilo dos “playboys”, por suas distintas condições financeiras.

Durante esta pesquisa examinei os discursos dos moradores locais e percebi sutilezas vinculadas a este processo de identificação social. Para fazer o reconhecimento dos “de fora”, que frequentam o Emoções, é importante fazer a comparação entre quem é “de fora” e quem é “de dentro”. Ou se pertence à outra classe social e geralmente não moram em favelas, diferentes daqueles que são “de

⁶⁷ Se é verdade que, conforme tentamos comprovar, a classe dominante constitui um espaço relativamente autônomo, cuja estrutura é definida pela distribuição, entre seus membros, das diferentes espécies de capital, de modo que cada fração é caracterizada propriamente falando por certa configuração dessa distribuição à qual corresponde, por intermédio dos *habitus*, certo estilo de vida; se é verdade que a distribuição do capital econômico e a distribuição do capital cultural, entre as frações, apresentam estruturas simétricas e inversas, e que as diferentes estruturas patrimoniais estão, com a trajetória social, no princípio dos *habitus* e das escolhas sistemáticas que ele produz em todos os domínios da prática e cujas escolhas, comumente reconhecidas como estéticas, constituem uma dimensão, deve-se reencontrar essas estruturas no espaço dos estilos de vida, ou seja, nos diferentes sistemas de propriedades em que se exprimem os diferentes sistemas de disposições (BOURDIEU, 2007, p.241).

fora”, mas moram em favelas ou em bairros periféricos da cidade e, desta forma, pertencem à classe popular ou são genericamente reconhecidos como pobres.

O relato a seguir ilustra a questão, na medida em que ocorre aproximação de alguns aspectos sociais entre os jovens moradores da Rocinha e de outras favelas, os quais também são identificados como “de fora”.

Pesquisadora: E no baile de adulto você já conheceu pessoas que vêm de outro lugar que não seja da Rocinha?

Roberta: Não.

Pesquisadora: Mas você acha que pessoas de outros lugares frequentam o Emoções?

Roberta: Frequenta porque tem curiosidade para saber como é que é.

Pesquisadora: E você percebe que tem gente que não é da Rocinha? Você consegue identificar?

Roberta: Dá para perceber pelo ritmo de dançar, pelo jeito de se vestir. A “patricinha” vem de vestido até a ponta do pé, de rasteirinha (sandália de couro sem salto), de calça, aí dá para perceber de longe, pelo estilo da pessoa também.

Pesquisadora: Estilo, mas como assim, Roberta, me explica este estilo que você acha que é diferente?

Roberta: O jeito de se vestir, o jeito de falar também, o jeito de dançar. Muita coisa diferente. “Bota” uma “patricinha” e do lado uma pessoa que mora, por exemplo, aqui na Rocinha, dá para perceber de longe que a pessoa não é daqui.

Pesquisadora: Mas essas tuas amigas que vêm de fora, elas têm diferença? Suas amigas do Vidigal (favela próxima da Rocinha)?

Roberta: Não, por que as minhas amigas do Vidigal, lá também é uma comunidade. Lá também tem baile, tem várias coisas, então é a mesma coisa.

Pesquisadora: Então tá no mesmo estilo? Você acha?

Roberta: É o mesmo estilo, só é uma comunidade diferente, mas também tem as mesmas coisas. (Roberta, 13 anos, estudante)

Nesta conversa, o processo de identificação social ressalta a diferença entre as mulheres “de fora” classificadas como “patricinhas” e as “de fora” que são amigas da entrevistada. Novamente são utilizadas as características corporais ligadas ao vestuário e ao comportamento corporal para estabelecer uma comparação colocando “lado a lado” as “patricinhas” e as moradoras do Vidigal⁶⁸.

Esta entrevistada afirma que o Vidigal, apesar de ser uma *comunidade* diferente, “tem as mesmas coisas” da Rocinha, generalizando os aspectos da dinâmica social presente nas favelas, dentre eles o baile funk. Dessa forma, a

⁶⁸ Favela localizada próximo ao Morro Dois Irmãos, entre os bairros de Leblon e São Conrado, cuja via de acesso é a Avenida Niemeyer.

identificação social dos “de fora” através do local de moradia, especialmente quando se trata de outras favelas ou bairros periféricos, não provocariam um estranhamento acentuado, no que tange a comportamentos, hábitos, estilo de vestir e as marcas sociais de consumo. Isto possivelmente resulta de que essas pessoas compartilham as mesmas características sociais e econômicas com as dos moradores da Rocinha.

Portanto, quando os “de fora” são os “playboys” e as “patricinhas”, a princípio causam maior estranhamento e, portanto, seriam vistos como os “outros”. Já no caso dos “de fora” que moram em locais da cidade cuja composição social e econômica da população não apresentaria diferenças muito significativas em relação aos moradores da Rocinha, o sentido atribuído aos “de fora” está mais vinculado à localização geográfica no desenho da cidade. A condição socioeconômica aproximada seria um dos elementos que reduziria a possibilidade de distinção social de maneira acentuada em relação ao padrão de consumo, estilo de vida e comportamento entre estas pessoas, diminuindo assim a sensação de estranhamento na presença dos “de dentro”.

Em relação ao fato de ter “gringo no baile”⁶⁹, quando estes são identificados como os “de fora”, as marcas sociais envolvem as diferenças físicas, que podem parecer “exóticas” para os moradores da Rocinha. Por exemplo, a tonalidade de pele extremamente branca salienta a diferença, o biotipo físico de traços incomuns, além do comportamento no baile.

Pesquisadora: Isso é recente, ou já tem muito tempo que aparece gringo por aqui?

Vanessa: Pouco tempo. É porque a Rocinha agora em todo canto tem gringo, né. Eles estão em todo canto. Agora eles estão indo até para o baile. É muito engraçado eles vão de “Havaianas”, de short, é muito engraçado eles no baile. Aí tá tocando funk e eles dançando tango. Eu morrendo de rir.

Pesquisadora: E você vê logo que é gringo como?

Vanessa: Ah, você vê logo aquelas pessoas branca, branca, branca. O pessoal que vai para o baile se maquila. Eles não, eles vão todos largados mesmo, vai de “Havaiana”, de short, do jeito que eles estiverem eles vão. Você vê logo, aquelas mulheres com bolsa, você vê logo. (Vanessa, 24 anos, vendedora)

Esta presença no baile é uma situação social que de certa forma pode ser interpretada como um “jogo social de exotismos”, onde um pode ser o exótico do outro, naquele local e momento específicos, quando ambos (“gringos” e moradores

⁶⁹ Parafrazeando o título do livro de Freire-Medeiros (2009) intitulado “Gringo na laje”.

locais) avaliam as suas diferenças de comportamento, os modos de se vestir, de dançar e as características físicas, de forma simultânea.

Os gringos, no entanto, podem ter algo de “exótico” e desengonçado em relação à dança no baile, o que chama bastante atenção e é visto como engraçado. Durante os bailes observei que eles costumam ficar próximo ao bar da casa de show tomando caipirinha ou bem em frente às caixas acústicas da equipe de som. Geralmente estão em grupo de cinco a até 15 pessoas, e ficam juntos dançando ou olhando os outros frequentadores dançarem, especialmente aqueles que fazem os passos de dança arrojados do funk, que na maioria são jovens do sexo masculino e dançam sincronizadamente.

De certa forma, a presença de “gringos” é naturalizada na Rocinha há aproximadamente dez anos (FREIRE-MEDEIROS, 2009). A novidade é que, agora, eles também estão indo à Rocinha em algumas atividades noturnas de lazer, principalmente nos bailes funk. E alguns poucos estrangeiros que se mudaram para a Rocinha há muitos anos, hoje querem ser reconhecidos como moradores do local.

Para enriquecer a discussão sobre esta questão cabe retomar as reflexões apresentadas no capítulo primeiro a respeito da tendência essencializadora verificada na construção de discursos que tentam definir o que é “a favela”. Resumidamente, considera-se que a essencialização da “favela” parte do levantamento de características específicas e comuns, usadas para identificar esse território de forma singular. O processo de classificação e identificação abrange também os moradores das favelas através dos elementos que caracterizariam o comportamento, a índole, a disposição moral, as práticas sociais, incluindo as práticas de lazer, dentre outros.

A crítica ao discurso essencializador indica que a tentativa de caracterizar e identificar esse território e à sua população assume uma perspectiva reducionista, pois tenta homogeneizar as dinâmicas da vida social na favela, desconsiderando sua heterogeneidade, sua pluralidade de contextos sociais, políticos, econômicos e sociais inerentes, considerando-a território tanto real quanto simbólico.

Ao levantar tal discussão à busca de compreender esse processo de identificação dos “de fora” pelos moradores da Rocinha, percebemos também certa tendência essencializadora quando às características levantadas para classificar, principalmente “os playboys” e “as patricinhas”; parece que se orientam por sinais expressivos incorporados, além de avaliações de comportamento e ações pessoais,

que tendem a também classificar os “de fora” de um modo homogeneizante e específico. Por outro lado, certa tendência essencializadora se faz presente inclusive quando se referem aos “de fora” que são moradores de outras favelas, visto que são citados alguns elementos de caracterização que fazem parte da perspectiva homogeneizadora do contexto social das favelas, como o vestuário e o baile funk. Portanto, este processo tem mão dupla. Os moradores de favelas que sofrem com o processo de essencialização também podem essencializar “os outros”.

Por exemplo, no trecho referente à entrevista de Roberta, ela declara que no Vidigal, por se tratar de uma *comunidade*, existem as mesmas coisas que tem na Rocinha, bem como o estilo das pessoas seria o mesmo⁷⁰. Não se pode ignorar que alguns aspectos da dinâmica social do Vidigal realmente devem ser bem próximos dos que se encontram na Rocinha, pelo fato de estarmos falando de duas favelas localizadas na zona sul do Rio de Janeiro. Porém, provavelmente, há elementos que as diferenciam. Além dos aspectos em relação a favelas de outras regiões da cidade, a dinâmica social da Rocinha e do Vidigal podem apresentar características bem distintas.

Por fim, faço uma ressalva sobre a perspectiva essencializadora em relação às definições de classe social usadas para identificar os “de fora”, a partir de características e marcas de distinção social vinculadas às classes economicamente privilegiadas da sociedade. Os efeitos sociais desse tipo de essencialização, que recaem sobre este grupo não são os mesmos em comparação ao grupo dos moradores de favela.

Os atributos sociais incorporados pelas classes economicamente privilegiadas geralmente não trazem uma carga depreciativa de sentido, como se verifica no caso dos atributos sociais dos moradores de favela, o que se configura como estigma⁷¹ e estereótipos que, recaindo sobre as pessoas, reforçam o preconceito.

⁷⁰ A entrevistada declarou ao longo da entrevista que nunca foi ao Vidigal porque a sua mãe não autoriza. Ela provavelmente construiu o seu discurso baseada em informações obtidas com suas amigas que moram no local. No entanto, ela costuma ir à casa de uma prima, que mora no conjunto habitacional Cruzada de São Sebastião, em Ipanema, com as quais vai à praia, ao baile e faz outras atividades em ambos os locais.

⁷¹ Goffman (1982) explica que o termo “estigma” será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas que, na realidade, ele expressa uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. Ou seja, ele é apenas um ponto de diferenciação.

Os atributos sociais da classe dominante são avaliados e valorizados através de relações baseadas no sociocentrismo (SOUZA e SILVA, 2007); desta forma, busca-se estabelecer os padrões culturais dominantes e seus modos de vida como referência para toda a sociedade, submetendo os grupos sociais que apresentem outra maneira de viver. Com isso, os discursos sociais construídos sobre as favelas e seus moradores (ou os moradores de bairros periféricos) são engendrados por relações de uma oposição estabelecida a partir das características sociais dos indivíduos da classe dominante.

Em âmbito mais geral podemos considerar a relação de oposição entre os territórios, identificados como cidade “formal/ ordenada” *versus* cidade “informal/ desordenada”.

Neste sentido, o compartilhamento do baile funk do Emoções, enquanto atividade de lazer por pessoas “de fora” e “de dentro”, promove a indagação a respeito das formas pelas quais podem ocorrer os contatos mistos neste espaço. Em se tratando da análise do espaço onde se dão as relações e os contatos entre os “de dentro” e os “de fora”, é oportuno trazer as palavras de Goffman (1982) sobre sua própria obra:

Este livro, entretanto, ocupa-se especificamente com a questão dos “contatos mistos” – os momentos em que os estigmatizados e os normais estão na mesma “situação social”, ou seja, na presença física imediata um do outro, quer durante uma conversa, quer na mera presença simultânea em uma reunião informal. # A simples previsão de tais contatos pode, é claro, levar os normais e os estigmatizados a esquematizar a vida de forma a evitá-los. Presumivelmente, isso terá maiores consequências para os estigmatizados, à medida que uma esquematização maior de sua parte será sempre necessária [...] (GOFFMAN, 1982, p.22).

A análise sobre os contatos mistos no espaço de lazer do Clube Emoções da Rocinha foi uma parte muito difícil de ser desenvolvida ao longo desta pesquisa; principalmente, porque ela privilegiou o ponto de vista dos jovens moradores da favela da Rocinha. As entrevistas e a observação participante contribuíram para levantar algumas questões preliminares sobre a possibilidade dos contatos mistos entre os “de dentro” e os “de fora”. Porém, para aprofundar mais esta questão seria importante obter informações junto aos frequentadores “de fora” e estabelecer um diálogo entre as duas visões. Este procedimento não foi possível de ser realizado durante a pesquisa para este trabalho.

Contudo, algumas ponderações podem ainda serem feitas neste sentido, reconhecendo que elas oferecem dados preliminares e, portanto, sugerem alguns caminhos reflexivos sobre a questão referida. Tais ressalvas sobre a necessidade de complementações servem como estímulo para o desenvolvimento de estudos posteriores.

Boa parte das pessoas que participaram desta pesquisa afirmou que, na maioria das vezes, costuma frequentar os espaços de diversão na Rocinha com os seus amigos mais próximos. Dentre esses amigos estão os vizinhos, os colegas da escola, as pessoas do ambiente de trabalho, e parentes. Essas pessoas, quase sempre, moram na Rocinha ou em outros bairros/favelas das adjacências, como Rio das Pedras, Muzema e Tijuquinha⁷², localizadas próximas ao Itanhangá e Barra da Tijuca; condomínio Cruzada de São Sebastião localizado em Ipanema; Vidigal; Jacarepaguá; Vila das Canoas (conhecida também como “favelinha de São Conrado”) e Copacabana.

Da mesma forma, os jovens da Rocinha costumam frequentar espaços de lazer nas localidades citadas, estabelecendo um intercâmbio com essas pessoas “de fora”, cujas características os identificam pela proximidade do estilo de vida, do capital cultural e econômico, dentre outras semelhanças e particularidades.

Quanto às redes de relações estabelecidas com os “de fora” identificados genericamente como “playboys” e “patricinhas”, segundo relato dos entrevistados e das conversas informais, estes contatos mistos são momentos raros. No que tange à possibilidade de conhecer pessoas “de fora” pertencentes ao grupo citado, foi colocado por alguns moradores que estas relações podem ocorrer, principalmente através das redes sociais via internet. E por algumas relações de amizade estabelecidas através de outros amigos incomuns. Porém, esse tipo de relação entre os jovens “de dentro” da Rocinha com os jovens “de fora”, identificados como de classes sociais distintas, ao tudo indica, este é um contato reduzido.

Os jovens “de fora” constroem as suas redes de relações de amizade também de acordo com as pessoas que estão mais próximas do seu convívio cotidiano. Tais relações são engendradas nos condomínios residenciais onde moram através das relações de vizinhança, no ambiente escolar, no clube, com a família, e em outros espaços sociais compartilhados, como apontou Almeida (2003) em um estudo

⁷² Essas localidades são reconhecidas como favelas, ou áreas de moradia popular, e em algumas delas a presença de milícias causa conflitos e as estigmatiza ainda mais.

realizado sobre a circulação de jovens da classe média carioca pela *night* na cidade. Existem limitações neste trabalho para mensurar os motivos, as premissas ou os interesses, os quais baseiam as relações de contato e de inibição do contato entre jovens de segmentos sociais distintos nestas “situações sociais” destinadas ao lazer no espaço da casa de show.

Algumas colocações dos entrevistados sugerem possíveis elementos que influenciam o engendramento ou não desses contatos sociais:

Vanessa: Ah... na casa de show! Não dá para você fazer amizade. Como é que você vai fazer amizade?

Pesquisadora: Sei lá, dá um “oi” e tal, às vezes o cara vem falar alguma coisa contigo, mas você não quer nada...

Vanessa: E primeiro que quem é de fora, homem de fora nunca mexe com ninguém aqui dentro, porque fica logo com medo. Nem adianta, não mexe.

Pesquisadora: Você acha?

Vanessa: Não mexe, não mexe, fica morrendo de medo.

Pesquisadora: Mas ele já vem acompanhado?

Vanessa: É, mesmo quando não vem acompanhado, fica com os amigos, mas não mexe, não mexe. Pode ver que não mexe. Já fica logo com medo – “ah, é mulher de não sei quem” – já fica com medo, não mexe, pode reparar. Pode ficar lá no canto olhando o tempo todinho, mas não mexe, não mexe.

Pesquisadora: Mas você acha que é por causa disso?

Vanessa: Tem medo, tem.

Pesquisadora: Mas alguém já te falou isso?

Vanessa: Oh, tem um amigo meu, o “Roberto”, ele mora lá em Copacabana, ele mesmo fala. Ele vai assim às vezes em baile de favela, assim, ele mesmo fala a mulher pode ser linda, ele tá lá, ele fica olhando a noite toda, mas ele não mexe, com medo. Morre de medo.

Pesquisadora: E se ela (a mulher) vier?

Vanessa: Aí fala, cheio de medo, mas fala. Ele mesmo fala. Ele fica morrendo de medo.

Pesquisadora: Mas não sai?

Vanessa: Ele não fica com mulher nenhuma em baile de favela, ele não fica, porque ele tem medo. Sério, ele mesmo fala.

Pesquisadora: Mas ele é de favela também?

Vanessa: Não, ele não é de favela não. Ele mora lá em Copacabana em um apartamento lá.

Pesquisadora: Mas tem medo de quê?

Vanessa: De ser mulher de traficante, ele morre de medo. (Vanessa, 24 anos, vendedora)

Neste caso são acionados estigmas e estereótipos ligados às mulheres moradoras de favela para ancorar uma possível justificativa de inibição de contato e estabelecimento de relações nos espaços de lazer dentro dos territórios das favelas. Estas vinculações ao “mundo do crime” na maioria das vezes são explicadas através de justificativas simplistas e baseadas em preconceitos construídos historicamente. Portanto, a inibição do contato nesta situação estaria pautada no fato de que, entre as mulheres das favelas, é grande a possibilidade de encontrar “mulheres de bandidos”.

Tal argumento pode ser compreendido como um exemplo da *fala do crime* (CALDEIRA, 2000), na medida em que os indivíduos constroem seus discursos através de suas experiências pessoais de violência urbana ou pela enxurrada de informações divulgadas pela mídia a respeito do tema. Os discursos produzidos pela apropriação dos aspectos da violência cotidiana constituem a *fala do crime*, e repercutem na formulação de argumentos, que justificam a criminalização dos segmentos sociais vinculados aos territórios considerados violentos na cidade, bem como da sua população, gerando medo e tratamento preconceituoso em relação a essas pessoas.

Além disso, outros estereótipos podem ser associados à população feminina das favelas, muitas vezes propagados por discursos midiáticos, que são reforçados por atores governamentais, que afirmam que nas favelas, em função do ambiente degradante e da pobreza, o comportamento, principalmente dos jovens, homens ou mulheres, tende a ser desregrado moralmente. Também é rechaçada moralmente a sensualidade da dança do funk.

Por outro lado, tais contatos mistos podem acontecer e não despertar o interesse dos jovens da Rocinha para as atividades realizadas em outros espaços sociais, em função do estranhamento causado pelas fortes diferenças sociais. As atividades de lazer e a forma como são praticadas recebem influência dos elementos que compõem a dinâmica social dos jovens das classes sociais privilegiadas.

Pesquisadora: Você conhece gente assim que é de fora, com essas características assim, que vem aqui para a Rocinha?

Luana: Conheço, tem uma turminha de Copacabana e de São Conrado!

Pesquisadora: Mas eles são de favela?

Luana: Não.

Pesquisadora: E eles vêm para cá, e eles assim, ficam com vocês numa boa, fica todo mundo junto?

Luana: Ficam, eles gostam. Vira e mexe tem “*social*” aqui dentro, aqui entre os meus colegas que eles fazem.

Pesquisadora: *Social*, o que é isso?

Luana: *Social* é tipo uma festa, só que é uma festa mais íntima, bebida, normal, é uma festa, quando não tem festa para ir, eles fazem uma social.

Pesquisadora: E vocês vão às festas deles também?

Luana: Bom, não muito. Por que eles não são de fazer festa. Eles são mais para sair, entendeu, ir na pizzaria... Eu só fui em duas festas deles, eu acho.

Pesquisadora: Onde?

Luana: Uma foi no Leblon e a outra eu não lembro.

Pesquisadora: E aí, o que você achou?

Luana: Meio chata, sabe, porque eles não tocam muito as músicas que a gente gosta. E a gente gosta mais de funk, hip hop. As coisas são diferentes parece.

Pesquisadora: O que tocava?

Luana: Tocava mais rave (música eletrônica), hip hop, esses negócios. Mas eu gosto.

Pesquisadora: Mas quando eles vêm para cá, eles ouvem funk?

Luana: Acho que é por causa dos pais deles, só faz o que os pais deles mandam. Aí os pais deles não gostam. Também a grande maioria é menor de idade.

Pesquisadora: Não tinha bebida e tudo o que tinha aqui?

Luana: Tinha, só não podia beber.

Pesquisadora: Você sentiu alguma diferença assim, das meninas e tal, ou foi tudo um tratamento normal assim com vocês.

Luana: A gente se deu super bem, só que não é a mesma intimidade que eu tenho com as minhas colegas, entendeu. Não é a mesma coisa, é uma dançando perto da outra, uma curtindo junto com a outra, mas a gente podia ir e conversar.

Pesquisadora: Mas quando vocês estão aqui juntas, vocês não marcam, não trocam telefone para sair juntas depois?

Luana: Não. (Luana, 15 anos, estudante)

É importante reconhecer que, além dos estigmas e estereótipos, o estilo de vida e o *habitus* de classe envolvem muitos outros elementos sociais, que interferem no processo de estabelecimento de contatos sociais mistos, na durabilidade dos laços e nas trocas de experiência entre estas pessoas.

Outro dado interessante que poderia ser explorado em um estudo futuro poderia ser o de buscar compreender, a partir de entrevistas com “playboys” e “patricinhas”, o que os atrai à Rocinha.

Poderia ser levantada a hipótese de que a própria experiência de frequentar a favela pode ser considerada um elemento de distinção social entre grupos menores de “playboys” e “patricinhas”, dentro do seu grupo social maior. Talvez, essa atitude abra

uma possibilidade de demonstração de rebeldia, curiosidade em relação à favela e “aos perigos” que ela representa, como uma forma de desafiar os limites sociais, ou simplesmente a de buscar opções de lazer *excitantes* e exóticas para se diferenciar dos demais. Portanto, reconheço que uma pesquisa mais aprofundada nesse sentido seria de interesse para se perceber o ponto de vista do “outro” sobre tais questões.

Um dos entrevistados mencionou um dos aspectos que possivelmente atrairia as pessoas “de fora” a frequentar a Rocinha:

Pesquisadora: Mas me diz uma coisa, eles ficam assim acudados, mas por que eles vêm?

Claudio: Por que eles gostam, né. Todo mundo gosta de uma favela.

Pesquisadora: Mas por que você acha que todo mundo gosta da favela?

Claudio: Sei lá, a favela tem uma coisa especial. Oh! Todo mundo gosta. Por que, quem convive em favela sabe, quem sobe favela sabe, é ator, atriz, jogador, todo mundo. Porque eles têm uma vida aqui, que eles não têm lá fora. Eu acho que eles se sentem mais protegidos aqui dentro do que lá fora. Aqui dentro eles sabem, não só aqui como em outras também, aqui não tem como eles serem roubados, eles andam, eles dormem no chão, eles fazem o que quiser, tá tranquilo. Se eles fizerem isso lá fora vai ter que andar com segurança, com tudo, e não dá conta ainda, sabe que não dá conta. Essas paradas assim, cara, aqui não tem. (Claudio, 23 anos, pintor)

Neste relato é interessante destacar a expressão de uma concepção de liberdade, ou a ideia da constituição de uma dinâmica social pautada em uma liberdade diferente, que se desenvolveria nos territórios das favelas de maneira geral, contrastando com o tipo de liberdade em outros territórios da cidade. A vida cotidiana passaria por outro modelo de regulação no território da Rocinha e os “de fora” seriam atraídos, pois na opinião do entrevistado, supostamente vivem em uma situação de maior rigidez em relação ao cumprimento das regras e das normas a serem obedecidas na cidade formal.

No entanto, esta concepção de liberdade deve ser problematizada levando em conta que a experiência social dos “de fora” na Rocinha está limitada a determinadas atividades e momentos, por exemplo, os momentos de diversão. Além disso, outras questões poderiam ser indagadas, tais como “de que forma os ‘de fora’ experimentam essa liberdade na Rocinha?”; “Esta seria uma concepção compartilhada pelos ‘de fora’?”; “Existem tipos diferentes de liberdade de acordo com as diversas situações sociais vivenciadas pelos indivíduos ‘de fora’ e ‘de dentro’?”. Insisto em que, para tentar responder a tais questões, seria necessária a realização de outra pesquisa.

Por fim, proponho um último ponto que seria a movimentação dos “de fora” pelo território da Rocinha. Pelos motivos que já foram ressaltados aqui, a Rocinha é considerada uma favela “aberta”. No entanto, isto não quer dizer que foram superadas as fronteiras simbólicas e territoriais por parte dos frequentadores. Além disso, existem espaços que sua organização e estrutura – bem como pela facilidade de acesso – contribuem para a vinda de quem é “de fora”.

A quadra da escola de samba Acadêmicos da Rocinha é destacada como um desses espaços, que atrai um público diferenciado dos “de dentro”, em função do tipo de atividades que acontece no local, bem como a sua localização, como pode ser observada na mancha de lazer (ANEXO A-1), pois este espaço está fora do território da Rocinha.

Pesquisadora: E na Acadêmicos (da Rocinha) é um pouco caro?

Luciana: Bem caro (...). A última vez que eu fui eu paguei R\$15,00 para entrar e antes de meia-noite é R\$10,00.

Pesquisadora: Mas por que é esse valor ali?

Claudio: É por causa do ponto. É porque além de ser na Acadêmicos da Rocinha – é o Acadêmicos da Rocinha – não é quadra da Rua 1, não é Emoções, não.

Ana: É bem conhecida.

Claudio: É um lugar ali que todo mundo vai. Todo mundo. Ali, da gente (da Rocinha), quem quiser ir para lá, é *intrusão* bem dizer, porque o que eu vou fazer em uma boate, um exemplo, eu vou lá para falar com os outros, para beber uma cerveja e acabou? É a mesma coisa ali, pô, ali é mais para quem tem dinheiro.

Ana: Ali é mais bem-vindo o povo de fora do que o povo da própria comunidade.

Pesquisadora: Mas, me diz uma coisa, Ana, você tá falando que é mais bem-vindo o povo de outros lugares do que da comunidade, mas por que você acha isso?

Ana: Ah! Sei lá, tipo assim, se chegar uma pessoa arrumada que eles veem que não é do morro é mais bem-tratada, é tipo assim, melhor. Dá para ver a diferença, o jeito que te olham assim. Às vezes até o fato de você comprar uma coisa se for para te atender, vai atender melhor quem não é de lá. E tem lugar aí, pelo menos no dia que eu fui, no dia da Furacão (baile da equipe), eu vi mais gente que eu nunca vi no morro do que o povo que eu conhecia. (Luciana, 18 anos, desempregada; Ana, 17 anos; Claudio, 23 anos, pintor)

Nessa conversa, estabelecida com três entrevistados, percebe-se como a dinâmica do lazer é diferente de acordo com a localização, o reconhecimento e as atividades desenvolvidas em um determinado espaço de lazer.

O entrevistado Claudio resalta que o espaço da Acadêmicos da Rocinha é conhecido por seu *nome*, quando salienta que “é o Acadêmicos da Rocinha”, e que tal reconhecimento seria diferente em comparação ao Clube Emoções e à Quadra

Poliesportiva. O *ponto*, ou seja, a sua localização também facilita o acesso (de carro, de ônibus, de táxi) e torna mais visível o local para quem é “de fora”.

A quadra da Acadêmicos da Rocinha é um espaço com uma estrutura muito boa para shows, tem um amplo estacionamento em frente ao local e tem as frisas e os camarotes que podem ser comprados. É comum ver os “gringos” na quadra principalmente na época do carnaval. Além disso, o estilo musical do samba atrai moradores de outros bairros da zona sul, que inclusive costumam desfilarem pela escola.

Além do samba, nesse espaço também são realizados shows de outros estilos musicais, como pagode e funk, que atrai os moradores da Rocinha. No entanto, as atividades são consideradas “caras” por alguns moradores, visto que o valor dos ingressos é um pouco mais alto do que os praticados na maioria dos outros espaços dentro da Rocinha. O consumo de bebidas também fica restrito, pois o valor é diferenciado. Por exemplo, há possibilidade de consumir uma lata de cerveja no Clube Emoções pelo valor de R\$1,00 ou R\$2,00, enquanto na quadra da escola de samba, a lata não custa menos que R\$3,00, bem como outros produtos também têm preços diferenciados.

A população interna da Rocinha também é heterogênea economicamente e, por isso, certa parcela do público é formada por moradores locais. Dentre esta parcela de público, talvez o perfil seja um pouco diferenciado em relação aos frequentadores assíduos de bailes funk na casa de show ou na rua. Nos comentários colhidos, percebemos que os entrevistados reclamam do valor dos ingressos e das bebidas e até do tratamento dado aos moradores locais. Talvez estes sejam alguns dos fatores que influenciam a frequência esporádica desse espaço por parte dos moradores, além do que, lá, não ocorrem atividades em todos os finais de semana.

De maneira geral, apesar de ser ressaltada a presença dos “de fora” no território da Rocinha, muitos moradores com quem conversei notam que eles se concentram mais em atividades realizadas na casa de show ou na parte baixa da Rocinha. Ou seja, nos espaços que estão próximos das vias principais de acesso ao território, de circulação de pessoas, de locomoção de veículos e concentração do comércio. Em última análise, são preferidos os espaços de lazer próximos da fronteira territorial com o bairro de São Conrado, especialmente quando se considera a localização da casa de show.

Quanto mais se adentra ao território da Rocinha, mais o número dessas pessoas “de fora” tende a diminuir. Em alguns casos isso ocorre em função do medo, pois é possível deparar-se com traficantes armados ou ficar mais exposto a qualquer tipo de conflito violento que possa vir a ocorrer no local de forma inesperada. Outro fator que inibe a circulação de pessoas “de fora” corresponde ao fato de elas não saberem se movimentar por outras partes do território da Rocinha, por entre seus becos, vielas e caminhos.

Portanto, para fazerem essa circulação, vão depender dos amigos ou conhecidos que moram no local, e com os quais costumam ir a outros espaços. Mas, neste caso, são necessários contatos e relações estabelecidas previamente através de elos de amizade entre os “de dentro” e os “de fora”. Por isso, a parte baixa da Rocinha é mais frequentada e movimentada no sentido de receber pessoas “de fora” para diversão noturna, independentemente de contatos pré-estabelecidos.

Os processos de identificação social para reconhecer os “de fora” como pertencentes a outra classe social, daqueles que são “de fora”, moradores de outras favelas, também sofrem influência no atravessamento dessas fronteiras territoriais, e principalmente das fronteiras simbólicas, em função da dinâmica da violência urbana, assunto que já foi abordado exaustivamente neste trabalho.

A dinâmica do lazer e suas práticas engendram muitas questões sociais que podem ser analisadas pelos aportes teóricos da microssociologia e da antropologia urbana. Neste trabalho levantei algumas questões e não cheguei a desenvolver reflexões aprofundadas sobre todas elas. A análise das interações entre os indivíduos traz problemáticas multifocadas em relação aos aspectos micro e macro da nossa sociedade e a forma como elas se manifestam nas relações sociais. Ressalto, portanto, que as análises da favela precisam ser realizadas, reconhecendo-se a diversidade cultural e social dentro desse território, bem como os vários interesses em disputa no campo das formulações dos discursos sociais a respeito das problemáticas sociais.

Considero que as análises apresentadas neste trabalho se propõem a valorizar a observação da dinâmica social entrelaçada à vida cotidiana e as práticas sociais desenvolvidas em contextos marcados pela desigualdade, segregação, estigma e preconceito, levando ainda em conta a perspectiva de análise situacional e performática que envolve os vários sujeitos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei as análises e reflexões da presente dissertação ao longo dos capítulos que a compõem de forma processual e correlacionada. Portanto, nesta parte exponho as principais reflexões desenvolvidas a partir dos dados oriundos desta pesquisa.

Este trabalho teve como um de seus principais objetivos construir uma análise socioantropológica sobre a dinâmica social do cotidiano da Rocinha, a partir de uma abordagem direcionada ao desenvolvimento das práticas e atividades de lazer de seus moradores no seu contexto social.

A temática do lazer pode ser considerada ainda pouco recorrente nos estudos sobre o cotidiano das favelas, onde se observa a predominância de temas, tais como violência, pobreza, processo de urbanização, ações coletivas, educação e saúde pública. Dediquei-me à temática da dinâmica do lazer com o intuito de propor uma nova chave analítica para discutir as questões referentes à vida social nas favelas. Neste trabalho tais questões abordam a constituição das práticas de lazer, a diversidade cultural e a heterogeneidade social, a construção de discursos essencializados, baseados em estigmas e estereótipos, e as experiências sociais desenvolvidas nas favelas, em especial na Rocinha, considerando a segregação socioespacial e as desigualdades presentes na cidade do Rio de Janeiro.

Para tanto, ancorei este estudo em algumas bases teóricas da microsociologia e da antropologia urbana e produzi dados etnográficos para elaborar reflexões interpretativas e discursos, relevando a dimensão situacional das experiências sociais entre os sujeitos sociais.

Uma das críticas formuladas neste trabalho está voltada para o questionamento dos discursos que tentam definir o que é “a favela” a partir de uma perspectiva essencializadora. Ou seja, de acordo com o contexto histórico e social de referência são produzidos discursos sobre as favelas de forma a delimitar estes territórios através de características específicas e homogeneizantes. A partir disso, são geradas perspectivas generalizadas para todas as favelas, promovendo uma redução analítica da complexidade social, cultural, econômica e política desses territórios, promovendo a produção de estereótipos e estigmas, compartilhados pelo senso comum, por instituições do governo e pela sociedade em geral.

Os discursos construídos a partir da tendência essencializadora são incoerentes com os contextos observados nas favelas visto que não partem do pressuposto de que as favelas são plurais e apresentam dinâmicas sociais distintas entre si e internamente.

As práticas de lazer e as atividades de lazer não estão imunes a classificações essencialistas. Apresentei algumas reflexões que apontam como os estigmas e estereótipos sobre as favelas atravessam a sua principal atividade de lazer: o baile funk. Discuti aqui o modo como o funk e a categoria funkeiro foram usados para classificar as práticas de lazer e as juventudes das favelas, ao mesmo tempo em que passaram por um processo de criminalização. Como contraponto, procurei demonstrar a heterogeneidade que existe em relação às atividades vinculadas ao funk nas favelas e pela cidade, bem como a diversidade de público e espaços sociais que abrangem esse estilo musical. Indiquei o reconhecimento do funk enquanto manifestação cultural e sua apropriação pela indústria cultural.

Nesse sentido, proponho que “favelas” são construídas por discursos, que a sua vez são manipuláveis, fluídos e difusos. Esses discursos podem ser diversos de acordo com os interesses em questão e situações sociais de referência, tanto por parte dos agentes do governo como pelos próprios moradores de favelas.

Outra questão importante a ser considerada é a de avaliar quem tem mais condições e/ou possibilidades para impor e propagar classificações sobre as favelas. A tendência essencializadora está muito presente no discurso institucional, que difunde suas concepções baseadas na defesa da ordem social, da legalidade e da moralização. Por outro lado, isso não quer dizer que os discursos construídos pelos moradores nas próprias favelas estejam imunes a essa mesma essencialização.

Contudo, devem-se observar quais são os efeitos sociais do discurso essencializador e a “carga” positiva ou negativa de significado que ele traz, a partir do segmento social ou instituição que o enuncia. Tais definições de cunho essencializador, portanto, devem ser compreendidas como práticas discursivas construídas “dentro” e “fora” das favelas, mas que são influenciadas pelo jogo de forças sociais e disputas de poder existente em nossa sociedade.

A dimensão da heterogeneidade social foi examinada a partir da diversidade das práticas de lazer existentes na Rocinha e as múltiplas influências culturais e sociais pelas quais elas se constituem. Com isso, busquei questionar a noção de “cultura da favela”, pois indiquei que a favela da Rocinha é multifacetada do ponto

de vista de suas dinâmicas social, estrutural, econômica e cultural. Para entender como os contextos sociais nas favelas são construídos de maneira diferenciada não é indicado reduzir as análises sociais às problemáticas que enfatizam a pobreza e os conflitos violentos, sem, no entanto, desconsiderar que estas são questões que também constituem estes e outros territórios.

A Rocinha é uma favela de perfil midiático, localizada na zona sul do Rio de Janeiro e sua população tem uma composição social diversa, ainda que com uma presença significativa de nordestinos. O comércio e os serviços oferecidos nesta favela têm algumas características que a tornam um local de “atração” tanto para pessoas de outras regiões da cidade como para turistas estrangeiros, principalmente quando verificamos o atual desenvolvimento da modalidade “turismo de favela” ou turismo de pobreza.

Estes aspectos também interferem na dinâmica do lazer desenvolvida e permeada pelas questões das desigualdades, dos conflitos, das experiências de segregação e do preconceito. E isso foi discutido ao longo deste trabalho como uma das formas de perceber a heterogeneidade da vida social nas favelas.

A predominância de determinados tipos de diversão, principalmente das modalidades de baile funk e forró devem ser interpretadas para além da ideia de homogeneização das práticas de lazer. É importante considerar o potencial de (re)produção lucrativa de determinadas atividades de lazer em relação a outras. Por vezes prioriza-se uma dimensão comercial atrelada à massificação cultural no que se refere ao oferecimento de opções diversificadas de atividades de lazer, mesmo vinculadas a outras referências culturais. No entanto, isto não significa que não existam gostos diferenciados entre os moradores de favela.

O papel do Estado, atrelado à garantia dos direitos sociais, dentre eles o direito ao lazer, com investimento de recursos, deve promover parcerias com outros atores sociais para ampliar as áreas públicas de lazer na Rocinha.

Para tanto, é importante compreender como se desenvolve a dinâmica do lazer e suas práticas locais, reconhecendo tais relações como premissas para a criação e implementação de projetos sociais por parte do governo ou por organizações não governamentais. São recorrentes ações nesse sentido, que atuam a partir de uma perspectiva essencializada em relação às juventudes das favelas, quando associam ao lazer e ao esporte a ideia de salvação e de disciplinarização de

uma juventude pretensamente disposta a ingressar no “mundo do crime” como única alternativa diante das expectativas de suas vidas.

A reflexão proposta neste trabalho problematiza a questão do direito ao lazer, pois entende que, por parte do poder público, as medidas voltadas para esta área devem contribuir para a promoção de qualidade de vida e para o reconhecimento de que as práticas sociais dos jovens moradores de favelas representam uma dimensão importante da vida, do ponto de vista do engendramento de sociabilidades e articulação de laços sociais. As propostas de projetos e iniciativas podem contribuir também para ampliar o leque de opções e criar oportunidades para se conhecer novas modalidades de lazer, permitindo o acesso a outras referências culturais, diferente de tentar impor padrões culturais dominantes.

Também foi apontado que os espaços públicos e privados de lazer podem ser usados de várias formas para cumprir os objetivos de entretenimento. Eles podem ter organização e estruturas diferenciadas no território da Rocinha. O breve histórico da casa de show Clube Emoções da Rocinha serviu para compreender o processo pela qual ela foi organizada, as mudanças influenciadas pela emergência de determinados estilos musicais ao longo do tempo, e a importância que ela adquiriu como referência de espaço de lazer para os jovens moradores da Rocinha, bem como para pessoas de outros pontos da cidade. Outro dado interessante sobre esta casa de show foi a sua contribuição para o que pode ser considerado um primeiro impulso de “entrada” e circulação de pessoas pela Rocinha.

A partir das categorias nativas “de dentro” e “de fora”, utilizadas para classificar os frequentadores das atividades de lazer na Rocinha, foi possível perceber as sutilezas e as ambiguidades envolvidas no processo de identificação social dos indivíduos “de fora” que visitam a favela. O levantamento das impressões dos jovens moradores da Rocinha (os “de dentro”), quando eles compartilham o espaço de lazer da casa de show com os “de fora”, foi importante para perceber como ocorre um processo de classificação e identificação social nessa situação de contato não necessariamente verbal.

A linguagem do corpo ou idioma do corpo (GOFFMAN, 2010) oferece os elementos de identificação das diferenças ligadas ao pertencimento social dos “de fora”. As marcas de distinção social (BOURDIEU, 2007) associada à classe social privilegiada da nossa sociedade permitem classificar os indivíduos a partir da

observação do seu comportamento no baile funk, dos acessórios do vestuário, do jeito de falar e de dançar.

Tais elementos seriam considerados características dos indivíduos que trazem outras referências de capital econômico e cultural, ou seja, dos elementos que constituem o *habitus* de classe e o estilo de vida diferenciado dos “de fora” em comparação com os “de dentro”. Estas pessoas, portanto, causam estranhamento acentuado e seriam identificadas como o “outro”. Enquanto isso, os “de fora” que compartilham as mesmas condições sociais, e locais de moradia semelhantes aos dos moradores da Rocinha, como outras favelas e bairros periféricos, não causariam estranhamento acentuado nas situações sociais de diversão.

Articulando a observação deste processo de identificação social à discussão sob a perspectiva essencializadora, nota-se que os elementos usados para construir a definição do pertencimento social de classe dos “de fora” está permeada por uma tendência essencializadora de homogeneizar estes indivíduos através dos aspectos salientados. No entanto, os efeitos sociais desse tipo de essencialização, que recaem sobre este grupo, não são os mesmos em comparação ao grupo dos moradores de favela.

Geralmente os atributos sociais incorporados pelas classes economicamente privilegiadas não expressam uma carga de sentido depreciativa, pois nas avaliações sociais sobre tais atributos prevalece a perspectiva do sociocentrismo (SOUZA e SILVA, 2007), que lhes favorece. No caso dos atributos sociais dos moradores de favela são acionados os estigmas e estereótipos construídos social e historicamente que reforçam o preconceito sobre essas pessoas.

Este é o efeito perverso dos estigmas e estereótipos sociais, que recaem sobre os moradores de favela, mas que nem sempre são questionados por eles mesmos.

Os estigmas e estereótipos podem influenciar os contatos sociais mistos e a ampliação das redes de relações e intercâmbio entre grupos sociais distintos. Porém, reconheço que estudos mais aprofundados precisariam ser realizados para verificar a multiplicidade de fatores, interesses, experiências sociais e outras questões sociais, durante as situações sociais de contatos mistos através do compartilhamento de práticas sociais de lazer, em contextos de segregação socioespacial na cidade.

Outras questões foram levantadas ao longo desta pesquisa, mas algumas não puderam ser examinadas com o aprofundamento analítico apropriado. Outras trazem à tona problemáticas muito interessantes para o desenvolvimento de estudos posteriores. Portanto, seguindo as questões levantadas neste trabalho e as reflexões realizadas com base na pesquisa concluída, considero que estes foram os primeiros passos analíticos que me estimulam a continuar na longa caminhada pelas estradas sinuosas da pesquisa social.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. Tempo livre. *In*: Jorge M.B. de ALMEIDA (Org.). **Indústria cultural e sociedade**. Tradução de Julia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.103-117.
- ALMEIDA, M.I.M. de. **Noites nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- AZEVEDO, A.N. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**. Niterói, EDUFF, vol. 1 (set/dez), 1985, p.35-63.
- BEAUD, S. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida; revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.
- BECKER, H.S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução de Marcos Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BHABHA, H.K. O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência. *In*: Homi K. BHABHA. **O local da cultura**. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003, p.275-314.
- BHABHA, H.K. Como o novo entra no mundo. *In*: Homi K. Bhabha. **O local da cultura**. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003, p.335-372.
- BIRMAN, P. Favela é comunidade? *In*: Luiz Antonio Machado da SILVA (Org.). **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.99-114.
- BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J.F. Teixeira. Porto Alegre: ZOUK, 2007.
- BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. *In*: Pierre BOURDIEU. **Questões de sociologia**. Tradução de Miguel S. Pereira. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.112-121.
- BURGOS, M.B. Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. *In*: Alba ZALUAR e Marcos ALVITO (Orgs.). **Um século de favela**. 4.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.25-60.
- CALDEIRA, T.P. do R. **Cidade de Muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: EDUSP: Editora 34, 2000.
- CASTRO, L.R. **A aventura urbana**: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

CECCHETTO, F. As Galeras Funk Cariocas: entre o lúdico e o violento. *In: Hermano VIANNA (Org.). Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais.* Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1997, p.95-118.

CHATTERJEE, P. A nação em tempo heterogêneo. *In: Partha CHATTERJEE. Colonialismo, modernidade e política.* Tradução de Fábio B. Figueiredo. Revisão científica e da tradução de Valdemir Zamparoni. Salvador: EDUFBA, 2004, p.67-95.

COELHO, G. do N. **Espaço vivido favela:** brincadeiras infantis nos espaços livres da Rocinha. Dissertação. Mestrado em Arquitetura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

DAS, V. y POOLE, D. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, n.º 27, p.19-52. Buenos Aires, UBA, 2008.

ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação.** Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1985.

FACINA, A.; MC Leonardo. O funk no contexto da criminalização da pobreza. **Jornal O Brasil de Fato**, São Paulo, 01 jan. 2009, p.7.

FREIRE-MEDEIROS, B. **Gringo na laje:** produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

GLOBO. Cabral defende aborto contra violência no Rio de Janeiro. **Portal G1 de Notícias.** 24/10/2007. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,MUL155710-5601,00-CABRAL+DEFENDE+ABORTO+CONTRA+VIOLENCIA+NO+RIO+DE+JANEIRO.html>> Acesso em: 31/01/2010.

GOFFMAN, E. **Comportamento em lugares públicos:** notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

HEYE, A.M. A questão da moradia numa favela do Rio de Janeiro ou como ter *Anthropological blues* sem sair de casa. *In: Gilberto VELHO (Coord.). O desafio da cidade:* novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p.117-142.

KAZTMAN, R. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. **Revista de Cepal**, nº 75, diciembre de 2001. (Versión no editada)

KLINTOWITZ, D.C. **A (re)invenção da praça:** a experiência da Rocinha e suas fronteiras. Dissertação. Mestrado em Urbanismo. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2008.

LEITE, M.P. Da metáfora da guerra à mobilização pela paz: temas e imagens do Reage Rio. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem (NAI). Rio de Janeiro, 1995.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n.º 49, 2002, p.11-29.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MILLS, C.W. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

NOVAES, R.R. Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. *In*: Hermano VIANNA (Org.). **Galerias cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1997, p.119-160.

PERES, F.F. **Lazer, Juventude e Sociabilidade em um Conjunto de Favelas Cariocas**. Tese. Doutorado em Ciências da Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, 2009.

PORTAL CAPES. Banco de Teses da Capes. Disponível em:
<<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>> Acesso em: 26/04/2011.

RAMOS, S. Criminalidade, segurança pública e respostas brasileiras à violência. (2004). Disponível em:
<http://www.ourinhos.unesp.br/gedri/biblioteca/outros/artigos/ramos_01.pdf> Acesso em: 16/06/2011.

SAID, E.W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, O. Construção de Creche-Modelo 'aposenta' principal *point* da folia de rua da Rocinha. Disponível em: <<http://www.rocinha.org/obrasdopac/view.asp?id=813>> Acesso em: 08/02/2010.

SEGALA, L.; SILVA, T.R. (Orgs.). **Varal de Lembranças**: histórias e causos da Rocinha. Rio de Janeiro: União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha, Tempo e Presença: SEC: MEC: FNDE, 1983.

SILVA, L.A.M. Afinal, qual é a das UPPs? Disponível em:
<www.observatoriodasmetrolopoles.ufrj.br> Acesso em: 18/07/2011.

SILVA, L.A.M. da (Org.). **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, L.A.M. da (Org.). Introdução de **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.13-26.

SILVA, L.A.M. da. A continuidade do 'Problema da Favela'. *In*: Lucia Lippi OLIVEIRA (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SOUZA E SILVA, J. Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. *In*: Milton SANTOS *et al.* **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p.209-230.

VALLADARES, L.P. Educação e mobilidade social nas favelas do Rio de Janeiro: O caso dos universitários (graduandos e graduados) das favelas. **Revista Dilemas**. 2009. Disponível em: <<http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/Dilemas5-6Art6.pdf>> Acesso em: 24/07/2011.

VALLADARES, L.P. **A invenção da favela**: do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VALLADARES, L.P.; MEDEIROS, L. **Pensando as favelas do Rio de Janeiro (1906-2000)**: uma bibliografia analítica. Colaboração de Filippina Chinelli. Rio de Janeiro: FAPERJ: URBANDATA: Relume Dumará, 2003.

VELHO, G. Observando o familiar. *In*: Edson de Oliveira NUNES (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.36-46.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANEXO A

Anexo A-1 – Mapa da Mancha de Lazer

Imprimir separado, dobrar, colar aqui antes de encadernar

ANEXO B

Anexos B (vários) – Panfletos de eventos culturais, festas e show



Figura 1: Panfleto de divulgação da Festa Favela Chic



Figura 2: Panfleto do espetáculo teatral Via Sacra da Rocinha



Figura 3 – Panfletos de show realizado na “Arena do S”, na Curva do S.



Figura 4 – Panfleto da Festa da Rádio Muvuca na “Arena do S”, na Curva do S.



Figura 5 – Capa do Jornal Rocinha Notícias



Figura 6 – Panfleto do Arraiá da Rocinha

MAKI SUSHI BAR
COMIDA JAPONESA

YAKISSOBA

Legumes	R\$ 8,00
Carne	R\$ 10,00
Frango	R\$ 10,00
Camarão	R\$ 12,00
Frutos do mar	R\$ 14,00

HARUMAK (8 unidades)

Legumes	R\$ 8,00
Frango	R\$ 10,00
Camarão	R\$ 10,00
Queijo	R\$ 10,00

COMBINADOS

Combinado maki <i>Simple (15 peças)</i>	R\$ 14,00
Combinado (20 peças)	R\$ 20,00
Combinado (30 peças)	R\$ 28,00
Combinado (40 peças)	R\$ 38,00
Combinado super maki (50 peças)	R\$ 48,00

TEMAKI (1 cone)

Salmão	R\$ 5,00
Atum	R\$ 5,00
Camarão	R\$ 5,00
Califórnia	R\$ 4,00
Salmão skin	R\$ 4,00
Kani	R\$ 4,00

FURAI-MILANESA (2 pessoas)

Carne	R\$ 16,00
Luia	R\$ 18,00
Frango	R\$ 18,00
Salmão	R\$ 20,00

Camarão Paulista (porção) R\$ 20,00

Figura 7 – Panfleto de divulgação de um restaurante japonês na Rocinha

ANEXO C**Anexo C-1 – Foto de uma atividade de lazer**

Imagem 7 – Foto do baile funk do “Emoções” da Rocinha com a equipe de som
Fonte: Foto do acervo da pesquisadora (2012)